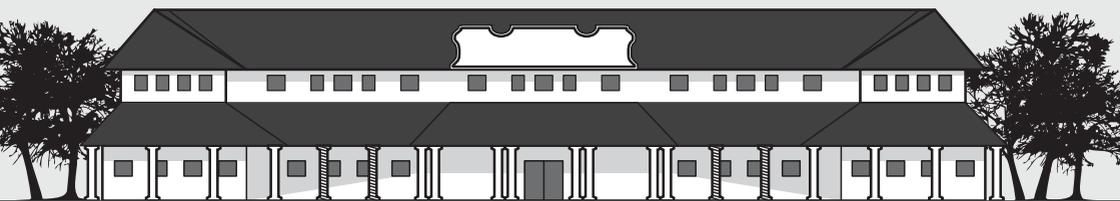


Volume 1

# DO INSTITUTO AGRONÔMICO DO NORTE À EMBRAPA AMAZÔNIA ORIENTAL

personagens ilustres, tempo e memória (1939–2019)



Edição em comemoração aos 80 anos da criação do  
Instituto Agrônômico do Norte, em 6 de maio de 1939

*Alfredo Kingo Oyama Homma  
Izabel Cristina Drulla Brandão*  
Editores Técnicos



**Embrapa**

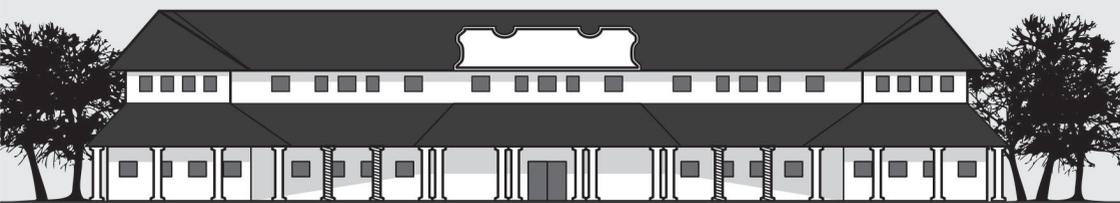


*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Embrapa Amazônia Oriental  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Volume 1

# DO INSTITUTO AGRONÔMICO DO NORTE À EMBRAPA AMAZÔNIA ORIENTAL

personagens ilustres, tempo e memória (1939–2019)



Edição em comemoração aos 80 anos da criação do  
Instituto Agrônômico do Norte, em 6 de maio de 1939

*Alfredo Kingo Oyama Homma  
Izabel Cristina Drulla Brandão*  
Editores Técnicos

**Embrapa**  
Brasília, DF  
2020

**Embrapa Amazônia Oriental**

Tv. Dr. Enéas Pinheiro, s/n  
CEP 66095-903 Belém, PA  
Fone: (91) 3204-1000  
www.embrapa.br  
www.embrapa.br/fale-conosco/sac

**Unidade responsável pelo conteúdo e pela edição**

Embrapa Amazônia Oriental

Comitê Local de Publicação

Presidente

*Bruno Giovany de Maria*

Secretário-executivo

*Ana Vânia Carvalho*

Membros

*Alfredo Kingo Oyama Homma*

*Alysson Roberto Baizi e Silva*

*Andréa Liliâne Pereira da Silva*

*Luciana Gatto Brito*

*Michellyn Pinheiro de Matos Bentes*

*Narjara de Fátima Galiza da Silva Pastana*

*Patrícia de Paula Ledoux Ruy de Souza*

Supervisão editorial e revisão de texto

*Narjara de Fátima Galiza da Silva Pastana*

Normalização bibliográfica

*Andréa Liliâne Pereira da Silva*

Projeto gráfico, capa, tratamento de ilustrações e fotografias e editoração eletrônica

*Vitor Trindade Lôbo*

Colaboradora

*Kátia Simone Pimenta de Oliveira*

Foto da capa

*Arquivo Embrapa*

**1ª edição**

Publicação digital (2020)

**Todos os direitos reservados.**

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

---

A Embrapa é uma empresa que respeita os Direitos Autorais, porém, em algumas fotos utilizadas nesta obra, não foi possível identificar a autoria. Se você é autor de qualquer foto utilizada nesta obra, por favor, procure a Embrapa Amazônia Oriental.

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Embrapa Amazônia Oriental

---

Do Instituto Agrônômico do Norte à Embrapa Amazônia Oriental : personagens ilustres, tempo e memória (1939–2019) / editores técnicos, Alfredo Kingo Oyama Homma, Izabel Cristina Drulla Brandão, – Brasília, DF : Embrapa, 2020.  
PDF (135 p.) : il. color.

ISBN 978-65-86056-58-7

1. Biografia. 2. Pesquisador. 3. Instituição de pesquisa – Amazônia. 4. História. I. Homma, Alfredo Kingo Oyama. II. Brandão, Izabel Cristina Drulla. III. Embrapa Amazônia Oriental.

CDD (21. ed.) 925.811

---

Andréa Liliâne Pereira da Silva (CRB-2/1166)

© Embrapa, 2020

# Autores

## **Alfredo Kingo Oyama Homma**

Engenheiro-agrônomo, doutor em Economia Rural, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

## **Aline Fernanda Wisniewski Dias**

Administradora, mestre em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, técnica da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, Belém, PA

## **Ana Laura Lima**

Jornalista, analista da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

## **Antônio Ribeiro Lopes Sobrinho**

Engenheiro-agrônomo, servidor do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, São Luís, MA

## **Ari Pinheiro Camarão**

Engenheiro-agrônomo, doutor em Zootecnia, pesquisador aposentado da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

## **Augusto Rodrigues Filho**

Engenheiro-agrônomo, diretor-presidente do Instituto Tecnológico e Ambiental da Amazônia, Belém, PA

## **Benito Barbosa Calzavara**

Engenheiro-agrônomo, técnico do Banco da Amazônia, Belém, PA

## **Carla Calzavara Coelho de Souza**

Engenheira-agrônoma, técnica da Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, PA

## **Daniela Cardoso Moraes**

Licenciada em Letras Língua Portuguesa, mestre em Literatura Brasileira, professora de Literatura no Colégio Lato Sensu, Manaus, AM

**Eduardo Lacerda Ramos**

Engenheiro-agrônomo, doutor em Desenvolvimento Econômico, professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA

**Eduardo Yassuhiro Ohashi**

Engenheiro-agrônomo, mestre em Agronomia, servidor aposentado da ex-Secretaria de Estado de Agricultura do Pará, Belém, PA

**Eloisa Maria Ramos Cardoso**

Engenheira-agrônoma, mestre em Fitotecnia, pesquisadora aposentada da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

**Gina Barbosa Calzavara**

Administradora, servidora da Universidade Federal do Pará, Belém, PA

**Gustavo Luiz Batista D'Angiolella**

Engenheiro-agrônomo, mestre em Ciências Agrárias, doutor em Meteorologia Agrícola, professor da Universidade de Brasília, Brasília, DF

**Hermínio Maia Rocha**

Engenheiro-agrônomo, doutor em Fitopatologia, pesquisador aposentado da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, Brasília, DF

**Italo Claudio Falesi**

Engenheiro-agrônomo, pesquisador aposentado da Embrapa Amazônia Oriental, consultor técnico da Fattoria Piave – Empreendimentos Rurais Sustentáveis, Igarapé-Açu, PA

**Izabel Cristina Drulla Brandão**

Jornalista, analista da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

**João Murça Pires (*in memoriam*)**

Engenheiro-agrônomo, doutor em Ecologia Florestal, pesquisador aposentado da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

**Joaquim Ivanir Gomes**

Engenheiro-agrônomo, mestre em Engenharia Florestal, pesquisador aposentado da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

**José Adérito Rodrigues Filho**

Engenheiro-agrônomo, mestre em Zootecnia, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

**José Edmar Urano de Carvalho**

Engenheiro-agrônomo, mestre em Fruticultura, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

**José Maria Hesketh Condurú Neto**

Engenheiro-agrônomo, professor aposentado da Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, PA

**Karina Kato Carneiro**

Odontóloga, doutora em Odontologia, professora da Universidade Centro Universitário do Maranhão (Ceuma), São Luís, MA

**Leopoldo Brito Teixeira**

Engenheiro-agrônomo, doutor em Biologia, pesquisador aposentado da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

**Lucieta Guerreiro Martorano**

Engenheira-agrônoma e meteorologista, doutora em Fitotecnia, pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental, Santarém, PA

**Maria Clarice Baleeiro de Sá Adami**

Psicanalista, membro do Círculo Psicanalítico da Bahia, Salvador, BA

**Mauro Farias Gato**

Engenheiro-agrônomo, extensionista aposentado da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará, Belém, PA

**Paulo Sérgio Bevilaqua de Albuquerque**

Engenheiro-agrônomo, doutor em Fitopatologia, pesquisador da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira, Marituba, PA

**Rui Abreu de Albuquerque**

Técnico em Contabilidade, funcionário aposentado da Centrais de Abastecimento do Pará S.A., Belém, PA

**Walter Cardoso**

Engenheiro-agrônomo, superintendente do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, Belém, PA



# Agradecimentos

**A**gradecimentos especiais a Yoshio Kamizono, amazonense, formado em 1965 na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq), da Universidade de São Paulo (USP), pelo empenho na busca de uma fotografia de George O’Neill Addison, localizando para isso o fotógrafo Gerhard Waller, de Piracicaba, SP, que conseguiu fotografar uma existente no quadro de formandos de 1939. Agradecimentos extensivos a Luiz Gustavo Nussio, diretor da Esalq/USP, e à poetisa Carmen M. S. F. Pilotto, assistente técnica de direção da Esalq/USP, com relação a dados de George O’Neill Addison.

Agradecimentos especiais também a Eloisa Maria Ramos Cardoso e Rui Abreu de Albuquerque, pelas informações sobre a vida de Milton de Albuquerque; a Aline Fernanda Wisniewski Dias, sobre o pai Alfonso Wisniewski; ao professor José Maria Hesketh Condurú Neto, em relação ao pai, José Maria Pinheiro Condurú; a Benito Barbosa Calzavara, Gina Calzavara e Carla Calzavara, pelas lembranças compartilhadas a respeito do pai, professor Batista Benito Gabriel Calzavara; a Karina Kato Carneiro, pela biografia do pai, Armando Kouzo Kato; ao professor Marcos Antônio Souza dos Santos, José Adérito Rodrigues Filho, Moacyr Bernardino Dias-Filho e Raimundo Nonato Guimarães Teixeira, quanto às informações sobre Ermenson Peçanha Salimos; às jornalistas Ana Laura Lima e, em especial, Katia Simone Pimenta de Oliveira, por sua ajuda na redação nos textos de Carlos Hans Müller e Olinto Gomes da Rocha Neto.

A Paulo Sérgio Bevilaqua de Albuquerque e Natália Inagaki de Albuquerque, pelos dados biográficos e fotos de Fernando Carneiro de Albuquerque. A Tatiana Deane de Abreu Sá, por ceder a foto de Rosemary Moraes Ferreira Viégas. A Michell Olívio Xavier da Costa, por providenciar a foto de Therezinha Xavier Bastos. A Larissa Cardoso Moraes, pesquisadora, e Daniela Cardoso Moraes, professora, filhas de Vicente Haroldo de Figueiredo Moraes, pelas fotos e texto sobre o pai.

A Gustavo Luiz Batista D'Angiolella, Maria Clarice Baleeiro de Sá Adami, Nilza Baleeiro e aos professores Eduardo Lacerda Ramos e Amilcar Baiardi, que abriram os caminhos para a biografia de Archimar Bittencourt Baleeiro. A Hermínio Maia Rocha, que prontamente aceitou o convite para escrever sua autobiografia.

A Italo Claudio Falesi, por todas as informações sobre pessoas da época dos antigos Instituto Agronômico do Norte (IAN) e Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), assim como pela foto de Batista Benito Gabriel Calzavara.

Aos colaboradores na homenagem a Tarcísio Ewerton Rodrigues: filhas Sione Galvão Rodrigues, bibliotecária, e Patrícia Galvão Rodrigues, comunicadora social, pelas fotos e lembranças de família; pesquisador José Raimundo Natividade Ferreira Gama, pelas informações; Luciana Mota, Moacyr Bernardino Dias-Filho, Raimundo Barbosa Santos, Kelly Leite e Moisés Modesto Júnior, colegas da Embrapa que se mobilizaram para encontrar imagens do homenageado, assim como Sanny Mendes de Assis e Rejane Ewerton, secretárias, ex-estagiárias na equipe do pesquisador; e Thadeu Adriano Reis de Assis, pela fotografia.

A Sandra Maria Paiva Costa e Silvio Bruno Paiva Costa, viúva e filho de Silvio Leopoldo, por providenciarem foto e confirmarem dados sobre obras de autoria dele e datas de lançamento das publicações. A Valmi Borges da Silva, colega de Embrapa e de arte de Silvio, pela ajuda em situar no tempo a participação do homenageado nos festivais *Arte & Cidadania* da Embrapa. Aos pesquisadores que colaboraram na homenagem a Eurico Pinheiro: Maria do Pilar Henriques das Neves, Lucieta Guerreiro Martorano e Paulo Campos Christo Fernandes, respectivamente, pela revisão técnica da matéria jornalística republicada neste livro, pelo texto inédito e pela fotografia.

Pelo apoio na viabilização técnica e administrativa na editoração do livro, agradecimentos a Luciana Serra da Silva Mota, Luiza de Marillac Pompeu Braga Gonçalves, entre outros. A José Ribamar Santos, José Maria da Silva Fernandes e Lenir Pereira de Oliveira Amoras, pela ajuda na biblioteca da Embrapa Amazônia Oriental. A Antônio José Elias Amorim de Menezes e a Grimoaldo Bandeira de Matos, pelo apoio nas atividades na Embrapa Amazônia Oriental. Aos pesquisadores José Edmar Urano de Carvalho, Emeleócio Botelho de Andrade e Moisés Cordeiro Mourão de Oliveira Júnior, pelas discussões históricas sobre o passado na região.

# Apresentação

 É com grande satisfação que colocamos à disposição dos leitores o livro *Do Instituto Agrônômico do Norte à Embrapa Amazônia Oriental: personagens ilustres, tempo e memória (1939–2019)*, com edição técnica do pesquisador Alfredo Kingo Oyama Homma e da jornalista Izabel Cristina Drulla Brandão, como parte das comemorações dos 80 anos de criação do Instituto Agrônômico do Norte (IAN).

Acompanhar a biografia dos pioneiros sempre representa um alento e um incentivo na busca de soluções para a agricultura amazônica. Sem as facilidades do cotidiano, como celular, laptop e aviões, estes precisavam improvisar com o sexto sentido, a sorte, a capacidade de observação, a improvisação e o foco das atividades que desempenhavam. Chamam a atenção, por exemplo, as longas distâncias que tinham de ser percorridas por via fluvial, assim como o conhecimento focado em uma determinada planta, animal ou tema ao longo da existência como pesquisadores.

Esta coletânea tem por objetivo também identificar a razão da homenagem, nem sempre conhecida no presente, implícita na designação de prédios, auditórios, laboratórios e locais especiais na Embrapa Amazônia Oriental.

Neste primeiro volume, são contempladas 23 biografias: Adolpho Ducke, Milton de Albuquerque, George Alexander Black, George O'Neill Addison, Alfonso Wisniewski, Batista Benito Gabriel Calzavara, Rubens Rodrigues Lima, Archimar Bittencourt Baleiro, Eurico Pinheiro, José Maria Pinheiro

Condurú, Fernando Carneiro de Albuquerque, Italo Claudio Falesi, Tarcísio Ewerton Rodrigues, Vicente Haroldo de Figueiredo Moraes, Hermínio Maia Rocha, Cristo Nazaré Barbosa do Nascimento, Therezinha Xavier Bastos, Carlos Hans Müller, Ermenson Peçanha Salimos, Rosemary Moraes Ferreira Viégas, Armando Kouzo Kato, Olinto Gomes da Rocha Neto e Silvio Leopoldo Lima Costa. São pessoas que servem de exemplo para todos nós, pois fizeram a diferença na época em que dedicaram suas vidas a esta instituição, duas tragicamente mortas no exercício de suas funções.

Aos que contribuíram para a concretização deste livro, expresso meus profundos agradecimentos. Uma boa leitura a todos.

*Adriano Venturieri*

Chefe-Geral da Embrapa Amazônia Oriental

# Prefácio

 Este livro faz parte das comemorações dos 80 anos do Instituto Agrônomo do Norte (IAN), criado em 1939. A instituição integra o conjunto de obras getulianas na Amazônia, região que compunha o esforço bélico dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. A ocupação dos seringais do Sudeste Asiático pelas tropas japonesas havia colocado em risco a oferta da borracha, um material estratégico, sem falar do quinino, cuja produção concentrava-se na Indonésia.

Toda família tem pioneiros reverenciados entre parentes e amigos. Em uma escala mais ampla, por serviços que prestaram à comunidade, município, estado ou país, são homenageados com a designação de ruas, praças, estátuas, prédios e escolas, ou fazem parte da história oficial. O sentido negativo também ocorre e a história está cheia desses exemplos.

Com a banalização do cotidiano expressa na mídia e nos aplicativos, tende-se a dar pouco valor ao civismo institucional, o qual, no entanto, precisa ser resgatado. Na Embrapa Amazônia Oriental, por exemplo, os auditórios Condurú, Armando Kato ou Cristo Nascimento são frequentemente mencionados, mas as pessoas que deram nome a esses pontos de reunião, quem foram? Como foi a história da criação do Instituto Agrônomo do Norte? Qual a origem da designação da Capoeira do Black? Dar alguma resposta nesse sentido é a razão da publicação deste livro.

Vinte e três biografias foram compulsadas neste primeiro volume, algumas retiradas de textos já publicados, porém atualizadas. Ficaram de fora biografias publicadas, como as de Enéas Calandrini Pinheiro, Felisberto Cardoso de Camargo, João Murça Pires e outros renomados pesquisadores, mas as referências nas quais podem ser localizadas estão indicadas nesta obra.

Nas atividades de trabalho consumimos grande parte do nosso tempo útil, característica comum desde os primitivos humanos, estes na busca de alimentos para a sua sobrevivência. Isto ficou evidente na elaboração deste volume, como quando a melhor informação sobre a contribuição dos biografados vinha mais por intermédio dos colegas de serviço do que dos próprios familiares.

Para o segundo volume, dentro do possível (já que é longo o tempo desde a morte de alguns biografados) pretende-se colher depoimentos com entrevistas, mediante localização de familiares e parentes, numa perspectiva muito mais humana do que técnica ou científica. Algumas biografias neste primeiro volume já seguem essa linha.

A História talvez seja a única ciência na qual os personagens podem mudar os resultados, o que não ocorre com as Ciências Exatas, cujas respostas seguem as leis da natureza. Novamente, a história está cheia de exemplos bons e ruins. O suicídio de Getúlio Vargas (1882–1954), o assassinato de John Kennedy (1917–1963) e a ascensão de Adolf Hitler (1889–1945) são exemplos polares em que o eixo da História foi modificado no momento da sua ocorrência. O resultado poderia ter sido diferente.

Os pesquisadores com as suas descobertas podem modificar a história de uma comunidade, município, estado, país ou do mundo. As descobertas científicas no passado dependeram muito do acaso, da intuição e da sorte. Assim ocorreu com Benjamim Franklin (1706–1790) quando inventou o para-raios em 1753; Edward Jenner (1749–1823), a vacina contra a varíola em 1796; Alexander Fleming (1881–1955) ao descobrir a penicilina em 1921; e Georges de Mestral (1907–1990), inventor do velcro em 1948, entre muitos outros.

Os problemas da Amazônia são todos conhecidos e os pesquisadores têm a capacidade de mudar essa realidade, aplicando o fordismo e o taylorismo na pesquisa científica (Jaan Valsiner). Os pioneiros do passado, com a sua persistência e a vida dedicada a um tema, devem servir de orientação para a busca de resultados concretos, para resolver a pobreza na Amazônia.

*Alfredo Kingo Oyama Homma*  
Editor Técnico

# Sumário

## **DO INSTITUTO AGRÔNOMICO DO NORTE À EMBRAPA AMAZÔNIA ORIENTAL, 15**

80 ANOS DE HISTÓRIA

*Alfredo Kingo Oyama Homma*

---

## **ADOLPHO DUCKE, 27**

(1876–1959)

*João Murça Pires*

---

## **MILTON DE ALBUQUERQUE, 29**

(1914–1983)

*Alfredo Kingo Oyama Homma*

*Eloisa Maria Ramos Cardoso*

*Rui Abreu de Albuquerque*

---

## **GEORGE ALEXANDER BLACK, 33**

(1916–1957)

*João Murça Pires*

---

## **GEORGE O'NEILL ADDISON, 37**

(1916–1967)

*Alfredo Kingo Oyama Homma*

---

## **ALFONSO WISNIEWSKI, 45**

(1918–1993)

*Aline Fernanda Wisniewski Dias*

---

## **RUBENS RODRIGUES LIMA, 49**

(1918–2014)

*Alfredo Kingo Oyama Homma*

---

## **BATISTA BENITO GABRIEL CALZAVARA, 53**

(1922–2011)

*Benito Barbosa Calzavara*

*Carla Calzavara Coelho de Souza*

*Gina Barbosa Calzavara*

---

## **ARCHIMAR BITTENCOURT BALEEIRO, 57**

(1924 – 2004)

*Gustavo Luiz Batista D'Angiolella*

*Maria Clarice Baleeiro de Sá Adami*

*Eduardo Lacerda Ramos*

---

## **EURICO PINHEIRO, 61**

(1927–2011)

*Lucieta Guerreiro Martorano*

*Izabel Cristina Drulla Brandão*

---

## **JOSÉ MARIA PINHEIRO CONDURÚ, 67**

(1929–1987)

*José Maria Hesketh Condurú Neto*

---

## **FERNANDO CARNEIRO DE ALBUQUERQUE, 71**

(1932–2017)

*Paulo Sérgio Bevilaqua de Albuquerque*

**ITALO CLAUDIO FALES, 81**

(1932)

*Italo Claudio Falesi*

---

**TARCÍSIO EWERTON RODRIGUES, 89**

(1937-2008)

*Italo Claudio Falesi*

---

**VICENTE HAROLDO DE FIGUEIREDO MORAES, 91**

(1937-2008)

*Daniela Cardoso Moraes*

---

**HERMÍNIO MAIA ROCHA, 95**

(1937)

*Hermínio Maia Rocha*

---

**CRISTO NAZARÉ BARBOSA DO NASCIMENTO, 105**

(1942-1993)

*Alfredo Kingo Oyama Homma*

---

**THEREZINHA XAVIER BASTOS, 107**

(1942-2019)

*Ana Laura Lima*

---

**CARLOS HANS MÜLLER, 109**

(1947-2016)

*José Edmar Urano de Carvalho*

---

**ERMENSON PEÇANHA SALIMOS, 111**

(1948-1981)

*José Adérito Rodrigues Filho*

---

**ROSEMARY MORAES FERREIRA VIÉGAS, 113**

(1949-1992)

*Antônio Ribeiro Lopes Sobrinho*

*Ari Pinheiro Camarão*

*Augusto Rodrigues Filho*

*Eduardo Yassuhiro Ohashi*

*Joaquim Ivanir Gomes*

*Leopoldo Brito Teixeira*

*Mauro Farias Gato*

*Walter Cardoso*

---

**ARMANDO KOUZO KATO, 115**

(1949-2000)

*Karina Kato Carneiro*

---

**OLINTO GOMES DA ROCHA NETO, 117**

(1950-2013)

*Izabel Cristina Drulla Brandão*

---

**SILVIO LEOPOLDO LIMA COSTA, 119**

(1953-2007)

*Izabel Cristina Drulla Brandão*

---

**BIOGRAFIAS DE OUTROS PERSONAGENS DISPONÍVEIS EM PUBLICAÇÕES, 121**

**BIOGRAFIAS QUE SERÃO PUBLICADAS NO SEGUNDO VOLUME DESTA OBRA, 127**

**REGISTRO FOTOGRÁFICO, 131**

---



# DO INSTITUTO AGRONÔMICO DO NORTE À EMBRAPA AMAZÔNIA ORIENTAL

## 80 ANOS DE HISTÓRIA

---

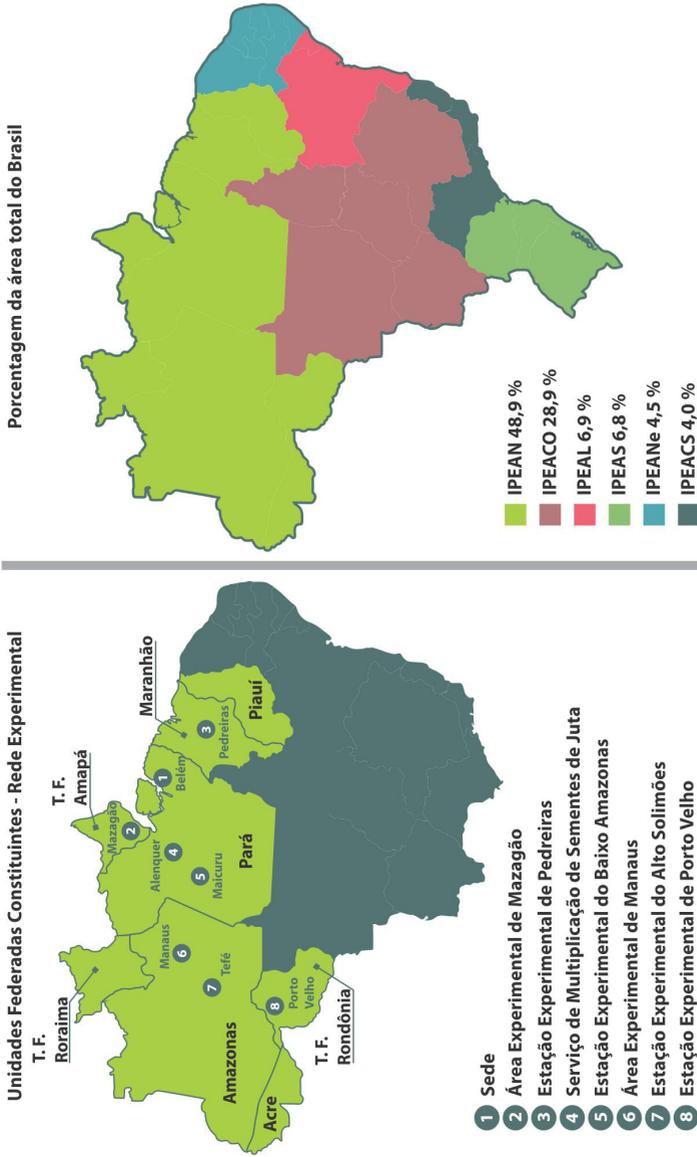
---

*Alfredo Kingo Oyama Homma*

**N**o dia 6 de maio de 2019, o Instituto Agronômico do Norte (IAN), precursor da atual Embrapa Amazônia Oriental, completou 80 anos de criação. Com sede em Belém, PA, e considerada uma das mais importantes obras getulianas na Amazônia, a instituição já teve 22 dirigentes, incluindo os interinos, desde o primeiro diretor Felisberto Cardoso de Camargo (1896–1977), trazido dos quadros do Instituto Agronômico de Campinas, até o atual chefe-geral da Embrapa Amazônia Oriental, Adriano Venturieri (1966).

Em 11 de outubro de 1962, o IAN foi transformado em Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean) e, em 23 de janeiro de 1975, em Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido (CPATU), já sob a égide da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Em 1º de março de 1991, todas as Unidades da Embrapa na Amazônia (Pará, Amazonas, Rondônia, Acre, Roraima e Amapá) passaram a ser designadas centros de pesquisa agroflorestal, nos quais a questão da sustentabilidade passou a ser enfatizada, atendendo aos novos ventos do ambientalismo nacional e mundial.

O IAN e seus sucessores foram os precursores de todas as Unidades da Embrapa na região Norte (exceto a Unidade do Tocantins) em uma época de difícil deslocamento. Quando foi criado o IAN, a sua área de abrangência se estendia desde o extremo ocidental da Amazônia até o estado do Piauí, superando a dimensão das Capitânicas Hereditárias criadas pela Coroa Portuguesa em 1534. Essa dimensão prevaleceu no período de 1939 a 1969, quando foi criado o Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias da Amazônia Ocidental (Figura 1).



**Figura 1.** Área de jurisdição (estados e territórios federais) do IAN/Ipean no período de 1939–1969 e demais institutos de pesquisa do Ministério da Agricultura na época.

Ipean: Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte; Ipeaco: Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Centro-Oeste; Ipeal: Instituto de Pesquisa Agropecuária do Leste; Ipeas: Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Sul; Ipeane: Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Nordeste; Ipeacs: Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Centro-Sul  
 Fonte: Adaptado de Albuquerque e Libonati (1964).

O IAN, fundado em 1939, tinha o objetivo de garantir o suprimento de borracha vegetal para atender ao esforço bélico dos Aliados na Segunda Guerra Mundial, pois o Sudeste Asiático havia sido ocupado pelas tropas japonesas. Para isso, concentrou cientistas norte-americanos, aqueles recrutados no Instituto Agronômico de Campinas, egressos da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq) e refugiados europeus fugindo do nazismo.

Entre os nomes recrutados por Felisberto Cardoso de Camargo, quando assumiu o IAN, em 1941, ele próprio um grande pesquisador e administrador, destacam-se Harald Felix Ludwig Sioli (1910–2004), Waldemar Saffioti (1922–1999), Walter Baptist Mors (1920–2008), João Murça Pires (1917–1994), Adolfo Ducke (1876–1959), entre os principais.

Harald Sioli destacou-se pelos trabalhos de limnologia, dando suporte para o megaprojeto de colmatagem das várzeas em Maicuru, Monte Alegre, PA, por Felisberto Cardoso de Camargo; Adolfo Ducke e João Murça Pires destacaram-se como botânicos mundialmente reconhecidos. Em 1950, Waldemar Saffioti escreveu, em colaboração com Geraldo Camargo de Carvalho, três livros de Química para os três anos do curso “científico”, que foram campeões de vendas em todo o País, adotados por cerca de 20 anos e vendidos mais de 600 mil exemplares, até o início da década de 1970. A vida e a obra de Felisberto Camargo estão bem documentadas no livro escrito por Ferreira e Quadros (Andrade, 2006), intitulado *O homem que tentou domar o Amazonas: biografia do cientista Felisberto Camargo, polêmico, usado e futurista*.

Essa plêiade de cientistas teve influência nos destinos da pesquisa agrícola na Amazônia, mesmo após a saída de Felisberto Cardoso de Camargo, em 1952, da direção do IAN. Em novembro daquele ano, Camargo assumiu a diretoria do Serviço Nacional de Pesquisas Agronômicas (SNPA), no Rio de Janeiro, função equivalente à presidência da Embrapa, onde permaneceu até 1957 (Andrade, 2006). Da nova geração de pesquisadores da fase IAN, transformado em Ipean em 1962, destacaram-se Milton de Albuquerque (1914–1983), Vicente Haroldo de Figueiredo Moraes (1937–2008), Eurico Pinheiro (1927–2011), Batista Benito Gabriel Calzavara (1922–2011), Rubens Rodrigues Lima (1918–2014), Italo Claudio Falesi e Fernando Carneiro de Albuquerque (1932–2017), para vir a seguir a fase Embrapa, a partir de 1973, quando foi criada a instituição.



A criação do IAN decorreu da estratégia de efetuar a pesquisa com a seringueira, considerada importante para a época, quando os tambores da Segunda Guerra Mundial começaram a rufar, em 1º de setembro de 1939. O ataque japonês à base naval americana de Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, ao dominar o Sudeste Asiático, privou as tropas aliadas do suprimento de borracha das seringueiras transplantadas por Henry Alexander Wickham (1846–1928), em 1876.

Enéas Calandrini Pinheiro (1880–1945) foi o responsável pela implantação das instalações da Unidade, inaugurada por Getúlio Vargas (1882–1954) em 7 de outubro de 1940, durante o seu périplo por Belém, Santarém, Parintins e Manaus. Em abril de 1941, Getúlio Vargas nomeou Felisberto Cardoso de Camargo, pessoa de sua confiança, para promover a estruturação do Instituto Agrônômico do Norte.

Por ocasião da construção e implantação do IAN, a lavoura da juta começava a se disseminar nas várzeas do estado do Amazonas. Em Tomé-Açu, os imigrantes japoneses cultivavam hortaliças, produto completamente fora do hábito de consumo local, onde havia constante falta de gêneros alimentícios como café, trigo, charques, açúcar, arroz, entre outros, que dependiam de transporte marítimo, o que se agravou com a extensão do conflito bélico. A escassez ocorria também com produtos locais, como a farinha de mandioca e o arroz.

A ação do IAN e de suas sucessoras contribuiu para a ampliação do conhecimento sobre recursos naturais da Amazônia, destacando-se as pesquisas sobre solo, clima, vegetação e, mais recentemente, as inter-relações climáticas vinculadas ao aquecimento global e os subsídios para o ordenamento territorial. Um testemunho desse trabalho, iniciado em 1943, pode ser visto na coleção de 193 mil exsiccatas da flora amazônica acumuladas no Herbário IAN, sendo a terceira maior coleção da região, vindo depois do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Contribuímos para o processo de domesticação de diversas espécies extrativas, como seringueira, guaranazeiro, castanheira-do-pará, cupuaçuzeiro, pupunheira, pimenta-longa, açazeiro, malva e jambu, dentre as principais. Novas plantas extrativas de importância econômica, como bacurizeiro, uxizeiro, ipecacuanha e curauá, estão sendo manejadas e/ou domesticadas. Com isso, ampliaram-se as possibilidades da oferta extrativa, com produtos de melhor qualidade e criação de novas alternativas de renda e emprego.

As práticas agrícolas com diversas culturas anuais e perenes permitiram a garantia do abastecimento regional, a formação de excedentes para exportação e matéria-prima para o setor industrial. Entre as mais importantes, destacam-se arroz, milho, feijão-caupi, mandioca, pimenta-do-reino, óleo de dendê, soja, seringueira, juta, banana e plantas extrativas que estão sendo domesticadas

As pesquisas com bubalinos tornaram a Embrapa Amazônia Oriental referência nacional, assim como as pesquisas com recuperação de pastagens degradadas, a introdução de capins de origem africana (quicuío-da-amazônia e *Brachiaria decumbens* 'Ipean') e a preocupação com a redução de desmatamentos e queimadas. O quicuío-da-amazônia foi amplamente difundido na Amazônia, com mais de 3 milhões de hectares, ao contrário da *Brachiaria decumbens* 'Ipean', que teve reduzido impacto. Os pesquisadores da área de pastagens tiveram um papel fundamental em coordenar pesquisas pioneiras em toda a região amazônica, em uma época de difícil deslocamento, objetivando a recuperação de pastagens degradadas. Os resultados dessas pesquisas poderiam ter ampliado seu impacto na região com a redução do custo de recuperação, bastante elevado em razão do preço dos insumos.

A piscicultura tem recebido a atenção de pesquisadores e empresários na região, os quais tiveram grande expansão em Rondônia, Mato Grosso, Roraima, Amazonas, Maranhão e Pará. O grande mercado de Manaus e a disponibilidade de soja e milho estimularam os empresários para a produção de ovos. Dessa forma, o estado do Amazonas, com praticamente metade da população do estado do Pará, desde 2002 supera em quase o dobro a produção de ovos.

Na área florestal, grande foi a contribuição relacionada ao manejo florestal que ensejou a sua aplicação no setor empresarial e na redução dos impactos ambientais. As políticas de governança relacionadas a desmatamentos e queimadas reduziram a extração madeireira ilegal e por grandes madeireiros, em favor da extração madeireira comunitária. Com a expansão dos plantios florestais, há um certo vácuo tecnológico em relação às práticas silviculturais. As inter-relações clima-floresta ganharam também dimensão mundial, com a preocupação relacionada com o aquecimento global.

Destacam-se, portanto, neste pequeno ensaio, as contribuições do IAN, Ipean, CPATU, Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Oriental e atual Embrapa Amazônia Oriental, com a inclusão de biografias de algumas



personalidades. Como o conhecimento científico é aditivo, associativo e multiplicativo, no espaço, no tempo e entre instituições, cabe destacar a colaboração, a parceria e ação independente entre as diversas instituições de pesquisa regionais, nacionais e internacionais para o sucesso alcançado.

## Os desafios para o futuro

A agricultura na Amazônia, nas últimas quatro décadas, tem sido alvo de críticas, apontada como a grande causadora dos desmatamentos e queimadas. A partir da década de 1960, quando se iniciou a abertura dos grandes eixos rodoviários, a civilização das várzeas foi suplantada pela civilização da terra firme, ao longo das margens das estradas. Milhares de famílias deslocaram-se em direção à Amazônia na busca de sonhos e esperanças decorrente da pobreza e da falta de alternativas econômicas nos seus locais de origem, da implantação de obras de infraestrutura, da falta de terras, dentre outros fatores.

A partir de 2004, o desmatamento declinou na Amazônia Legal até 2015, quando começaram novamente a crescer em torno do valor mínimo alcançado para alguns estados e para determinados anos. Há uma celeuma nacional e internacional sobre o tema, na qual está se dando a impressão que a Amazônia inteira está sendo desmatada e incendiada.

É importante que o custo de recuperação das áreas alteradas seja reduzido mediante a oferta de insumos agrícolas a preços competitivos, serviços de mecanização agrícola, assistência técnica e criação de novos mercados, o que poderia apressar o processo de transição florestal<sup>1</sup>. O aumento da fiscalização para coibir as ações ilegais na Amazônia (desmatamento, extração madeireira, narcotráfico, garimpos ilegais, etc.) é também imprescindível para a redução do desmatamento, sua neutralização e, finalmente, seu estancamento.

Na região amazônica, com ênfase nos estados de Mato Grosso, Tocantins, Maranhão, Rondônia e Pará, a partir da década de 1980, iniciou-se um processo de “agriculturização”, ocupando as áreas de pastagens degradadas, contrapondo o processo de “pecuarização” que vinha ocorrendo desde a década de 1960 (Homma, 2017). A “agriculturização” deslanchou no Mato Grosso a ponto de o estado se tornar o maior produtor de algodão (1998),

---

<sup>1</sup> A transição florestal ocorrerá quando o saldo do desmatamento for compensado pelo reflorestamento e pela recuperação do passivo florestal induzidos pela nova legislação brasileira (Veríssimo; Nussbaum, 2011; Chazdon et al., 2016; Barbier et al., 2017).

soja (2000), milho (2013), bovino (2004), etc. A posição olímpica da soja do Rio Grande do Sul foi perdida para o Paraná em 1996 e esta, por sua vez, superada pelo Mato Grosso.

No Pará, a área plantada de soja superou as demais lavouras em 2015, tornando-se uma das seis principais macroatividades ao lado de mandioca, milho, reflorestamento, dendezeiro e cacauzeiro. O município de Paragominas já foi emblemático como a “capital da pecuária”, mas seu rebanho bovino, que no auge, em 1992, chegou a mais de 698 mil cabeças, foi reduzido para menos da metade em 2016 (mais de 302 mil).

O fenômeno da “agriculturização” está ocorrendo em outros municípios e com provável tendência de estabilização (redução) do rebanho e das pastagens em longo prazo, ganhando em produtividade. Três frentes agrícolas se consolidam no estado do Pará em polos com centros irradiadores nos municípios de Paragominas, Santarém e Marabá.

A agricultura na Amazônia é importante para garantir a segurança alimentar, produzir matéria-prima e gerar emprego e renda. Reduzindo os preços dos alimentos, permite-se aumentar a capacidade de compra das populações mais pobres. É possível desenvolver uma agricultura mais sustentável com a conservação e a preservação da Amazônia, sem destruir novas áreas. O primeiro desafio é manter a “primeira natureza” (representada pela floresta original). O segundo é transformar a “segunda natureza” (representada pelas áreas desmatadas) em uma “terceira natureza”, com atividades produtivas mais adequadas e recuperação de ecossistemas que não deveriam ter sido alterados (beira de rios, áreas moradas, etc.).

O desafio não está em somente estancar a sangria do desmatamento crônico, mas transformar a curva decrescente da cobertura florestal da Amazônia com o reflorestamento das áreas que não deveriam ter sido desmatadas e recomposição das áreas de reserva legal (ARL) e de preservação permanente (APP) com técnicas apropriadas. A grande incógnita é saber quando ocorrerá a transição florestal. Poderá ser daqui a 5 anos ou daqui a 20 anos. Vai depender dos investimentos em ciência e tecnologia gerando alternativas tecnológicas e econômicas adequadas e de maior apoio à assistência técnica e extensão rural. A redução da área para atividades agrícolas e o fechamento da fronteira agrícola sinaliza para o aumento da produtividade da terra e da mão de obra como imprescindível.



Atualmente as questões éticas e ambientais voltadas para a agricultura, a melhoria das condições de bem-estar da pequena produção e a domesticação dos recursos da biodiversidade amazônica constituem tópicos de agendas que precisam ser considerados. É urgente promover uma revolução na aquicultura amazônica e garantir a segurança alimentar para uma população urbana crescente em função da redução absoluta e relativa da população rural.

Enfim, precisamos fazer uma nova agricultura para a Amazônia. São os desafios que se apresentam para uma nova agenda de pesquisa. Assim como se faz agora, nas próximas décadas, a história julgará se realmente foi seguido o caminho correto. Em todas essas conquistas científicas e tecnológicas, homens e mulheres sempre estiveram presentes, enfrentando as dificuldades inerentes a cada época. Todos tinham um sonho e o perseguiram tenazmente, muitos o fizeram com o sacrifício das próprias vidas, deixando a sua contribuição para outros avançarem no futuro.

Aos pioneiros do passado – cujas facilidades cotidianas de hoje, como aviões, internet, celulares, satélites, laptops, etc., eram totalmente imaginárias – cabe uma grande parcela dessa conquista e a nossa homenagem.

Neste livro procurou-se resgatar e realçar, a partir de informações de familiares, institucionais e publicações, algumas personalidades que foram importantes para o crescimento do IAN, do Ipean e para a fase inicial da Embrapa Amazônia Oriental. A escolha dos homenageados foi intencional e baseou-se nas informações disponíveis e no relacionamento direto e indireto do primeiro editor com alguns desses personagens. A prioridade na escolha, além da disponibilidade de informações, está, também, relacionada com o batismo de prédios, auditórios, laboratórios e casas, entre outros, com o nome dessas pessoas. Para muitos, há um completo desconhecimento sobre essas designações e homenagens.

Há dezenas de outras personalidades listadas na obra *25 Anos de Pesquisas na Amazônia: histórico, organização, pesquisas*, de autoria de Milton de Albuquerque (1914–1983) e Virgílio Ferreira Libonati, publicada em agosto de 1964, que constitui o registro histórico coletivo mais importante. Por ocasião das comemorações dos 80 anos da criação do IAN, sobretudo em um momento em que passamos por um ponto de mutação da pesquisa no País, esses personagens servem como referência de uma época na qual o aprofundamento do conhecimento sobre determinada planta, animal ou disciplina era mais importante que o volume de trabalhos publicados.

Espera-se que esta obra estimule familiares e amigos de outros pesquisadores e funcionários a contribuírem para essa importante fase da história da pesquisa agrícola na Amazônia, evitando a perda dessas experiências e informações. Essas pessoas foram funcionários do IAN, do Ipean, do CPATU e da Embrapa Amazônia Oriental, deflagrados por conjunturas diversas, cujas vidas retratam o cotidiano da época, contribuindo uns na parte administrativa e outros na ampliação da fronteira do conhecimento científico e tecnológico da região com a possibilidade de servir de incentivo para a formação de novos pesquisadores em agropecuária na Amazônia.

## Referências

ALBUQUERQUE, M.; LIBONATI, V. F. **IPEAN: 25 anos de pesquisas na Amazônia: histórico, organização, pesquisas.** Belém, PA: IPEAN, 1964. 89 p.

ANDRADE, E. B. de (Ed.). **O homem que tentou domar o Amazonas: biografia do cientista Felisberto Camargo, polêmico, ousado e futurista.** Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2006. 229 p.

BARBIER, E. B.; DELACOTE, P.; WOLFERSBERGER, J. The economic analysis of the forest transition: A review. **Journal of Forest Economics**, v. 27, p. 10-17, Apr. 2017.

CHAZDON, R. L.; BRANCALION, P. H. S.; LAESTADIUS, L.; BENNETT-CURRY, A.; BUCKINGHAM, K.; KUMAR, C.; MOLL-ROCEK, J.; VIEIRA, I. C. G.; WILSON, S. J. When is a forest a forest? Forest concepts and definitions in the era of forest and landscape restoration. **Ambio**, v. 45, n. 5, p. 538-550, Sep. 2016.

HOMMA, A. K. O. A Terceira Natureza da Amazônia. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, v. 38, n. 132, p. 27-42, jan./jun. 2017.

VERÍSSIMO, A.; NUSSBAUM, R. **Um resumo do status das florestas em países selecionados - Nota Técnica.** São Paulo: Greenpeace, 2011. 54 p. Disponível em: [http://www.greenpeace.org/brasil/PageFiles/352953/academico3\\_portugues\\_baixa.pdf](http://www.greenpeace.org/brasil/PageFiles/352953/academico3_portugues_baixa.pdf). Acesso em: 12 fev. 2018.

## Literatura recomendada

BORGES, R. **Construção econômica da Amazônia.** Belém, PA: IDESP, 1970. 126 p. (Cadernos paraenses, 5).

BRASIL. Congresso. Senado Federal. **Dados biográficos dos senadores do Pará 1826-2001.** Brasília, DF, 2001. 136 p. (Série dados biográficos dos senadores por estado, v. 9).

BRASIL. Ministério da Agricultura. Secretaria Geral. Serviço de Informação Agrícola. **As atividades agrícolas do Brasil em 1939.** Rio de Janeiro, 1940. 338 p.



CROSBY, A. W. **Imperialismo ecológico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 319 p.

CULTIVAR BRS Manicoré. Santa Bárbara do Pará: Denpasa. Disponível em: [http://www.agricultura.gov.br/arq\\_editor/file/camaras\\_setoriais/Palma\\_de\\_oleo/SRO/App\\_Hibrido\\_Palma.pdf](http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/camaras_setoriais/Palma_de_oleo/SRO/App_Hibrido_Palma.pdf). Acesso em: 19 nov. 2015.

CUNHA, R. N. V.; LOPES, R.; ROCHA, R. N. C.; LIMA, W. A. A.; TEIXEIRA, P. C.; BARCELOS, E.; RODRIGUES, M. R. Domesticação e melhoramento do caiaué. In: BORÉM, A.; LOPES, M. T. G.; CLEMENT, C. R. (Ed.). **Domesticação e melhoramento**: espécies amazônicas. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa, 2009. p. 275-296.

GALVÃO, E. U. P. **Memórias do curso de Agronomia** – Turma 1974. Belém, PA, 2014. 65 p.

HOMMA, A. K. O. Amazônia: os avanços e os desafios da pesquisa agrícola. **Parcerias Estratégicas**, v. 18, n. 36, p. 33-54, jan./jun. 2013.

HOMMA, A. K. O. Ciência e tecnologia para o desenvolvimento rural da Amazônia. **Parcerias Estratégicas**, v. 17, n. 34, p. 107-130, jan./jun. 2012.

HOMMA, A. K. O. **História da agricultura na Amazônia**: da era pré-colombiana ao terceiro milênio. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. 274 p.

HOMMA, A. K. O. **History of Agriculture in the Amazon**: from the Pre-Columbian Era to the Third Millennium. Brasília, DF: Embrapa, 2015. 317 p.

LIMA, A. L. **Embrapa comemora aniversário e inaugura trilha ecológica**. 29 abr. 2005. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/17988523/embrapa-comemora-aniversario-e-inaugura-trilha-ecologica>. Acesso em: 19 jan. 2018.

LISBOA, P. L. B. Traços biográficos do botânico Paulo Bezerra Cavalcante. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Botânica, v. 7, n. 1, p. 7-22, 1991.

LISBOA, P. L. B.; EGLER, C. A. G.; OVERAL, W. L. (Org.). **Coletânea de trabalhos de Walter Egler**. Belém, PA: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1992. 179 p.

MELO, M. M. **Trilhas de idealismo**: a saga extensionista. 2. ed. Belém, PA: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2009. 174 p.

MUNIZ, J. N. **Geração de tecnologia**. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa, 1989. 16 p.

NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES. **Underexploited tropical plants with promising economic values**. Washington, DC, 1975. 189 p.

OLIVEIRA, L. B. de; MEDEIROS, L. R. de; FARIAS, G. S. de. **Sociedade Brasileira de Ciência do Solo**: um olhar sobre sua história. 3. ed. rev. e ampl. Viçosa, MG: SBCS, 2015. 177 p.

PREMIAÇÃO nacional por excelência: destaques individuais: 1996–1999. Brasília, DF: Embrapa, 2002. 187 p.

RIOS, S. A.; CUNHA, R. N. V.; LOPES, R.; BARCELOS, E. **Recursos genéticos de palma de óleo (*Elaeis guineenses* Jaq.) e caiaué (*Elaeis oleifera* (H.B.K) Cortés)**. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2012. 39 p. (Embrapa Amazônia Ocidental. Documentos, 96).

SILVA, J. S. **Science and the changing nature of the struggle over plant genetic resources: from plant hunters to plant crafters**. 1989. 375 f. Thesis (PhD) – University of Kentucky, Kentucky.

SMITH, N. J. H.; WILLIAMS, J. T.; PLUCKNETT, D. L.; TALBOT, J. P. **Tropical forests and their crops**. New York: Cornell University, 1992. 568 p.

SUDAM. **Instituições, Especialistas e Pesquisadores da Amazônia**. Belém, PA, 1976. v.1, n.1, 282 p.

TEIXEIRA, L. B.; GAVINHO, A. L. L.; FERNANDES, G. L. da C.; DUTRA, R. M. M.; SANTOS, M. de N. M. dos. **Quem é Quem na pesquisa da Embrapa Amazônia Oriental**. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2000. 145 p. (Embrapa Amazônia Oriental. Documentos, 61).

WATRIN, O. S.; HOMMA, A. K. O. **Evolução do uso da terra do Engenho Murutucu: história, geografia e ecologia**. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2007. 52 p.

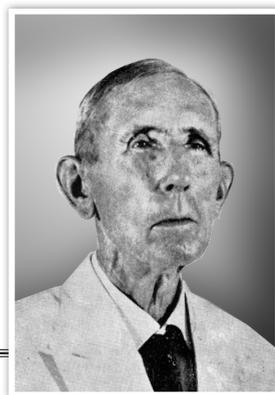




# ADOLPHO DUCKE

(1876–1959)<sup>1</sup>

*João Murça Pires*



Fonte: Pires (1959).



**A**dolpho Ducke<sup>2</sup> nasceu em Trieste (norte da Itália), em 10 de outubro de 1876. De temperamento modesto, sempre se negava a dar informações sobre a sua pessoa e, apesar de termos trabalhado juntos durante longos anos, não conseguimos obter detalhes sobre sua família na Europa. Sem dúvida o maior conhecedor da flora amazônica, trabalhou nessa região durante 60 anos. Em 1899, começou a trabalhar no Museu Paraense Emílio Goeldi como auxiliar do botânico suíço Jacques Huber.

Preferindo sempre a vida do campo e a observação direta da natureza, tornou-se um biologista de extraordinários méritos. Ao iniciar seus estudos na Amazônia, dedicou-se primeiramente à entomologia, em particular às abelhas sociais, especialidade na qual publicou trabalhos ainda hoje considerados básicos e imprescindíveis.

Ao chegar posteriormente à conclusão de que as grandes árvores da Amazônia ainda não estavam classificadas, em razão da dificuldade de obter amostras herborizadas, aos poucos passou a interessar-se pela botânica, vindo a publicar nessa especialidade trabalhos fundamentais para o conhecimento da flora regional.

Na botânica, sua especialidade principal viria a ser a família das leguminosas, apesar de conhecer toda a flora amazônica em conjunto, tendo chegado a descrever perto de mil entidades taxonômicas, entre gêneros e espécies.

<sup>1</sup> Fonte: Adaptado de Pires (1959).

<sup>2</sup> O prenome Adolfo consta no artigo de João Murça Pires, corrigido para Adolpho.



Aposentado do serviço público nacional, passou a trabalhar em estreita colaboração com o Instituto Agrônômico do Norte (IAN), órgão no qual, a partir de 1943, publicou a maior parte dos trabalhos então elaborados.

Tendo recebido uma bolsa do Conselho Nacional de Pesquisas, começou a estudar a flora do Nordeste, passando a residir em Recife, PE, e depois em Fortaleza, CE, porquanto em razão de sua avançada idade e delicado estado de saúde, procurava sempre clima mais ameno para viver. Sobre o Nordeste, além do grande número de plantas que descreveu, merece especial realce o estudo que deixou, em fase de conclusão, sobre a fitogeografia da região.

Adolpho Ducke era casado com Josefina Correia Lima Ducke, natural da cidade do Crato, CE. Seu falecimento, a 5 de janeiro de 1959, em Fortaleza, veio enlutar a família botânica brasileira, que perdeu com ele um dos seus máximos expoentes.

A extensa bibliografia de Ducke foi objeto de um trabalho especial elaborado por Walter Alberto Egler (1924–1961), então diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi.

## Referência

PIRES, J. M. Dr. Adolfo Ducke (1876–1959). **Boletim Técnico. IAN**, n. 36, p. 161-162, dez. 1959.

## Literatura recomendada

EGLER, W. Adolpho Ducke: traços biográficos, viagens e trabalhos. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Botânica, n. 18, p. 5-129, maio 1963.

FLOREZ, L. M. S.; SCHEINER, T. C. Adolpho Ducke e a coleção viva da representação da região amazônica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL CULTURA MATERIAL E PATRIMÔNIO DE C&T, 4., 2016, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia, 2016. p. 538-555. Disponível em: [http://site.mast.br/hotsite\\_anais\\_ivspct\\_2/pdf\\_03/30%20%2021%20texto%20completo%20REVISTO.pdf](http://site.mast.br/hotsite_anais_ivspct_2/pdf_03/30%20%2021%20texto%20completo%20REVISTO.pdf). Acesso em: 23 jan. 2018.



# MILTON DE ALBUQUERQUE

(1914–1983)<sup>1</sup>

*Alfredo Kingo Oyama Homma*

*Eloísa Maria Ramos Cardoso*

*Rui Abreu de Albuquerque*



Foto: Arquivo Embrapa



**N**asceu em Belém, em 18 de maio de 1914, e faleceu em 27 de abril de 1983, aos 69 anos. Formou-se na antiga Escola de Agronomia e Veterinária do Pará e foi admitido no Instituto Agrônômico do Norte (IAN) em 1941, sendo incorporado à Embrapa em 1975. A convalidação do seu diploma de agrônomo somente foi possível cursando 2 anos na segunda turma da Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), na qual se formou em 1957. Foi colega de Fernando Carneiro de Albuquerque (1932–2017), Waldemar Bennisuly Maués<sup>2</sup> e Rosa Maria Hage. Esse curso era ministrado nas dependências da atual Embrapa Amazônia Oriental e depois no prédio novo da atual Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra). Foi contemporâneo da terceira turma, na qual se formaram Laudelino Pinto Soares e Miracy Garcia Rodrigues.

A mãe adotiva de Milton de Albuquerque, Lídia Baker de Abreu, casada com Plínio de Albuquerque, era irmã da mãe de Dagmar (sua futura esposa). A informação é que a mãe biológica, moça de família muito importante de Belém, engravidada por algum empregado do pai, passou a gravidez escondida no porão e o filho, logo ao nascer, foi entregue ao casal Lídia e Plínio. Mais tarde, teve conhecimento da mãe, quando já tinha uma família formada, mas o pai biológico nunca lhe foi revelado.

Servia o exército quando a sua mãe adotiva faleceu e somente o liberaram para o enterro depois de concluir o expediente. Seu pai adotivo faleceu

<sup>1</sup> Fonte: Adaptado de Homma e Cardoso (2016).

<sup>2</sup> O Grupo Escolar Henry Ford, fundado em 16 de janeiro de 1938, em Belterra, PA, passou a denominar-se Escola Estadual de Ensino Médio Waldemar Bennisuly Maués, no dia 28 de outubro de 1972, em homenagem ao então diretor do Ministério da Agricultura.



de ataque cardíaco durante uma viagem de barco de Soure para Belém. A razão do manquejamento da perna supõe-se que seja decorrente da prática de saltar do mastro do barco, em Santarém, quando jovem. Aos 41 anos, ficou com paralisia em uma das pernas (que os médicos supõem tenha sido causada pelo choque da cabeça na água), impossibilitando-o de dirigir veículo. Chegou a atravessar o Rio Tapajós a nado e foi convidado pelo Fluminense para ser um aqualouco.

Casou-se com Dagmar Baker de Abreu de Albuquerque (1919–2007), cujo apelido era Bixita, irmã do famoso poeta Paulo Plínio de Baker Abreu (1921–1959), o primeiro bibliotecário do IAN. O pai de Dagmar, Dilermando Cals de Abreu, cearense, era tio de segundo grau do ex-ministro de Minas e Energia Cesar Cals de Oliveira Filho (1926–1991). Ela trabalhou como laboratorista do IAN, ajudando João Murça Pires (1917–1994). O casal teve cinco filhos: Carlos Roberto (formado em Agronomia), Renato (formado em Topografia), Rui (técnico em Contabilidade, trabalhou na Ceasa), Manoel Carvalho e Wilson Carvalho Barbosa (1938–?), os dois últimos adotados. Wilson, que foi o procurador da mãe, formou-se em Química Industrial e trabalhou na Embrapa Amazônia Oriental, na área de tecnologia de alimentos.

Uma característica marcante de Milton de Albuquerque era estar sempre disponível para receber colegas pesquisadores que procuravam conselhos, sugestões ou orientações sobre projetos ou trabalhos. Pessoa discreta, com sua experiência e paciência, sempre procurava ajudá-los.

Pertencia a uma geração de agrônomos com características bastante difíceis de serem encontradas nos dias atuais, com a compreensão integral da atividade. Voltado para a cultura da mandioca, implantou o primeiro banco de germoplasma de mandioca, iniciado com uma pequena coleção de variedades coletadas na Amazônia, ampliado ao longo dos anos com materiais da região e extra-amazônicos, chegando aproximadamente a 400 variedades, avaliadas quanto ao seu potencial genético para atender diferentes formas de uso da mandioca.

Esse conhecimento sobre a cultura da mandioca levou à publicação pela Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), em 1969, do clássico livro *A mandioca na Amazônia* e, em 1980, pela Editora Editerra, *A mandioca no Trópico Úmido* em coautoria com a pesquisadora Eloisa Maria Ramos Cardoso (1948), que passou a colaborar nas atividades de pesquisa com mandioca desde que foi admitida na Embrapa, em 1973.

O seu conhecimento sobre a cultura da mandioca e outras tuberosas da Amazônia tornou-se fonte de referência mundial, servindo como consultor para a National Academy of Sciences. Em 1980, recebeu o Prêmio Frederico de Menezes Veiga, por suas pesquisas com a cultura da mandioca. Postumamente, no dia 30 de abril de 1988, a biblioteca da Embrapa Amazônia Oriental recebeu a denominação de Biblioteca Milton de Albuquerque.

## Referência

HOMMA, A. K. O.; CARDOSO, E. M. R. Milton de Albuquerque: uma vida dedicada ao cultivo da mandioca. **Agrofoco**, v. 2, n. 4, p. 23, maio 2016.

## Literatura recomendada

GUILHON, N. **Confederados em Santarém**: saga americana na Amazônia. Rio de Janeiro: Presença, 1987. 221 p.

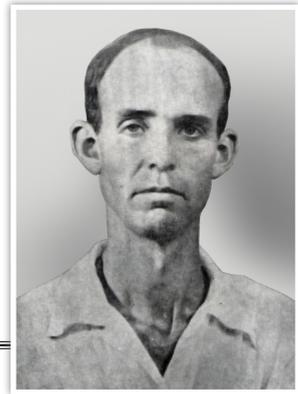




# GEORGE ALEXANDER BLACK

(1916–1957)<sup>1</sup>

João Murça Pires



Fonte: Pires (1959).



**G**eorge Alexander Black, filho de John G. Black, nasceu em Pittsburgh, Pensilvânia, nos Estados Unidos, em 26 de setembro de 1916. Passou a maior parte de sua vida em Oceanside, Califórnia, onde viviam seus pais. cursou a University of California (A.B., 1939) e a George Washington University (Ph.D., 1956).

Black sempre foi apaixonado pelos estudos botânicos, o que é evidenciado por suas coleções, que datam desde muito cedo, iniciadas em seu país de origem. Em 1941, veio para o Brasil, tendo trabalhado até 1944 como professor de botânica, fitopatologia e micologia, na Escola Superior de Agricultura de Lavras<sup>2</sup>, em Minas Gerais.

De 1945 até a data de seu falecimento (1957), pertenceu à Seção de Botânica do Instituto Agrônomo do Norte (IAN), com sede em Belém, PA, onde desenvolveu intenso trabalho de taxonomia e exploração botânica na Amazônia, tendo se preocupado em particular com a sistemática das *Graminae*. Além disso, seus conhecimentos gerais eram muito amplos e seguros sobre a flora amazônica e a fitogeografia regional.

Black morreu com 41 anos, quando todas as suas atividades eram empregadas em extensão, com o fim de adquirir dados científicos

<sup>1</sup> Fonte: Adaptado de Pires (1959).

<sup>2</sup> Fundada em 1908, pelo pastor Samuel Rhea Gammon (1865–1928), sob o lema do Instituto Gammon (“Dedicado à Glória de Deus e ao Progresso Humano”), a Escola Agrícola de Lavras passou a ser chamada Escola Superior de Agricultura de Lavras (Esal) em 1938. Era uma escola particular de inspiração americana. A federalização ocorreu em 1963 e em 1994 tornou-se Universidade Federal de Lavras (Ufla).



básicos que deveriam ser ainda ordenados para a elaboração de trabalhos definitivos.

Por um golpe do destino, o acidente fatal que lhe tirou a preciosa vida não permitiu a elaboração dos dados adquiridos com a maior dedicação e esforço, numa região em que as experiências biológicas, do mais alto interesse, só são acessíveis aos espíritos abnegados e capazes de enfrentar os rigores do meio ambiente.

O período mais proveitoso de seu trabalho foram os 12 anos e meio despendidos na Amazônia, por dispor aqui de recursos que não tinha encontrado no Sul do País. Falava corretamente inglês, português e alemão, tendo conhecimento de latim, italiano, francês, espanhol e russo.

Seu trabalho e sua diversão estavam no laboratório de botânica, no herbário e na Floresta Amazônica. Essa sua dedicação causava mesmo estranheza a todos que o conheciam, pois era uma de suas características o desapego aos prazeres outros além dos que lhe propiciava a própria ciência que tinha abraçado.

Apesar de reunir vastos conhecimentos teóricos e de técnico experimentado, considerando a possibilidade de, no futuro, ter sua vida profissional ligada a alguma instituição do seu país de origem, resolveu obter também o título de doutoramento por uma universidade americana. Isto o obrigou a passar na América os períodos de 1953 e 1956, para atender a requisitos exigidos pela George Washington University. O título de doutor em Filosofia foi lhe concedido em 1956, tendo sua tese intitulada *Grasses of the genus Axonopus (a taxonomic treatment)* sido publicada postumamente, em 1963.

Como prova de sua extraordinária atividade, com os dados que dispomos, vamos dar uma ideia de suas explorações botânicas relativas apenas ao período de 1945 em diante, quando passou a trabalhar no Instituto Agrônomo do Norte. Além de seus intensos trabalhos de laboratório, as explorações que empreendeu, baseadas em notas de suas coleções botânicas, cobriu uma área extraordinariamente grande.

Em 1945, foi feita uma colaboração comigo próprio, com 1.668 números. Depois disso, recomeçamos a numeração de nossas coleções independentemente.

Em julho de 1957, saímos com dois auxiliares para uma excursão botânica que se destinava ao Rio Cururú, afluente do Alto Tapajós. Em meio de viagem, quando passávamos por Maicuru (antigo Cacaual Grande), onde se localiza

uma estação experimental de búfalos do IAN, Black morreu afogado, às 17h do dia 18 de julho de 1957, quando nadava num canal artificial que corre do Rio Amazonas para um grande lago que fica a 1 km de distância.

Apesar de todos os esforços, não conseguimos salvá-lo, tendo submergido de vez quando estávamos a poucos metros para alcançá-lo a nado. Seu corpo, encontrado depois de 24 horas, foi transportado para Belém, em avião da Força Aérea Brasileira, e sepultado no Cemitério Santa Izabel depois da última homenagem que prestaram seus amigos e colegas de trabalho.

Assim o IAN perdeu um técnico de inestimável valor, deixando uma lacuna impossível de ser preenchida, e a botânica da região perdeu o seu mais entusiasta apaixonado.

## Nota dos editores

Deste texto escrito por João Murça Pires, em 1957, foi retirada a parte referente à produção científica e às expedições botânicas realizadas por George Black. Aos interessados, recomendamos a leitura da obra completa.

Libonati et al. (2003) mencionam que Black foi professor da então Escola de Agronomia da Amazônia.

Esta inserção teve por objetivo chamar a atenção para a Capoeira do Black, uma área com 5,7 ha na Embrapa Amazônia Oriental, possivelmente designada assim após o falecimento do botânico. Em 30 de abril de 2005, no ensejo das comemorações dos 66 anos de pesquisa agropecuária na Amazônia e 32 anos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, foi inaugurada a Trilha Ecológica Capoeira do Black (Figura 1).



Foto: Alfredo Homma

**Figura 1.** Bosque em homenagem a George Alexander Black, situado na Embrapa Amazônia Oriental em Belém, PA.



## Referências

LIBONATI, V. F.; SAMPAIO, M. M. dos S.; BRASIL, H. M. S. (Org.). **Memórias**: a Escola de Agronomia da Amazônia e a Faculdade de Ciências Agrárias do Pará no contexto sócio educacional da Amazônia. Belém, PA: Universidade Federal Rural da Amazônia, 2003. 133 p.

PIRES, J. M. Dr. George Alexander Black (1916–1957). **Boletim Técnico. IAN**, n. 36, p. 155-161, dez. 1959.



# GEORGE O'NEILL ADDISON

(1916–1967)<sup>1</sup>

*Alfredo Kingo Oyama Homma*

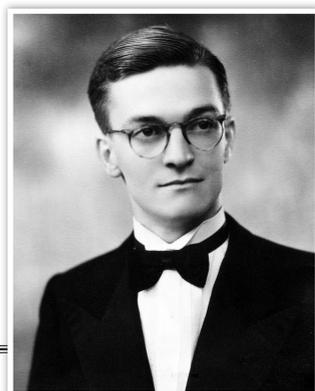


Foto: Gerhard Waller



**H**á poucas informações sobre George O'Neill Addison, cujo sobrenome sugere descendência irlandesa. Nasceu no município de São Francisco do Sul, SC, em 8 de dezembro de 1916, e faleceu em 26 de maio de 1967. Após a sua aposentadoria na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq), provavelmente foi residir em Santa Catarina. Um de seus filhos, Roland O'Neill Addison, nasceu no Rio de Janeiro, foi capitão de corveta reformado da Marinha do Brasil, técnico em Contabilidade e em Transações Imobiliárias, economista e advogado e reside em Vitória (Homma, 2016).

Formado em 1939, na Esalq, em uma turma de 15 agrônomos, teve entre seus colegas Hugo de Almeida Leme (1917–1992), que foi ministro de Agricultura (1964–1965) durante o governo do marechal Humberto de Alencar Castello Branco (1897–1967), e a fitopatologista Veridiana Victória Rossetti (1917–2010). Em agosto de 1946, casou-se com a primeira filha de Felisberto Cardoso de Camargo (1896–1977), diretor do Instituto Agronômico do Norte (IAN), Maria Angelina Camargo O'Neill Addison (1924– ?).

Em 1944, ocorreu a morte de Jorge Augusto (1927–1944), terceiro filho de Felisberto Cardoso de Camargo, na queda de um avião da Força Aérea Brasileira, em Barreiras, BA, com destino ao Rio de Janeiro. Em face desse acidente, a esposa Henriqueta Carneiro da Cunha Camargo e seus dois filhos José Geraldo (1925) e Maria Thereza (1928), em 1945, resolveram se mudar de Belém. Camargo ficou residindo no IAN com a filha Angelina e o genro Addison, até a partida, em 1952 (Andrade, 2006). A mudança ocorreu,

<sup>1</sup> Fonte: Adaptado de Homma (2016).



também, para que o filho José Geraldo fosse cursar a universidade. Este se formou em 1953, na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, e foi projetista da colonização da Rodovia Transamazônica, com a criação de conceitos de agrovilas, agrópolis e rurópolis (Ramos, 2011).

George O'Neill Addison trabalhou como assistente extraquadro da 19ª Cadeira, no Departamento de Genética da Esalq, de 19 de fevereiro de 1941 a dezembro de 1944, quando se mudou para Belém.

Foi pesquisador do IAN de 1944 a janeiro de 1955, quando efetuou os primeiros cruzamentos interespecíficos entre o caiaué (♀), existente no parque zobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi, e o pólen do dendezeiro (♂), trazido por Francisco Coutinho de Oliveira (1903–1961) do Campo Agrícola Lira Castro (Homma; Furlan Júnior, 2001; Andrade, 2006). Essa ideia teria sido estimulada por Felisberto Cardoso de Camargo ao recém-chegado George O'Neill Addison, com apenas 5 anos de formado.

Quando deixou o IAN, Addison ficou comissionado como professor no Instituto de Genética da Esalq, por 2 anos, desde 6 de maio de 1959. Graduou-se doutor em Agronomia em 1959 e livre-docente em 1961, aposentando-se em seguida. Ocupou-se de atividades docentes e de pesquisa na Cadeira (posteriormente Departamento e Instituto) de Genética da Esalq. É referido no livro comemorativo do 75º aniversário da Escola, editado em 1976, que menciona a docência no período de 1940 a 1961 – um equívoco, pois conflita com a sua passagem no IAN (Universidade de São Paulo, 2009).

Com a criação da Escola de Agronomia da Amazônia, em 17 de abril de 1951, chegou a colaborar como professor até a mudança para São Paulo (Libonati et al., 2003). A falta de trabalhos científicos publicados após o seu regresso do IAN para trabalhar na Esalq pressupõe que tenha se dedicado ao magistério de graduação, em vez de se dedicar exclusivamente a atividades de pesquisa, sendo decorrente também do seu falecimento precoce, aos 51 anos.

Em 1963, iniciou suas atividades na Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB), um Instituto Isolado de Ensino Superior mantido pelo estado de São Paulo, fundado em 1962. Para ministrar o ensino de genética, bem como realizar pesquisas e extensão de serviços à comunidade, foram contratados os professores George O'Neill Addison e Ademar Freire-Maia. Aquele, para a área de genética animal, este para a de genética humana. Apesar de doente, Addison tinha forças para trabalhar e

colaborar, de forma decisiva, no ensino de genética, que naquela época era ministrada em conjunto a todos os alunos dos cursos de Biologia, Medicina e Veterinária e, logo depois, também de Agronomia.

## **Cronologia da criação do híbrido interespecífico**

O interesse dos dendezeiros híbridos interespecíficos obtidos do cruzamento do *Elaeis guineensis* com o *Elaeis oleifera* (caiaué), a partir da década de 1970, decorre da resistência ao amarelecimento fatal e do crescimento mais lento. Quando George O'Neill Addison efetuou os primeiros cruzamentos, o objetivo estava voltado para uma palmeira que fosse adequada para ocupar as áreas de várzeas e que tivesse porte reduzido. Com o surgimento do amarelecimento fatal, em 1974, nos dendezeiros da Dendê do Pará S.A. (Denpasa), o híbrido interespecífico passou a ser considerado como solução para contornar essa moléstia. Outras vantagens foram observadas, como a obtenção de óleos insaturados, menor porte, implicando redução no custo da colheita, aumento da vida útil econômica, distribuição da produção ao longo do ano e ocupação de áreas menos aptas para o dendezeiro africano.

George O'Neill Addison, além do cruzamento do *Elaeis guineensis* com o *Elaeis oleifera* (caiaué), dedicou-se ao cruzamento de espécies de cacauzeiros em colaboração com Rosendo de Miranda Tavares, que trabalhou no IAN de 1944 a 1950. Esse primeiro cruzamento interespecífico de cacauzeiros foi analisado com profundidade por Silva et al. (2004) e amplamente comentado em nível internacional (Camargo, 1968; Zhang et al., 2011). Para efetuar esses cruzamentos interespecíficos de cacauzeiros, Addison e Tavares mantinham um banco de germoplasma na Embrapa Amazônia Oriental, no local onde está situada a casa conhecida como “Castelinho da Meteorologia” (informação verbal)<sup>2</sup>. Rosendo Miranda Tavares transferiu-se para o Instituto Agronômico do Nordeste, inicialmente no Campo Experimental de Barbalha, CE, e, posteriormente, para o Campo Experimental de Alagoinhas, PB (Albuquerque; Libonati, 1964; Oliveira, 2009).

Na época em que Addison e Tavares estavam desenvolvendo o cruzamento para a obtenção do híbrido interespecífico (HIE OxG) do dendezeiro e de cacauzeiros, descortinava-se no cenário nacional e mundial o espectro

---

<sup>2</sup> Informação verbal sobre George O'Neill Addison, fornecida por I. C. Falesi, em 8 de janeiro de 2016.



da escassez de alimentos e o melhoramento genético despontava como uma grande saída. O sucesso do desenvolvimento do milho híbrido pelos geneticistas americanos, a partir de 1905, indicava essa possibilidade.

Em 8 de abril de 1940, foi efetuado o plantio de 30 mudas de caiaué com 2 anos de idade no Campo Agrícola Lira Castro, situado no km 18 da Estrada de Ferro de Bragança. Essas mudas iniciaram a floração em fevereiro, a frutificação em maio e a primeira colheita ocorreu em novembro de 1941. As palmeiras de caiaué plantadas no Museu Paraense Emílio Goeldi, apesar de terem mais de 15 anos, ainda não formaram os órgãos reprodutores (Cardoso, 1942). Cardoso (1942) estimou a produção em 20 kg de fruto por planta, com rendimento de 2.440 kg de óleo de polpa e 1.120 kg de óleo de amêndoa por planta e 855 kg de óleo por hectare, considerando 240 plantas por hectare.

George O'Neill Addison relata no Relatório do IAN de 1952:

Sob esse ponto de vista, instalamos este ano os primeiros campos de multiplicação, contendo material de *Elaies guineensis* (dendê) e *E. oleifera* (caiaué), bem como alguns híbridos dessas duas espécies, obtidas de nossos cruzamentos há 2 anos (Relatório..., 1953).

João Murça Pires (1917–1994) comenta em artigo publicado em 1953:

Experiências feitas aqui no IAN pelo colega agrônomo George O'Neill Addison e no Congo Belga por Vanderweyen vieram comprovar a grande afinidade existente entre o dendê africano e o americano, de tal sorte que as duas plantas se cruzam com bastante facilidade. Aqui nos campos do IAN possuímos cerca de 600 plantas híbridas de caiaué x dendê, com mais de 2 anos de idade (Pires, 1953).

Addison e Pires (1957), no trabalho que foi apresentado na *6ª Reunião Anual da Sociedade Botânica do Brasil*, realizada em janeiro de 1955, na sede do Instituto Agrônomo do Norte, intitulado *Considerações relativas à sistemática de algumas plantas úteis*, comentam:

Os dados experimentais de cruzamento entre o caiaué e o dendê justificam nossa opinião de que essas duas plantas representam espécies distintas do mesmo gênero (*Elaeis*). As palmeiras dendê são monoicas, porém, algumas produzem maior percentagem de flores de um dos sexos, sendo esta uma questão muito variável, até com a idade da planta.

Entre as palmeiras caiaué cultivadas no horto do Museu Goeldi, em Belém, existem algumas plantas que só dão flores femininas. Para os trabalhos de cruzamento, iniciados em 1949, usou-se pólen de *E. guineensis* Jacq., procedente da Granja do Fomento Agrícola Federal, próximo da cidade de Ananindeua. Usou-se como mãe uma planta de caiaué cultivada no Museu Goeldi, que definitivamente só produz flores femininas (observação de vários anos). O pegamento foi, aproximadamente, de 100%. As sementes das plantas cruzadas (F1) tiveram alta percentagem de germinação. Mais de cem plantas híbridas cresceram no IAN, intercaladas com *E. guineensis* para se poder observar as diferenças entre elas. Pode-se afirmar, com segurança, que as plantas obtidas eram de fato produto de cruzamento, não um caso aberrante de reprodução, nem houve contaminação com pólen não controlado porque os híbridos mostram claramente caracteres intermediários. A planta usada como mãe (caiaué) definitivamente só produz flores femininas, que, na ausência de pólen da mesma espécie, nas vizinhanças, nunca se desenvolveram. O dendê usado como pai produz normalmente inflorescências masculinas e femininas. Não existiam plantas próximas, portadores de pólen, na ocasião do cruzamento. O pólen de *E. guineensis* usado foi trazido de local distante, mais de 20 km. As plantinhas de caiaué, de dendê e do híbrido são bastante parecidas quando bem novas. O híbrido (F1) revelou-se tão precoce quanto o dendê; os folíolos são dispostos mais ou menos no plano, como em caiaué; no dendê, os folíolos são presos, alternadamente, mais acima e mais abaixo, no raque, dando uma aparência encrespada às folhas. Os híbridos já estão frutificando, dando por segregação plantas com flores somente masculinas, outras com masculinas e femininas; às vezes, as flores masculinas se desenvolvem dando frutos atrofiados (flores incompletamente unissexuais). As características do híbrido são intermediárias e seu desenvolvimento um pouco mais vigoroso do que nas duas espécies. A maioria dos híbridos produz frutos abortivos, mal desenvolvidos, partenocápicos; alguns deram sementes normais que já foram semeadas mas ainda não germinaram. O tamanho dos frutos híbridos é mais ou menos intermediário. O dendê usado como pai tinha frutos pretos, o caiaué verdes e depois alaranjados. Os do híbrido, como na planta mãe. Em F1 o pólen tem baixa percentagem de fertilidade, muitos grãos são vazios, só tem casca e, tratados por iodo, não se colorem de azul. Na



continuação destes trabalhos, para o futuro, será de grande interesse verificar a citologia de F1, contar se a meiose é normal, comparar a forma, o número e o pareamento dos cromossomos; tratar as sementes (embriões) com colchicina para obter poliploides, a fim de controlar a esterilidade (estabilizar); estudar o retrocruzamento (backcross) para conhecer o comportamento da transmissão hereditária. Como finalidade prática, este trabalho de cruzamento visa à obtenção de uma planta adaptada às condições de várzeas amazônicas (terras periodicamente inundáveis) e diminuir a altura do dendê para facilitar a colheita (caiaué é baixo e de várzea). O caiaué deve produzir também maior percentagem de caroteno no fruto.

Em 1968, Felisberto Cardoso de Camargo mencionou:

No Instituto Agronômico do Norte foram realizados os primeiros cruzamentos interespecíficos (*Elaeis guineenses* ♀ x *E. melanococca* ♂), visando a criação de palmeiras de menor porte. As primeiras palmeiras F desse cruzamento, plantadas em Belém, já revelam as grandes possibilidades que esse novo material poderá ter para os países sul-americanos das regiões tropicais (Camargo, 1968).

A busca do dendezeiro híbrido interespecífico na década de 1940 estava voltada para o plantio em áreas de várzeas e de uma palmeira de pequeno porte. Na década de 1980, o híbrido interespecífico foi considerado como solução para o controle do amarelecimento fatal, obtenção de óleos insaturados, menor porte implicando redução no custo da colheita, aumento da vida útil econômica, distribuição da produção ao longo do ano e ocupação de áreas menos aptas para o dendezeiro africano.

O histórico de desenvolvimento do híbrido interespecífico, com pouca importância econômica para a época, poderia ter sido perdido se os autores não tivessem efetuado o seu registro, mesmo em publicações locais. A criação do dendezeiro híbrido interespecífico cria interpretações jurídicas com relação à divisão de benefícios para comunidades tradicionais, ribeirinhas e indígenas, como constante da nova Lei de Acesso da Biodiversidade (Lei 13.123), assinada em 20 de maio de 2015. Uma nova palmeira com genes nativos e exóticos nem sempre tem utilidade para o momento. A excessiva preocupação com a repartição de benefícios entre populações indígenas, quilombolas, ribeirinhos e populações tradicionais tende a prejudicar os avanços do desenvolvimento científico e tecnológico e a formação de uma nova agricultura com base nas plantas da biodiversidade local e modificada.

## Referências

ADDISON, G. O.; PIRES, J. M. Considerações relativas à sistemática de algumas plantas úteis. **Norte Agrônômico**, v. 3, n. 3, p. 21-26, jul. 1957.

ALBUQUERQUE, M.; LIBONATI, V. F. **IPEAN: 25 anos de pesquisas na Amazônia: histórico, organização, pesquisas**. Belém, PA: IPEAN, 1964. 89 p.

ANDRADE, E. B. (Ed.). **O homem que tentou domar o Amazonas: biografia do cientista Felisberto Camargo, polêmico, ousado e futurista**. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2006. 229 p.

CAMARGO, F. C. Agricultura na América do Sul. In: FITTKAU, E. J.; ILLIES, J.; KLINGE, H.; SCHWABE, G. H. (Ed.). **Biogeography and ecology in South America**. Netherlands: W. Junk N. V., 1968. v. 1, p. 302-328. (Monographiae Biologicae, 18).

CARDOSO, W. Ligeiras notas sobre o caiaué ou dendê do Pará. **Boletim Secção de Fomento Agrícola no Estado do Pará**, v. 1, n. 1, p. 20-21, jan./jun. 1942.

HOMMA, A. K. O.; FURLAN JÚNIOR, J. Desenvolvimento da dendeicultura na Amazônia: cronologia. In: MÜLLER, A. A.; FURLAN JÚNIOR, J. **Agronegócio do dendê: uma alternativa social, econômica e ambiental para o desenvolvimento sustentável da Amazônia**. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2001. p. 193-207.

HOMMA, A. K. O. **Histórico do desenvolvimento de híbridos interespecíficos entre caiaué e dendezeiro**. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2016. 34 p. (Embrapa Amazônia Oriental. Documentos, 421).

LIBONATI, V. F.; SAMPAIO, M. M. dos S.; BRASIL, H. M. S. (Org.). **Memórias: a Escola de Agronomia da Amazônia e a Faculdade de Ciências Agrárias do Pará no contexto socioeducacional da Amazônia**. Belém, PA: Universidade Federal Rural da Amazônia, 2003. 133 p.

OLIVEIRA, L. B. O Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Nordeste, (IPEANE): um olhar sobre a sua história. **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica**, v. 5/6, p. 66-78, 2008/2009. Disponível em: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/19323/1/Oliveira.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2018.

PIRES, J. M. Algumas palmeiras oleaginosas. **Norte Agrônômico**, v. 1, n. 1, p. 21-33, nov. 1953.

RAMOS, T. B. Registro da rede social dos projetistas do concurso do Plano Piloto para Brasília. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 9., 2011, Brasília, DF. **Interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente**. [Rio de Janeiro]: Docomomo Brasil, 2011. Disponível em: [http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/099\\_M05\\_RM-RegistroDaRedeSocial-ART\\_tania\\_ramos.pdf](http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/099_M05_RM-RegistroDaRedeSocial-ART_tania_ramos.pdf). Acesso em: 26 abr. 2018.

RELATÓRIO ANUAL DO IAN 1952. Belém, PA: IAN, 1953.



SILVA, C. R. S.; VENTURIERI, G. A.; FIGUEIRA, A. Description of Amazonian *Theobroma* L. collections, species identification, and characterization of interspecific hybrids. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 2, p. 333-341, 2004.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. **Universidade de São Paulo - 75 anos**: contribuição da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Piracicaba, 2009. 286 p.

ZHANG, D.; FIGUEIRA, A.; MOTILAL, L.; LACHENAUD, P.; MEINHARDT, L. W. *Theobroma*. In: KOLE, C. (Ed.). **Wild crop relatives**: genomic and breeding resources: plantation and ornamental crops. Berlin: Springer-Verlag, 2011. p. 277-296.

## Literatura recomendada

RELATÓRIO ANUAL DO IAN 1951. Belém, PA: IAN, 1952.

UNILEVER. **História da Unilever no Brasil**: uma história de sucesso. Disponível em <http://www.historiaunilever.com.br/unilever/files/paginas/1.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2018.



# ALFONSO WISNIEWSKI

(1918–1993)<sup>1</sup>

*Aline Fernanda Wisniewski Dias*



Foto: Arquivo Embrapa



**O** tempo, na sua voracidade, embaça a memória dos fatos e das pessoas que passam pela vida. Poucos são aqueles capazes de sobreviver ao tempo e cravar seus nomes e feitos na História. Isto acontece por causa da capacidade de liderança, pela dedicação e pelo conhecimento inquestionável dos que, sob o impulso de um ideal, sonham, acreditam e contribuem para a transformação de uma realidade. Esse pensamento me dominou, desde o momento em que fui instada a escrever algumas linhas sobre meu pai: Alfonso Wisniewski.

Fiquei muito honrada e emocionada com essa incumbência de narrar alguns momentos da vida daquele homem que para nós, sua família, muito representou como exemplo de cidadão, homem público, pesquisador, desportista, mas, principalmente, e de modo tão mais significativo, como pai, educador, professor e protetor. Peço perdão por conter, na minha narrativa, o lado mais afetivo e sentimental da prazerosa e saudosa relação de nossa pequena família com nosso pai. Essa intimidade, que ele próprio abrigava da maioria das pessoas, por prudência e recato, me leva a um esforço adicional para retratar mais os fatos da sua vida pública do que da pessoal.

Alfonso Wisniewski, filho de imigrantes poloneses, nascido em Curitiba, PR, em 1º de maio de 1918, teve uma infância humilde. Estudou em escola pública, onde concluiu o curso primário, o ginásial e o científico. Coursou o nível superior e graduou-se em Engenharia Química, em 1942, pelo Instituto de Química da Faculdade de Engenharia do Paraná. Aí exercia o cargo de assistente do famoso professor vienense Hans Ludwig Weber, quando se

<sup>1</sup> Fonte: Adaptado de Dias (2016).



propôs a vir para a Amazônia, em 1945, para, por um período de 3 anos, desenvolver pesquisas sobre borracha no antigo Instituto Agrônomo do Norte (IAN).

Iniciava-se, assim, a trajetória amazônica da vida de Alfonso Wisniewski, que não se concluiu com os 3 anos de permanência inicialmente projetados. Ele continuou e foi ficando, ficando, criou raízes em Belém e nunca mais foi embora. Seu perfil curioso, próprio de pesquisador, e sua ânsia, movida pelo fascínio que a Amazônia lhe exercia, foram estímulos para que ele quisesse estudá-la cada vez mais, para melhor compreendê-la, fato que expressou com muita propriedade em uma entrevista concedida ao jornalista Manoel Bulcão, em 1983: “Quanto mais se estuda, mais se deseja entendê-la, a ela mais se fica apegado”.

Dedicava-se mais ao trabalho que à vida social e, embora fosse um homem de 1,92 m de altura, olhos azuis, feições que lembravam vagamente o ator hollywoodiano Burt Lancaster (1913–1994), vivia quase recluso no ambiente de sua vida profissional, no qual, à época, exercia a função de chefe do Laboratório de Pesquisa da Borracha do IAN. Foi no ambiente de trabalho que conheceu a paraense Gioconda Costa. Da convivência no laboratório, surgiu a paixão por essa moça bonita, morena de olhos sonhadores e, sendo correspondido, desposou-a. Dessa feliz união matrimonial, que perdurou 41 anos, nasceram três filhas: Vânia, eu (Aline) e Giovana. Na segunda geração, a dos netos, nasceram cinco: Vanessa, Érica, Thiago, Juliana e Jéssica. Todos eles (à exceção de Jéssica que tinha apenas 2 anos quando ele faleceu) ainda guardam lembranças amorosas do avô, o qual, carinhosamente, quando os mencionava dizia: “os meus netinhos ocuparam de vez o meu coração, até a minha paixão pelo Paysandu (do qual era torcedor ferrenho) fica para depois, para eu poder ser mais avô”.

Após estar integrado à vida paraense, onde conquistou o respeito e o reconhecimento da sociedade de Belém, em especial do meio técnico- científico e acadêmico, recusou vários convites para exercer cargos importantes em outros estados, como a assessoria técnica da Superintendência da Borracha, em Brasília, dentre outros, decidindo permanecer na Amazônia, por genuína fidelidade ao desafio a que se propôs: ser útil ao desenvolvimento da região.

Ao longo de sua história, Alfonso Wisniewski assistiu a transformação do IAN em Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean) – do qual foi vice-diretor ao tempo de Felisberto Cardoso de

Camargo (1896–1977) e José Maria Pinheiro Condurú (1929–1987) e diretor efetivo durante os anos de 1967 a 1972 –, que posteriormente se integrou à estrutura da Embrapa Amazônia Oriental, na época denominada Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido (CPATU). Exerceu o magistério, primeiro, como professor titular da Escola Superior de Química do Pará e, posteriormente, como professor titular da Escola de Agronomia da Amazônia, hoje, Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra), como titular das disciplinas de Tecnologia de Produtos Agrícolas e Química Orgânica.

Como engenheiro químico de formação acadêmica, foi membro efetivo do Conselho Regional de Química da 6ª Região, no período de 1978–1984 e vice-presidente desse conselho, de 1978 a 1981.

Recebeu prêmios e distinções de renomadas instituições, como Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel (ABTCP) – 3º Prêmio na VII Convenção Anual da ABTCP; Sindicato dos Químicos, Químicos Industriais, Químicos Industriais Agrícolas e Engenheiros Químicos do Estado do Rio de Janeiro – Diploma Retorta de Ouro; Ministério do Trabalho; Conselho Federal de Química – Certificado de Serviços Relevantes Prestados ao Brasil.

Publicou cerca de 60 trabalhos técnico-científicos nas áreas de agronomia e química, principalmente sobre borrachas naturais brasileiras, os quais constituem, ainda hoje, referência obrigatória para os pesquisadores do assunto e para interessados no desenvolvimento regional da Amazônia. Essas publicações estão disponíveis nos acervos das principais bibliotecas das academias e institutos de pesquisa da região.

Centenas de engenheiros-agrônomo e químicos devem parte das suas formações profissionais ao professor Alfonso. A docência não era para ele uma simples obrigação ou dever profissional. Lecionava para ajudar a formar profissionais qualificados para trabalhar na Amazônia; ensinava porque gostava. Seus discípulos, nas escolas e nos laboratórios, cultivam, ainda hoje, uma enorme admiração pelo mestre Alfonso.

Prestou serviços como consultor à Fábrica de Celulose do Pará (Facepa), à Pirelli, ajudou a fundar a Rubertex e, entre outras atividades, investiu numa fazenda de criação de gado no Alto Rio Moju. Lá contraiu a malária que, anos depois, veio a contribuir para o agravamento das doenças responsáveis pelo seu falecimento.

Foi com essa experiência de técnico, pesquisador, professor e administrador que disse ter chegado à conclusão, aliás, já proclamada por conhedores,



sociólogos, ecologistas e outros, de que a Amazônia como Trópico Úmido é um ambiente diferenciado que não pode ser tratado sob a ótica dos ambientes de climas subtropicais temperados. Esse mundo tropical tem suas causas e efeitos específicos que devem ser apreendidos sob pena de se cometer equívocos no tratamento social ou econômico. A Amazônia tem que desenvolver um modelo próprio. Por isso têm malogrado as iniciativas de descobrimento socioeconômico.

A visão holística e a multidisciplinariedade já eram proclamadas por ele como necessárias ao estudo e ao entendimento do ambiente amazônico, muito antes dos tempos atuais, quando foram redescobertas. Afirmava que o pesquisador não pode se ater apenas ao seu campo específico de conhecimento, tem que estudar as correlações com todas as disciplinas que se interligam.

Desportista atuante na sua mocidade, integrando o time de basquete do Juventus, no Paraná, projetou-se no cenário esportivo paraense, como sócio e conselheiro do Paysandu Sport Clube. Assistia aos jogos de futebol e até aos treinos, em pé, colado ao alambrado, mas torcia discretamente, não gritava, nem xingava: sorria, se o Paysandu jogava bem e ganhava, principalmente do Remo; amarrava a cara nos revezes, e era só.

Alfonso Wisniewski: sábio, altruísta, dotado dos mais nobres ideais que, quando moço, se arriscou na “aventura” de vir para a Amazônia naqueles idos dos anos 1940 e que, quando aqui chegou, visto como um estrangeiro, suscitando, muita das vezes, no meio em que desempenhava suas funções técnicas e acadêmicas, certa desconfiança nos “filhos” da terra, soube conquistar seu espaço, angariando respeito e reconhecimento pelo seu trabalho e dedicação. Essa é a conquista que enseja a indelével lembrança de sua figura de homem ilustre, que faleceu aos 75 anos, em 3 de julho de 1993, mas sempre se fará presente na história da Amazônia.

Por isso, recorro ao pensamento com o qual iniciei este relato: “Poucos são aqueles capazes de sobreviver ao tempo e cravar seus nomes e feitos na História”. Meu pai Alfonso Wisniewski certamente o fez. Para meu imenso orgulho de filha e para o bem de nossa terra.

## Referências

DIAS, A. F. W. Alfonso Wisniewski (1918–1993). **Agrofoco**, v. 2, n. 5, p. 27, ago. 2016.



# RUBENS RODRIGUES LIMA

(1918–2014)

*Alfredo Kingo Oyama Homma*

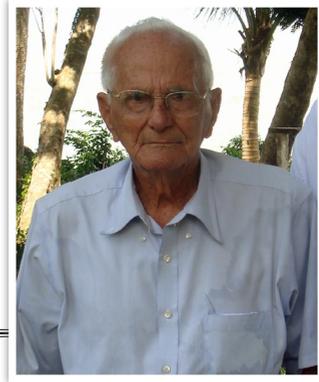


Foto: Antônio José Elias Amorim de Menezes



**R**ubens Rodrigues Lima nasceu em 11 de setembro de 1918, no Seringal Barão do Rio Branco, à margem direita do Rio Moa, afluente do Rio Juruá, no município de Cruzeiro do Sul, então Território do Acre. Filho do seringalista Mâncio Agostinho Rodrigues Lima (1875–1950) e de Maria Silva de Queiroz, seu pai por diversas vezes foi prefeito de Cruzeiro do Sul, recebendo a homenagem de ser dado o nome de Mâncio Lima ao novo município no Acre, desmembrado de Cruzeiro do Sul. Há um busto do seu pai em Cruzeiro do Sul em uma praça pública, reconhecendo os serviços prestados ao município.

Rubens Rodrigues Lima fez o curso primário em Cruzeiro do Sul e, em 1930, quando tinha 12 anos de idade e mais nove irmãos, seu pai Mâncio Lima transferiu sua família para Belém, a fim de os filhos prosseguirem ali seus estudos. Fez o curso secundário no Ginásio Paes de Carvalho, onde foi colega do Jarbas Gonçalves Passarinho (1920–2016).

Frequentou o curso de Agronomia na antiga Escola de Agronomia e Veterinária do Pará (1918–1941), que foi fechada, levando-o a transferir-se para a Escola de Agronomia do Estado do Ceará (fundada em 30 de março de 1918), onde se formou em dezembro 1944, sendo o primeiro aluno da turma. Durante o curso de Agronomia, notabilizou-se, inclusive com manchetes nos jornais de Fortaleza, ao apresentar um trabalho sobre o aproveitamento da maniçoba para a produção de látex.

Após a sua formatura, incorporou-se ao Instituto Agronômico do Norte (IAN) em princípios de 1945, sendo lotado como assistente da Seção de



Coordenação de Trabalho Experimental. Iniciou suas pesquisas com timbó, castanha-do-pará e cumaru, distinguindo-se desde o início pelo seu caráter criterioso, apaixonado pela segurança das informações e pelo valor dos dados. Em 1946, passou a ter sob sua responsabilidade todos os trabalhos com timbó. Foi chefe da Estação Experimental de Belém.

Em 1951, foi nomeado diretor substituto e, no dia 13 de dezembro de 1952, assumiu a direção do IAN e da Escola de Agronomia da Amazônia, cargo para o qual foi nomeado por decreto em 29 de novembro de 1952 e que ocupou durante um ano, para tratamento de saúde. Em meados de 1956, foi novamente nomeado diretor efetivo, ocupando o posto até meados de 1961. Após a permanência na Chefia, foi lotado na Seção de Fitotecnia e Genética, onde trabalhou com timbó, castanha-do-pará e cumaru. Foi contratado durante a gestão de Cristo Nascimento (1978–1985) como consultor do Convênio IICA/Embrapa.

No exercício do magistério secundário, lecionou História Natural no Ginásio Paes de Carvalho e no Colégio Gentil Bittencourt. No magistério superior, ministrou a terceira aula no primeiro dia de funcionamento do Curso de Agronomia, na antiga Escola de Agronomia da Amazônia, e daí em diante não mais deixou de dar aulas até a aposentadoria.

A história da pesquisa agropecuária e do ensino agrícola na Amazônia se confundem, portanto, com a própria vida de Rubens Rodrigues Lima (Albuquerque; Libonati, 1964; Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, 1992). Publicou diversas obras que se tornaram clássicas na literatura agrícola sobre a Amazônia, como o livro *A Agricultura nas Várzeas do Estuário do Amazonas*, publicado em 1956, que passou a ser referência constante nas discussões sobre a região. Do ponto de vista histórico, é interessante citar que Rubens Rodrigues Lima já mencionava, em 1956, as possibilidades de cultivo da soja nas várzeas da Amazônia, que se tornou realidade na Amazônia Legal a partir da década de 1980.

O seu livro *A Conquista da Amazônia: reflexos na segurança nacional* mostra a outra faceta de Rubens Rodrigues Lima, no seu conhecimento histórico da Amazônia e como parte dessa história, na preocupação com a integridade territorial da região. Esse livro documenta também seus contatos com personalidades que viriam a se tornar figuras expressivas nacionais, como os marechais Henrique Teixeira Lott (1894–1984) e Humberto de Alencar Castello Branco (1900–1967), na sua preocupação com a soberania da Amazônia que ensejou o convite para cursar a Escola Superior de Guerra, em

1964. Esses fatos, que perdem peso na atualidade, devem ser analisados no contexto da época. Digna de mérito foi a sua parceria com Manoel Malheiros Tourinho e José Paulo Chaves da Costa (1958–2011), na coordenação de séries de livros enfocando diversos tipos de várzeas existentes na região amazônica.

Dedicou atividades como empresário rural em uma propriedade com 340 ha na estrada para a Baía do Sol, na Ilha de Mosqueiro, denominada Fazenda Paysandu, onde compatibilizou a preservação do meio ambiente com o paisagismo e dedicou-se com sucesso ao melhoramento de uma cultivar de cupuaçuzeiro resistente à vassoura-de-bruxa e à formação de uma raça de pato regional de plumagem branca, denominado Paysandu, cujos machos pesavam 4,5 kg aos 3 meses de idade.

Recebeu o título de Professor Emérito em 1989 e Mérito em Ciências Agrárias em 1999, pela Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (Fcap).

Durante a gestão de Dilson Augusto Capucho Frazão (1991–1996), em fevereiro de 1995, o prédio central da Embrapa Amazônia Oriental recebeu a designação de Rubens Rodrigues Lima.

Em 1999, recebeu o prêmio Destaque Científico do Ano, pelo Clube de Engenharia do Pará. Em 2000, recebeu o título de Engenheiro-Agrônomo do Ano, pela Associação de Engenheiros Agrônomos do Pará, e foi novamente homenageado pelo Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Pará (Crea-PA), por relevantes contribuições prestadas à classe tecnológica.

Em 2002, recebeu homenagem da Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra), que deu o nome de “Professor Rubens Lima” ao prédio central da instituição. Neste mesmo ano, foi também homenageado no *IV Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais*, em Ilhéus, BA, pela contribuição ao desenvolvimento do ensino e da pesquisa em sistemas agroflorestais (SAFs). Por ocasião do *VIII Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais*, realizado em Belém, de 21 a 25 de novembro de 2011, foi novamente homenageado com uma plaqueta comemorativa.

Em 2009, recebeu o Diploma de Honra ao Mérito e Medalha, pela Comissão Organizadora das Comemorações do 80º Aniversário da Imigração Japonesa na Amazônia. Nesse ano recebeu também uma placa comemorativa dos 70 anos de vida da Embrapa Amazônia Oriental, com a seguinte homenagem: “A nossa história é fruto do seu trabalho”.



No dia 17 de abril de 2013, recebeu na Ufra o diploma de doutor Honoris Causa. Em 2003, recebeu o Diploma de Láurea ao Mérito, pelo Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Confea). Recebeu também a Medalha do Pacificador, pelo Exército, por relevantes serviços prestados na implantação de colônias militares na faixa de fronteira.

Pela Assembleia Legislativa do Estado do Pará, recebeu o título de Cidadão do Pará e, em 2011, recebeu o título de Honra ao Mérito, por proposição do deputado estadual José Megale.

Realizou 15 expedições a diferentes zonas e regiões fisiográficas da Amazônia, selecionando e coletando material de propagação de plantas de cultura pré-colombiana.

Rubens Rodrigues Lima faleceu na madrugada do dia 1º de dezembro de 2014, em Belém, sendo sepultado no cemitério Santa Izabel.

## Referências

ALBUQUERQUE, M.; LIBONATI, V. F. **IPEAN**: 25 anos de pesquisas na Amazônia: histórico, organização, pesquisas. Belém, PA: IPEAN, 1964. 89 p.

FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DO PARÁ. **Memorial histórico 1951–1991**. Belém, PA, 1992. 201 p.

## Literatura recomendada

HOMMA, A. Prefácio. In: LIMA, R. R.; COSTA, J. P. C. **Coleta de plantas de cultura pré-colombiana na Amazônia brasileira**: I. Metodologia e expedições realizadas para coleta de germoplasma. Belém, PA: Embrapa-CPATU, 1997. p. 9-22. (Embrapa-CPATU. Documentos, 99).

HOMMA, A. Prefácio. In: LIMA, R. R.; TOURINHO, M. M.; COSTA, J. P. C. **Várzeas Flúvio-Marinhas da Amazônia Brasileira**: características e possibilidades agropecuárias. Belém, PA: Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, 2000. p. 5-12.

MEGALE, J. **Homenagem aos que trabalham pelo Pará**. Disponível em: <http://deputadomegale.blogspot.com.br/2011/12/homenagem-aos-que-trabalham-pelo-para.html>. Acesso em: 15 jan. 2018.



# BATISTA BENITO GABRIEL CALZAVARA

(1922–2011)

*Benito Barbosa Calzavara*  
*Carla Calzavara Coelho de Souza*  
*Gina Barbosa Calzavara*



Foto: Arquivo Embrapa



Nasceu no norte da Itália, em Montebelluna, em 26 de dezembro de 1922. Veio para o Brasil com 5 anos de idade, morando inicialmente em Barbacena, MG. Seu pai se dedicava a múltiplas atividades: era alfaiate, topógrafo e especialista em bicho-da-seda. Em razão desta última foi convidado a trabalhar no estado da Paraíba, onde montou um centro de produção e reprodução desse cultivo.

Casou-se com Maria Barbosa Calzavara, tendo cinco filhos: Ninarosa Calzavara Cardoso, Carla Calzavara Coelho de Souza, Gina Barbosa Calzavara, Bruna Barbosa Calzavara e Benito Barbosa Calzavara.

Formou-se em Agronomia na antiga Escola de Agronomia da Parahyba, situada em Areia, PB, em 4 de dezembro de 1949, tendo como patrono de turma o ex-presidente Getúlio Vargas (1882–1954). Após a formatura, mudou-se para o estado do Amapá com o amigo e então colega de turma, o professor de zootécnica Carlos Alberto Moreira de Melo, conhecido como Moreirão. Ambos moraram por alguns anos na Fazendinha, em Macapá, quando foram convidados a trabalhar na Estação Experimental de Belém, em 1953, da qual Benito foi chefe durante 3 anos. Em 1958, passou a chefiar a Seção de Horticultura e chegou a ser diretor substituto do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean). Foi professor da primeira turma de agrônomos da antiga Escola de Agronomia da Amazônia.

Com a criação da Embrapa, em 1973, optou por ficar na então Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (Fcap), tendo se aposentado no ano de 1985.



Foi contratado durante a gestão de Cristo Nascimento (1978–1985) como consultor do Convênio IICA/Embrapa para se dedicar a pesquisas com fruticultura na atual Embrapa Amazônia Oriental. Em idêntica modalidade de consultoria foi também contratado Rubens Rodrigues Lima (1918–2014).

No Instituto Agronômico do Norte (IAN) e no Ipean, dedicou suas pesquisas de cunho essencialmente prático para abacaxizeiro, cajueiro, goiabeira, maracujazeiro, murucizeiro, abieiro, abricozeiro, bacurizeiro, biribazeiro e cupuaçuzeiro. Segundo a filha Gina, na época as pessoas perguntavam para o seu pai: – *Para que plantar fruteiras se podemos obter do mato?*

Batista Benito Gabriel Calzavara não publicou trabalhos científicos, mas deixou alguns registros em relatórios, como nos de 29 de dezembro de 1959 e 19 de dezembro de 1960, nos quais menciona a descoberta do cupuaçuzeiro sem semente e as providências visando à sua multiplicação. Esse cupuaçuzeiro foi localizado em 1959, em Cametá, na localidade Pacajás, situada a 500 m da margem esquerda do Rio Tocantins. O proprietário afirmou que o pé tinha em torno de 70 anos, com uma produção média de 50 a 60 frutos colhidos por safra. A equipe do IAN verificou que os frutos apresentavam 2,7 mil gramas de peso. O tronco estava brocado e a copa reduzida, em virtude da constante retirada do material. Em 1959 foi feito um viveiro com 1,2 mil mudas prontas para proceder à enxertia, que redundou em um fracasso, com a morte dos enxertos (Relatório..., 1960, 1961).

Em 1960, foi implantado um novo viveiro (Figura 1), este na sombra, com a construção de um ripado rústico, retornando em outubro para outra coleta de material para enxertia. Foram realizados 633 enxertos (Figura 2), dos quais 535 tiveram sucesso e se constituíram nos descendentes dos cupuaçuzeiros sem semente espalhados na região (Relatório..., 1960, 1961).

Foto: Batista Benito Gabriel Calzavara



**Figura 1.** Viveiro implantado em 1960 por Batista Benito Gabriel Calzavara para proceder a enxertia dos cupuaçuzeiros sem sementes.

Foto: Batista Benito Gabriel Calzavara



**Figura 2.** A técnica de borbulha foi a de maior sucesso na enxertia dos cupuaçuzeiros sem semente efetuada por Batista Benito Gabriel Calzavara. Veja o detalhe das mudas plantadas sem os saquinhos pretos da atualidade.

Na Universidade Federal do Pará (UFPA) foi implantado o Bosque Benito Calzavara, em 1994, na gestão do reitor Marcos Ximenes Ponte. O bosque, que ficou aos cuidados da sua filha Gina Calzavara, desde 2 de março de 2011, presta uma singela homenagem a um dos pioneiros da pesquisa sobre fruteiras nativas e exóticas aclimatadas na região.

O pesquisador Batista Benito Gabriel Calzavara faleceu em 27 de março de 2011, com 88 anos de idade, após conviver com o Mal de Parkinson nos 10 últimos anos de vida.

## Referências

RELATÓRIO ANUAL DO IAN 1959. Belém, PA: IAN, 1960.

RELATÓRIO ANUAL DO IAN 1960. Belém, PA: IAN, 1961.

## Literatura recomendada

ALBUQUERQUE, M.; LIBONATI, V. F. **IPEAN**: 25 anos de pesquisas na Amazônia: histórico, organização, pesquisas. Belém, PA: IPEAN, 1964. 89 p.

NASSAR, N. L. **Publicações do IAN, IPEAN e CPATU**. Belém, PA: EMBRAPA-CPATU, 1984. 98 p.





# ARCHIMAR BITTENCOURT BALEEIRO

(1924–2004)

*Gustavo Luiz Batista D'Angiolella  
Maria Clarice Baleeiro de Sá Adami  
Eduardo Lacerda Ramos*

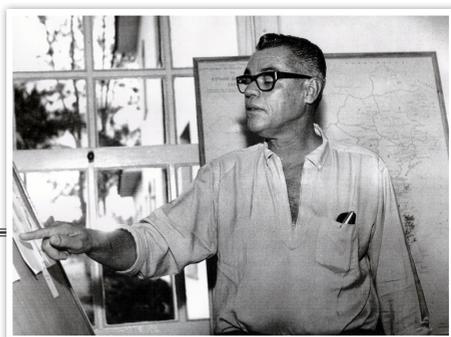


Foto: Arquivo Embrapa



**D**escendente de família tradicional nas áreas jurídica e política, Archimar Bittencourt Baleeiro – “Bala” (para os íntimos) – optou pela vida no campo. Filho de Archibaldo de Andrade Baleeiro, advogado, e de Maria Bittencourt Baleeiro, professora, nasceu em Salvador, BA, no dia 22 de março de 1924.

Foi aluno do Colégio Marista, onde fez seu curso fundamental e médio, graduando-se posteriormente em Engenharia Agrônoma pela Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia, em Cruz das Almas, em dezembro de 1948.

Iniciou a vida profissional na Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia, na Área de Produção Animal. Mas, já em 1949, passou a trabalhar no Ministério da Agricultura, assumindo o Setor de Parques e Jardins do Centro de Ensino e Pesquisas Agrônomicas do Rio de Janeiro, o chamado Km 47.

No ano seguinte, retornou ao estado da Bahia para chefiar a Estação Experimental de São Gonçalo dos Campos, pertencente ao Serviço Nacional de Pesquisas Agrônomicas – Instituto Agrônomo do Leste (IAL), em Cruz das Almas.

Em 1955, partiu para Belém, PA, onde assumiu o cargo de diretor do Instituto Agrônomo do Norte, tornando-se seu defensor e entusiasta, o que justifica esta homenagem.

Acumulou também as funções de administrador das plantações Ford em Belterra e Fordlândia. Nesse período, tornou-se conselheiro consultivo da



Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia e, logo depois, professor da Escola de Agronomia da Amazônia.

No retorno ao seu estado natal, passou a ser consultor técnico da empresa Agro Comercial Fumageira, em Cruz das Almas, ficando, dessa forma, afastado por 2 anos do serviço público, para onde retornou já com 12 anos de formado, para ser diretor do IAL, depois nomeado como Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Leste (Ipeal). “Baleeiro do Ipeal” ecoou inúmeras vezes nas reuniões de diretoria e em todas as ocasiões em que os interesses dessa instituição estavam em jogo.

Como era difícil defender o Nordeste naquela época, dizia. Pragmático, exímio administrador, firme nas decisões, disciplinador sem perder o senso de justiça e incentivador, acima de tudo, dos que queriam trabalhar em benefício da pesquisa e do próprio Ipeal.

Cinco anos após, iniciou carreira como professor titular da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia, lado a lado com a Direção do IAL.

Outras atividades e funções somaram-se ao seu currículo, tais como: diretor estadual do Ministério da Agricultura e presidente da Câmara de Agricultura da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia.

Por seu intermédio e como seu representante oficial no estado da Bahia, a Embrapa deu os primeiros passos, quando foi tratada a incorporação do Ipeal a este órgão. Muitos que compuseram o quadro do Centro de Pesquisa de Mandioca e Fruticultura, hoje Embrapa Mandioca e Fruticultura, passaram pelas suas mãos. Logo depois, conduziu a criação da Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária (Epaba), junto ao governo do estado da Bahia.

De 1977 a 1986, passou a chefiar a Agência Regional do Instituto Brasileiro do Café (IBC), em Salvador. Em 1988, aposentou-se das funções ligadas à Embrapa e passou apenas a ensinar na Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia, em Cruz das Almas, onde se aposentou, anos depois.

Como empresário ligado à pecuária (criador de gado Nelore na Estância Santa Maria em Rui Barbosa, BA), foi um dos fundadores e diretor da Associação Baiana dos Criadores (Abac).

Na vida privada, foi casado por 55 anos com Nilza Passos Baleeiro, com quem teve três filhas: Maria Clarice, Maria Virginia e Maria Angélica, tendo

sete netos – Clarissa, Roberta, Milla, Paulo, Joana, Luís e Maria – e cinco bisnetos – Beatriz, Bernardo, Fernanda, Victor e Nina.

No dia 29 de fevereiro de 2004, faleceu em Salvador, sua cidade de origem, faltando um mês para completar 80 anos.

## **Nota dos editores**

Um texto preliminar foi redigido pelo professor Eduardo Lacerda Ramos, em 9 de agosto de 2008, com a ajuda de Nilza Baleeiro, o qual foi ampliado com a nova versão encaminhada por Gustavo D'Angiolella, em 15 de setembro de 2009 e as fotos em 16 de setembro de 2008.





## EURICO PINHEIRO (1927–2011)

*Lucieta Guerreiro Martorano  
Izabel Cristina Drulla Brandão*



Foto: Paulo Campos Christo Fernandes



## O legado e a maestria de um cientista pioneiro<sup>1</sup>

Iniciou seus estudos no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em Belém, e recebeu prêmio ao final da quinta série, por ter obtido a maior nota entre todos os alunos de escolas públicas na capital paraense. Fez seu curso ginásial no Colégio Moderno, em virtude de seu pai lecionar naquele colégio a disciplina História Natural. Terminando o ginásio, as dificuldades financeiras e o rigor paterno exigiram que o curso colegial fosse realizado em escola pública, necessitando trabalhar para garantir seus recursos financeiros, mesmo estudando no Ginásio Paes de Carvalho. Trabalhou como office boy na empresa Brighton de engenharia, que, na época, implementava os serviços de água e esgoto na cidade de Belém.

Ao terminar o curso colegial foi para Viçosa, MG, para cursar Agronomia. As limitações financeiras impossibilitaram a manutenção do seu intento e, por sugestão de sua mãe, ingressou na Faculdade de Medicina do Estado do Pará, em 1949, cursando os dois primeiros anos. Em 1951, com a fundação da Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), hoje Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra), trancou o curso de Medicina e ingressou na EAA para se tornar, posteriormente, um engenheiro-agrônomo. Como a EAA pertencia ao Ministério da Agricultura e funcionava anexa ao antigo Instituto Agrônomo do Norte (IAN), seu corpo docente era composto, em sua quase totalidade, pelos pesquisadores do IAN, cuja influência na formação profissional de Eurico Pinheiro foi decisiva.

<sup>1</sup> Texto de Lucieta Guerreiro Martorano



Ingressou, por concurso público, no Instituto Agrônomo do Norte (IAN), sendo designado para trabalhar no Laboratório de Tecnologia da Borracha, que era referência nacional. Para garantir a oferta de borracha para o esforço bélico, cujos seringais no Sudeste Asiático foram invadidos por tropas japonesas, o governo americano deslocou um grupo de renomados pesquisadores para o IAN, os quais contribuíram na formação de Eurico Pinheiro. Suas atividades passaram a ser desenvolvidas no laboratório construído com recursos do governo americano, verba oriunda do acordo Brasil-Estados Unidos. Eurico participou das tarefas de processamento de borracha na forma sólida, bem como o látex da seringueira a partir de produtos de imersão.

Em 1955, como engenheiro-agrônomo, Eurico foi designado para chefiar o Departamento de Agricultura de Belterra, sede da antiga Plantação Ford, onde se situava extenso seringal de cultivo, adquirido pelo governo brasileiro, que atribuiu ao IAN a sua direção. Eurico foi designado para chefiar o setor de pesquisa e administrar a Usina de Processamento do Látex, em conjunto com os técnicos americanos do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), que trabalharam em Belterra por mais 5 anos, após a compra das plantações pelo governo brasileiro, desenvolvendo atividades de melhoramento genético de seringueiras. O fitotecnista Charles H. Townsend Junior (1945–1952) e os fitopatologistas Michael Langford (1944) e August Gorens (1951–1957) continuaram participando ativamente dos trabalhos de melhoramento genético.

Nessa oportunidade, Eurico passou a participar ativamente dos trabalhos e, pela primeira vez, incluiu a *Hevea pauciflora* como fonte de resistência nas hibridações. A Eurico Pinheiro deve-se a utilização dessa espécie, pela primeira vez, como nova fonte de germoplasma de resistência ao fungo *Microcyclus ulei* – agente causal do mal das folhas (South American Leaf Blight – Salb). O uso da *H. pauciflora* nos programas de dupla enxertia (enxertia de copa) na seringueira abriu novas perspectivas para a heveicultura nas áreas afetadas pela enfermidade.

O mal das folhas inviabilizou a heveicultura em todos os programas governamentais e particularmente as plantações em áreas tidas como tradicionais, ou seja, matas tropicais de clima quente e úmido, como as escolhidas pelos técnicos da Ford ao estabelecerem os seringais em Fordlândia e Belterra. Em Fordlândia, a condição topográfica e climática facilitou a incidência de *M. ulei*, o que culminou com a tomada de decisão dos técnicos da Ford Motor Company em instalar novos plantios em áreas de

um platô em Belterra, próximo de Santarém. Posteriormente, esses cultivos foram vitimados pelo mal das folhas, porém em menor escala.

Os programas de hibridação foram intensificados para produzir cultivares com características de resistência e alta produtividade. No programa de hibridação desenvolvido em Belterra, algumas combinações apresentaram mais tolerância ao patógeno *M. ullei*, podendo ser plantadas em áreas de incidência moderada do patógeno. Ainda em Belterra, numa tentativa de salvar o restante da plantação, Charles H. Townsend Junior lançou mão da enxertia de copa, que consiste na substituição da copa de uma jovem planta suscetível, por meio da enxertia, por uma copa de planta resistente. A técnica funcionou bem em Belterra, onde a planta suscetível era pulverizada para não perder folha, requisito para o sucesso da técnica. Com isso, salvaram boa parte do seringal.

As plantas, produto de hibridação com clones orientais altamente produtivos, geraram cultivares (clones) de mediana resistência e muitas vezes com bons níveis de produção. Deram origem aos clones FX e IAN, dos quais algumas seleções distinguiram-se pela produção de borracha, entretanto a resistência não era do tipo permanente, podendo voltar a ser suscetível. O processo de hibridação entre clones produtivos e clones resistentes produziu milhares de seleções produtivas, portando o caráter permanente de resistência à doença. Nos 70 anos de pesquisa, foram produzidos clones altamente produtivos se plantados em regiões de baixa incidência de *M. ullei*. Os clones FX e IAN, produtos dessa pesquisa, têm sido com sucesso estabelecidos em áreas de escape.

Em Belterra, Eurico Pinheiro participou de várias coletas de material de propagação nos seringais nativos da região e em seringais no estado do Acre. Eurico sempre destacou que, ao contrário do que se pensa, o número de seringueiras por hectare em seringal nativo é de somente duas plantas, sendo 75% da produção de borracha conferida apenas por 20% das plantas.

Em 1961, as Plantações Ford em Fordlândia e Belterra foram transformadas na autarquia Estabelecimento Rural do Tapajós (ERT) e o pesquisador Eurico Pinheiro retornou ao Ipean, sendo designado para chefiar a seção de Heveicultura e Tecnologia da Borracha. Ao retornar a Belém, Eurico voltou a desenvolver suas atividades de ensino na Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (Fcap).

No Ipean, chefiou o setor de Fitotecnia e teve a oportunidade de coordenar, em 1961, a instalação de uma unidade experimental com seringueira, em



Açailândia. Em área da Confederação Evangélica do Brasil, foi instalada uma coleção de 25 clones das séries FX e IAN, que foram monitorados pelo pesquisador nos três primeiros anos de implantação. A confederação entregou a plantação para uma cooperativa em 1967 e, depois de mais 8 anos, ao visitar os plantios, Eurico constatou que as plantas estavam bem enfolhadas e com nenhum sinal de ataque de *M. ulei*, caracterizando-se ali uma área de escape, posteriormente confirmada em análise de dados agrometeorológicos, coletados em uma estação instalada junto ao seringal. Essa constatação convalidou a informação de alguns pesquisadores sobre a existência de seringueiras nativas em áreas com períodos de estiagem.

Finalmente, Eurico encontrou o que tanto esperava, facilitando suas pesquisas com a seringueira em áreas de escape no Mato Grosso, em parceria com a Companhia de Desenvolvimento do Araguaia (Codeara), a qual permitiu o desenvolvimento de uma série de ensaios visando identificar e solucionar problemas pertinentes à situação da área de escape climática, na Amazônia. Eurico ressaltava que a parceria com a Codeara foi de grande valia científica para as pesquisas em heveicultura na Embrapa.

O projeto elaborado em conjunto com Rubens Rodrigues Lima (1918–2014), na oportunidade diretor do IAN, foi apresentado em 1958 ao Ministério da Agricultura, na Reunião de Estudos da Borracha para Aumento da Produção (Rebap) e aprovado pelo então ministro Antônio de Barros Carvalho (1899–1966), no período de 1960 a 1961, durante o governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902–1976). Uma equipe de pesquisadores foi para Itacoatiara, no estado do Amazonas, em regime de rodízio. Em três anos enfrentando muitas dificuldades, foram implantados 350 ha de seringueiras. Entretanto, lutando pela falta de recurso, o Ministério da Agricultura resolveu cancelar o programa, argumentando ser tarefa para a extensão e não para a pesquisa. O projeto foi entregue ao governo do Amazonas. Aos três pesquisadores que arduamente dedicaram-se ao projeto, restou a célebre malária do Rio Urubu.

Eurico atuou como professor na área das ciências agrárias lecionando as disciplinas: Agricultura Geral e Especial, assim como Fitotecnia IV. Aposentou-se na FCAP em 1981, admitido na Embrapa Amazônia Oriental no mesmo ano como pesquisador III. Chefiou o departamento de heveicultura até sua aposentadoria, onde desenvolveu atividades de pesquisa em fitotecnia e melhoramento genético de *Hevea*. Eurico Pinheiro deixou um legado de contribuições científicas para a Amazônia. Escrever sobre meu ex-professor foi uma honra. Eu, Lucieta Guerreiro Martorano, tive a grata satisfação de ser aluna desse brilhante profissional e muitos desses relatos foram realizados

pelo próprio professor, que me contava suas memórias com tantos brilhos nos olhos, muitas vezes com lágrimas ao relatar que o jardim clonal instalado por ele na Embrapa não foi mantido após sua aposentadoria. Saudades eternas dessa pessoa iluminada por quem tive a grata satisfação de ser considerada como uma grande amiga.



## Um Pinheiro com alma de seringueira<sup>2</sup>

Era uma vez um Pinheiro com alma de seringueira. O tempo provou e gostou. Muitas sementes depois, essa alquimia frutificou tanto e tão bem que hoje, aos 80 anos recém-feitos em 14 de abril, o pesquisador Eurico Pinheiro é celebridade nacional e referência internacional quando o assunto é? Seringueira, sem dúvida.

As publicações de Eurico Pinheiro sobre heveicultura são leitura obrigatória para estudantes e pesquisadores da área. Prestes a se desligar da empresa, sua esperança inquietante é ver as pesquisas com seringueira continuadas e ampliadas na Embrapa Amazônia Oriental, porque as tecnologias às quais dedicou décadas de trabalho têm tudo para fazer do seu sonho algo possível: reabilitar a seringueira nas extensas e contínuas áreas de escape (livres da epidemia do mal das folhas) da porção oriental da Amazônia Legal (nordeste de Mato Grosso, norte de Tocantins, sudoeste do Maranhão e grande parte do sul do Pará), onde nos últimos anos concentrou suas pesquisas.

Como ninguém, Eurico Pinheiro sabe que seringueiras podem ter até mais importância hoje para o País e a Amazônia do que tiveram no passado. Seringueira pode recuperar áreas degradadas ou alteradas. Garantir renda o ano inteiro e por muito tempo ao agricultor familiar, consorciada com banana, pimenta-do-reino, café, feijão-caupi, milho ou frutíferas. Além de borracha natural, pode ao final render madeira para móveis. O novo conceito de heveicultura inclui arranjos em sistemas agroflorestais (SAFs), o que contribuiu para a conservação do solo e da água e ao sequestro de carbono, amenizando o efeito estufa.

---

<sup>2</sup> Texto de Izabel Cristina Drulla Brandão, publicado originalmente em 17 de abril de 2007, na Série Memória do CI Especial, informativo interno da Embrapa Amazônia Oriental, em homenagem a Eurico Pinheiro, na época prestes a se aposentar como pesquisador da instituição. Aqui em versão original, com revisão técnica efetuada em 16 de julho de 2019 pela pesquisadora da Embrapa Maria do Pilar Henriques das Neves.



“A produtividade alcançada nos seringais comerciais já implantados em áreas de escape na Amazônia e no Sudeste do Brasil permite que se anteveja a possibilidade de o Brasil se tornar autossuficiente na produção da borracha natural e também exportá-la para o mercado internacional”, profetiza o pesquisador.

Ele sabe o que diz, desde o tempo de Henry Ford na Amazônia, com quem trocou pessoalmente muitas ideias profissionais na época em que a Companhia Ford atuava no Pará e estabeleceu o marco inicial das pesquisas com melhoramento genético da seringueira no Brasil.

Muitos ex-alunos seus são pesquisadores da Embrapa Amazônia Oriental. Quando se referem a Eurico Pinheiro, o fazem com reverência: “extremamente educado e paciente no trato com as pessoas, dedicado e apaixonado pelo trabalho, sempre atualizado, incansável na missão de dar continuidade à pesquisa com seringueira, de uma cultura geral invejável que o torna um cientista como poucos”.

Paraense de Belém, formou-se engenheiro-agrônomo em 1954, pela Escola de Agronomia da Amazônia, que funcionava anexa ao Instituto Agrônomo do Norte (IAN), depois Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (FCAP) e atual Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra). Especializou-se em 1962 em Fitotecnia del Cacau, no Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas, na Costa Rica. De 1955 a 1972, foi pesquisador do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean). Professor catedrático por 21 anos, aposentou-se da FCAP em 1981, ano em que entrou para o quadro de pesquisadores da Embrapa. Em 1997, ganhou o prêmio Premiação por Excelência – Memória Técnica, da Embrapa.



## Nota dos editores

A Embrapa Amazônia Oriental inaugurou na manhã de sexta-feira, 6 de dezembro de 2019, o Centro de Referência em Tecnologias Agropecuárias e Florestais Sustentáveis “Eurico Pinheiro”, localizado no município de Terra Alta, PA.



# JOSÉ MARIA PINHEIRO CONDURÚ

(1929–1987)

*José Maria Hesketh Condurú Neto*

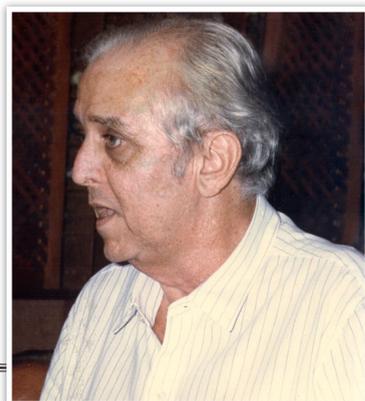


Foto: Arquivo Embrapa



**M**eu pai foi um apaixonado pelas atividades agroflorestais na Amazônia, notadamente aqui em seu estado natal, o Pará. Nasceu em Belém, no dia 7 de fevereiro de 1929, filho do engenheiro-agrônomo José Maria Hesketh Condurú (1900–1974) e de Maria Antonieta Pinheiro Condurú (1906–1998). Em 1955, casou-se com Cleide Motta Telles Condurú (1933), paraense, natural de Belém, formada em Pedagogia, funcionária do Laboratório de Química da Borracha do Instituto Agrônomo do Norte (IAN), com a qual teve quatro filhos: José Maria Hesketh Condurú Neto – engenheiro-agrônomo, Francesca Teles Condurú da Silva – contadora, Paulo Roberto Teles Condurú – engenheiro florestal e Marise Teles Condurú – biblioteconomista, todos dedicados às suas atividades profissionais no setor público e privado. Quando meu pai faleceu, já possuía 13 netos, todos apaixonados por ele.

Sempre foi estudante de escolas públicas. De início, foi aluno do Colégio Progresso Paraense e, posteriormente, do Colégio Estadual Paes de Carvalho, onde concluiu seus estudos secundários.

Com sua paixão pela agricultura e por não existir em 1949 curso superior de agronomia no Pará, estando disposto a obter sua graduação nessa área, com muito esforço, conseguiu ser selecionado para seus estudos superiores na antiga Escola Superior de Agricultura e Veterinária (Esav) de Viçosa, hoje Universidade Federal de Viçosa (UFV). Durante o curso, ocupou diversas funções acadêmicas, destacando-se: presidente do Centro Esportivo e representante junto à Federação Universitária Mineira de Esportes (Fume), fundador e editor-chefe do jornal universitário *O Bonde*.



Formou-se engenheiro-agrônomo em 15 de dezembro de 1952, em uma turma de 20 agrônomos, tendo sido colega de Clibas Vieira (1927–2004), Bento Machado Lobo (1930–2008), Pedro Merçon Vieira (1928–2017) e outros, que ocuparam destacados cargos na área de ensino, pesquisa e extensão agrícola no País.

Embora tenha recebido ótimos convites para trabalhar na região Sudeste, notadamente Minas Gerais e Espírito Santo, sua paixão original o fez retornar ao Pará e, em 31 de dezembro de 1952, foi admitido no IAN como assistente na Seção de Melhoramento de Plantas (Fitotecnia), por conta das dotações das plantações Ford de Belterra, àquele tempo vinculadas ao IAN.

Ocupou por algumas vezes a Chefia da Estação Experimental de Belém, tendo participado de diversas viagens de estudo, tanto em outros estados como no interior da Amazônia, para coletar material botânico para os experimentos agrônômicos do IAN. Esteve no IAN, posteriormente Ipean, de 1952 a 1971, quando passou aos quadros de técnicos do Ministério da Agricultura e da Delegacia Federal no Pará.

Foi professor de Agricultura Geral na Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), participando na formação dos profissionais de agronomia desde a primeira turma e publicando diversos estudos técnicos com culturas industriais. Foi homenageado como patrono da turma de engenheiros-agrônomos da EAA de 1965.

Pertenceu ao quadro de Agrônomos Avaliadores do Banco do Brasil desde 1958, tendo sido precursor nos trabalhos de avaliações e perícias rurais e um dos fundadores do Instituto de Avaliações e Perícias de Engenharia do Pará (Iapep-PA), entidade do Sistema Confea/Crea, que é o conjunto formado pelo Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea) e pelos Conselhos Regionais de Engenharia e Agronomia (Creas), ativa até hoje.

Desenvolveu estudos e pesquisas notadamente com as culturas da pimenta-do-reino e do dendezeiro, tendo grande importância no desenvolvimento e expansão das atividades produtivas dessas culturas. O livro *Cultura da Pimenta-do-reino na Região Amazônica*, publicado em 1971, por Fernando Carneiro de Albuquerque (1932–2017) e José Maria Pinheiro Condurú, tornou-se um clássico sobre essa cultura. O livreto intitulado *Notas Sumárias sobre a Cultura do Dendê na Amazônia*, publicado em 1957, foi o primeiro trabalho sobre essa cultura publicado pelo IAN.

Em 1961, assumiu a diretoria do IAN, quando este foi transformado em Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), hoje Embrapa Amazônia Oriental, onde ficou até 1968, continuando como pesquisador até 1971, quando retornou à condição de técnico do Ministério da Agricultura em Belém, até sua aposentadoria em 1986.

Foi assessor e consultor de diversas empresas, entre as quais: Palmitos do Norte Ltda (Norpalma), Agrisal e Companhia Mineradora de Minas Gerais (Comig), além de ter sido assessor da Secretaria de Agricultura do Pará (Sagri) de 1971 até 1976.

Em 1967, juntamente com os ex-alunos e engenheiros-agrônomo Italo Claudio Falesi, Walmir Hugo Pontes dos Santos e Laudelino Pinto Soares, criou a Agrimazônia Assessoria e Planejamento, o primeiro escritório especializado em assessoria e planejamento rural, atuando junto a agentes financeiros e de desenvolvimento regional.

Foi consultor e assessor da empresa Óleos do Pará S.A. (Olpasa), responsável, em 1967, pelo primeiro plantio em larga escala de amendoim para produção de óleo comestível no estado do Pará, localizado em Igarapé-Açu, na Fazenda Doramim. O diretor da Olpasa era Agripino Abranches Viana (1934–1995), um ex-aluno da UFV, formado em 1959, que seria posteriormente o presidente da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) (1987–1990).

Também foi o precursor dos projetos de reflorestamento no estado do Pará, quando associado a engenheiros florestais paranaenses como Celso Sganzerla, Carlos Pegoraro, William Faraco e outros. Criou o primeiro projeto de reflorestamento na Amazônia, denominado Standard Norte Condomínio e Florestal, na vila de Americano, município de Santa Izabel do Pará.

Durante muitos anos, foi assessor técnico da diretoria da Federação das Indústrias do Estado do Pará (Fiepa), onde recebeu a Medalha do Mérito Miguel Simão Bitar, por relevantes serviços prestados.

Foi ainda conselheiro do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Pará (Crea-PA) e do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea). Foi diretor de esportes e vice-presidente de uma de suas grandes paixões, o Paysandu Sport Clube, na gestão de Giorgio Falângola (1912–1996).

Foi vice-presidente da Federação da Agricultura do Estado do Pará (Faepa), no triênio 1983–1986, e eleito presidente para o triênio 1986–1989, onde exerceu sua última função pública até seu falecimento em 1987.



Foi homenageado pela Câmara Municipal de Igarapé-Açu, recebendo o título de Cidadão de Igarapé-Açu, município onde desenvolvia suas atividades como produtor rural e membro do sindicato rural.

Foi homenageado pela Embrapa durante a gestão de Emeleocípio Botelho de Andrade (1985-1990), com sua nomeação no auditório daquela instituição de pesquisa. Importante ressaltar que nesse auditório funcionou primeiramente, a partir de 1953, a EAA, hoje Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra).



# FERNANDO CARNEIRO DE ALBUQUERQUE

(1932–2017)

*Paulo Sérgio Bevilaqua de Albuquerque*



Foto: Arquivo Embrapa



**F**ernando Carneiro de Albuquerque nasceu em 16 de junho de 1932, na cidade de Castanhal, PA, sendo o filho mais velho de uma família de sete irmãos. Seu pai, Antônio Lins de Albuquerque, era oriundo da Paraíba e se estabeleceu em Castanhal ainda no início do século 20, exercendo atividade de comerciante na região central da cidade, onde era proprietário de um pequeno armazém. Sua mãe, Mariana Carneiro de Albuquerque, como quase todas as mulheres da sua geração, cuidava das tarefas da casa, além de criar e educar os filhos. Apesar da pouca educação formal, D. Mariana foi a principal incentivadora no início da carreira acadêmica do filho.

Em Castanhal, iniciou seus primeiros estudos em colégios públicos, onde permaneceu até seus 16 anos de idade. Ao final da década 1940, em busca de uma melhor formação acadêmica, foi transferido em regime de internato para o Colégio Marista (Colégio Nazaré) em Belém, PA, onde finalizou os estudos do período secundário e científico. Desse período, além da boa formação acadêmica, levou por toda vida a lição de disciplina ensinada pelos Irmãos Maristas.

Em 1954, ingressou no curso de agronomia na Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), onde se formou ao final do ano de 1957. Durante o curso, residiu em uma república localizada dentro do Instituto Agrônomo do Norte (IAN), onde desenvolvia atividades como estagiário. Logo após sua formatura, em 1958, foi contratado como pesquisador assistente da seção de Fitopatologia na referida instituição. Nesse período, a diretoria do IAN era ocupada por Rubens Rodrigues Lima (1918–2014) e o quadro



de pesquisadores, que também eram professores da EAA, contava com profissionais como Eurico Pinheiro (1927–2011), especialista em seringueira; Milton de Albuquerque (1914–1983), em mandioca; João Murça Pires (1917–1994), na botânica; Batista Benito Gabriel Calzavara (1922–2011), na fruticultura; Italo Claudio Falesi, em solos; José Maria Pinheiro Condurú (1929–1987), na fitotecnia, e outros tantos profissionais de destaque no pioneirismo do ensino e na pesquisa agropecuária na Amazônia brasileira.

Estabeleceu diversas parcerias com pesquisadores de outras instituições, tanto brasileiras como estrangeiras, o que lhe proporcionou um amplo conhecimento sobre sua área de atuação, permitindo que seus artigos científicos ultrapassassem as fronteiras regionais, tendo muitas vezes impacto internacional.

Fernando de Albuquerque permaneceu como fitopatologista na Embrapa até a sua aposentadoria, em 2004. Durante seus 46 anos de profissão, publicou diversos artigos científicos, livros, capítulos de livros, trabalhos em congressos nacionais e internacionais. Além de ter grande acervo científico, o qual ainda permanecerá por muitos anos influenciando as pesquisas agrônômicas no Brasil e no exterior. Com sua humildade, paciência e generosidade em partilhar seu enorme conhecimento, influenciou um grande número de profissionais que, junto com o mestre ou influenciados por ele, tanto contribuíram ou ainda estão contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa agrícola no Brasil.

Entre seus colaboradores e parceiros, uma em especial não poderia deixar de ser citada, não desmerecendo em nada os demais, Dra. Maria de Lourdes dos Reis Duarte, carinhosamente conhecida como Lurdinha. Durante aproximadamente 35 anos, a Dra. Maria de Lourdes dividiu não só a mesma sala com o professor Fernando, como ela se referia ao mestre, mas principalmente construíram uma grande amizade e uma cumplicidade como poucas vezes se observa. Essa longa e profícua convivência se traduziu ainda em numerosos artigos de excelência publicados em coautoria pelos dois cientistas em diferentes periódicos e livros, no Brasil e no exterior.

## **Atividade profissional**

Durante o curso superior, realizou viagem de estudos a instituições agrícolas de ensino e estagiou na Seção de Fitopatologia do IAN, sob a orientação do fitopatologista August Mark Gorenz (1920–2008), do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), participando do convênio Brasil-

-Estados Unidos, do International Research Institute (IRI). Deu início, assim, à sua atividade de pesquisa agropecuária com estudos sobre as doenças da seringueira e sobre o efeito danoso do uso da leguminosa *Indigophera indecaphila* como cobertura viva, no aumento da população do nematoide-das-galhas (*Meloidogyne incognita*).

Em 1958, tornou-se assistente de pesquisa do IAN, sob a supervisão de Gorenz, então chefe da Seção de Fitopatologia, e desenvolveu importantes pesquisas sobre o mal das folhas da seringueira, cultura que ocupou grande destaque naquela época. Na ocasião, os trabalhos envolveram também pesquisas com a antracnose da juta, a podridão-parda do cacauzeiro; a antracnose, a podridão do coleto e a requeima das folhas do guaranazeiro; podridão-mole das raízes da mandioca, podridão das raízes e mancha-parda das folhas do abacateiro; mancha-parda das folhas e morte do enxerto de mudas de castanheira-do-brasil; e manchas foliares em essência florestais como acapuzeiro e jarana.

Como forma de aprimorar sua formação acadêmica na área de fitopatologia, estagiou em 1958 no Instituto Agronômico de Campinas, com o fitopatologista Ahmés Pinto Viégas (1905–1986), considerado ainda hoje como um dos mais destacados micologistas do Brasil. Em 1970, realizou treinamento na Hiratsuka Horticultural Experiment Station, em Kanagawa, no Japão, patrocinado pela Japan International Cooperation Agency (Jica).

Em 1960, era chefe da Seção de Fitopatologia, quando surgiu uma séria doença que, infectando o sistema radicular da pimenteira, causava a sua morte. Vários pipericultores dos municípios paraenses de Tomé-Açu, Santa Izabel do Pará e Castanhal foram prejudicados ou arruinados por essa doença. Fernando de Albuquerque dedicou-se a seu estudo e, já no ano seguinte, pôde descrever detalhadamente seus sintomas, identificar seu agente causal (*Fusarium solani* f. sp. *piperis*), sua epidemiologia e definir as medidas de controle para conter o seu alastramento.

Em 1967, encontrou a fonte de resistência à doença na população nativa de *Piper* spp. e não dentro da pimenta-do-reino, o que seria o ideal. A utilização direta dessa fonte de resistência por meio da enxertia não foi adequada para sistemas de produção em razão da incompatibilidade tardia, porém, poderá ser utilizada no futuro, em trabalhos de transferência de genes. Entre as várias espécies de *Piper*, foi selecionada a *Piper columbrinum*, por ser resistente a *F. solani* f. sp. *piperis* e a *Phytophthora capsici*, outro microrganismo de solo que causa a podridão de pé, principal patógeno da pimenteira nos países orientais como Índia, Indonésia e Malásia.



Por meio de testes de laboratório e de casa de vegetação, comprovou que a infecção dos pimentais pelos ramos destruía as plantas mais rapidamente que pelo sistema radicular e que as estacas destinadas a novos plantios eram o principal veículo disseminador do patógeno. Iniciou, então, novas pesquisas visando ao seu controle químico pelo tratamento preventivo de estacas destinadas a novos plantios, tratamentos do solo dos propagadores, pulverizações com fungicidas eficientes em condições de campo e pela introdução, caracterização e seleção de novas cultivares em áreas infestadas pelo patógeno.

Fernando de Albuquerque e colaboradores lançaram, então, em 1982, duas cultivares de pimenta-do-reino, a Bragantina (ecotipo de Panniyur-1) e a Guajarina (ecotipo de Arkulan Munda), que, embora suscetíveis à podridão das raízes e ao secamento dos ramos, aumentaram a produtividade dos pimentais em 50% quando comparadas à cultivar Cingapura (ecotipo de Kuching), a mais cultivada. Essas cultivares já cobrem hoje cerca de 30% de toda a área cultivada com pimenta-do-reino no Brasil e permitem ao pipericultor conviver economicamente com a doença.

O desenvolvimento de um novo método de propagação de estacas herbáceas também contribuiu para reduzir as perdas de material vegetativo após o transplântio no campo e os riscos de disseminação do patógeno para novas áreas, além da formação de pimentais mais uniformes. Essa tecnologia permitiu, ainda, o aparecimento de viveiristas e a substituição do plantio direto de estacas enraizadas de três a quatro nós por mudas preparadas em sacos plásticos, na instalação de novos plantios.

Participou da equipe que estudou e identificou o vírus do mosaico do pepino (*Cucumber mosaic virus – CMV*), gênero *Cucumovirus*, pertencente à família *Bromoviridae*, em pimenta-do-reino, tendo publicado trabalho sobre o assunto em coautoria com Álvaro Santos Costa (1912–1998), renomado virologista do Instituto Agrônomo de Campinas. Quando ocorreram as epidemias do mosaico da pimenta-do-reino nas plantações em Tomé-Açu, em 1970, participou ativamente da campanha de erradicação da doença e a rapidez na tomada de decisão contribuiu para erradicar ou reduzir drasticamente o mosaico das principais áreas produtoras da Amazônia.

Além da descrição de doenças importantes, contribuiu para a identificação de fungos fitopatogênicos na região amazônica e para o reconhecimento e controle de doenças de culturas tropicais, tendo descrito espécies novas de fungos causadores de manchas foliares pertencentes aos gêneros

*Cercospora*, *Septoria*, *Colletotrichum* e de fungos causadores de ferrugem em diferentes plantas, pertencentes aos gêneros *Porotenus*, *Scopella*, *Uredo* e *Sorotea*, em colaboração com George Baker Cummins (1904–2007), fitopatologista e micologista da Universidade de Purdue, Lafayette, Indiana, Estados Unidos.

Paralelamente, em colaboração com o pesquisador José Maria Pinheiro Condurú, diretor do Ipean, desenvolveu pesquisas na área de fitotecnia da pimenta-do-reino para estabelecer sistemas de produção da cultura para dois níveis de produtores, destacando-se fórmulas de adubação racional, espaçamento, tamanho do tutor morto (estação de madeira de longa durabilidade utilizado para conduzir e fixar a planta trepadeira de pimenta-do-reino), diferentes tipos de cobertura do solo, calagem, drenagem e plantio em leiras. Preocupado com a devastação da Floresta Amazônica, já que, para a formação de 1 ha de pimenta-do-reino cultivada em sistema com tutor, é necessário abater cerca de 25 árvores, iniciou uma pesquisa pioneira na região com o objetivo de selecionar plantas mais adequadas para serem usadas como tutor vivo, suporte da pimenteira servindo para a condução e fixação.

Após 28 anos de serviço, fez o mestrado, na Universidade Federal de Viçosa, MG, onde desenvolveu pesquisa sobre a patogenicidade e as características morfológicas e genéticas de *F. solani* f. sp. *piperis*, identificando o teleomórfico ou estágio perfeito desse fungo, classificado como *Nectria haematococca* f. sp. *piperis*. Em 1980, realizou viagens de estudos à Índia e à Malásia, países produtores de pimenta-do-reino.

Durante mais de 20 anos, ministrou cursos sobre sistemas de produção de pimenta-do-reino para engenheiros-agrônomo em diferentes municípios, dando assistência técnica a pipericultores brasileiros e japoneses. Foi professor de fitopatologia da EAA, de 1960 a 1977, optando por dedicar-se à pesquisa agropecuária na Embrapa Amazônia Oriental. Mesmo aposentado pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), Fernando de Albuquerque continuou desenvolvendo pesquisas sobre melhoramento genético da pimenta-do-reino, visando obter resistência ao patógeno *Fusarium solani* f. sp. *piperis* e diagnosticando novas doenças, além de dar consultoria como pesquisador sênior a outros colegas.

Foi membro ativo e conselheiro da Sociedade Brasileira de Fitopatologia (SBF) por vários anos. Treinou estudantes de agronomia, engenharia florestal e bolsistas do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento



Tecnológico (CNPq) que se tornaram, posteriormente, seus colaboradores, professores, pesquisadores de outras instituições de pesquisa e dirigentes de órgãos de desenvolvimento regional.

## O homem

Meu pai foi uma pessoa humilde, de personalidade reservada, de poucas palavras e de uma timidez que às vezes me impressionava. Decididamente, não era de se esperar esse perfil em um profissional que, em seu cotidiano, tinha que se relacionar com várias pessoas, quer seja na posição de professor quer seja coordenando programas de pesquisas. Apesar disto, impunha-se como poucos, não pela cobrança ou temperamento agressivo, mas pelo exemplo e principalmente pela franqueza e coerência de seus atos. Era avesso a grandes concentrações, principalmente festas e homenagens.

Começou a trabalhar ainda jovem, auxiliando seu pai nas vendas no armazinho após os horários de estudo. Certamente o fazia para ajudar a família, pois não tinha qualquer aptidão para o comércio. Sua relação com o pai era respeitosa, sem grande demonstração de carinho ou afeto, em razão da personalidade introspectiva de ambos. Sua mãe Mariana cuidava da criação dos sete filhos e comandava as tarefas da casa. Ela determinava o ritmo da vida doméstica da família e exercia influência direta na educação dos filhos. A ligação de meu pai com sua família em Castanhal foi grande até a morte do meu avô. Aos finais de semana, eram frequentes as viagens para Castanhal, quando então nos reuníamos em torno da mesa de almoço aos domingos. Após o falecimento de meu avô, essas viagens se tornaram mais espaçadas até finalizarem anos depois da morte de minha avó.

Nunca perguntei quais teriam sido os motivos de ele ter escolhido a agronomia como profissão. Certamente não foi influenciado pela família, visto que não exerciam atividades no meio rural, mas sim urbanas. Talvez as características do município de Castanhal, que sempre se destacou na produção agrícola, e o contato com os agricultores no seu convívio diário o tenham levado a escolher essa profissão.

No início dos anos 1960, já formado, conheceu minha mãe, Yolanda Maria Bevilaqua (1933–2004), com quem, após o casamento, fixou residência no IAN, onde permaneceu até sua aposentadoria em 2004. Teve três filhos homens, sendo eu o do meio, o mais velho Fernando Antônio e o mais novo Rui Guilherme.

De minha infância, tenho poucas lembranças de como era o convívio com meu pai. Lembro-me, no entanto, que quando não estava trabalhando no laboratório de fitopatologia, sempre achava uma maneira de estar próximo de nós, seja em um passeio de carro até o curral dos búfalos, seja em uma ida à sorveteria, um banho no Rio Guamá ou um igarapé. Não falava muito com crianças, mas sempre se mostrava muito paciente e atencioso, mesmo quando aprontávamos e minha mãe já tinha esgotado todos os seus níveis de paciência conosco.

Em razão de suas viagens de serviço, frequentemente tinha de se ausentar por longos períodos. No seu retorno, muitas vezes íamos ao aeroporto de Val-de-Cans aguarda-lo no portão de desembarque, motivados não somente pela saudade, mas também pela forte curiosidade de criança em saber que brinquedos e/ou chocolates invariavelmente ele trazia no interior de suas malas.

Além de muito amor, meu pai sempre nos transmitiu segurança e confiabilidade. Apesar de suas ausências motivadas pelo seu trabalho, nunca nos sentimos abandonados ou relegados a um segundo plano em sua vida. Para isto, em muito contribuiu a figura forte de minha mãe, que sempre nos orientou e fez respeitar e admirar a figura que representava o nosso pai em nossa família. Minha mãe é quem sempre tomou as iniciativas do planejamento e execução das atividades domésticas. Cabia a ela, além da nossa educação, fazer render o salário de meu pai que lhe era repassado quase integralmente ao início de cada mês. Graças a ela, as preocupações de meu pai com as atividades domésticas eram mínimas, o que o permitia se dedicar quase exclusivamente às suas pesquisas.

Morar em um ambiente de pesquisa é para uma criança ou jovem sempre um aprendizado a mais. Em razão da presença de vários pesquisadores amigos de meu pai, nossa casa sempre foi muito frequentada por pessoas de diferentes procedências e nacionalidades. Isto nos permitiu desde cedo ter contato com diferentes culturas e costumes, o que influenciou significativamente em nossa formação pessoal.

Um das passagens que sempre me lembro do convívio com meu pai foi a viagem de mudança que fizemos de Belém para Minas Gerais, em 1974, a fim de que ele pudesse realizar o curso de mestrado na Universidade Federal de Viçosa. A viagem foi realizada em 5 dias, com toda a família e mais a mudança dentro de um carro Volkswagen modelo fusca. Apesar de todas as dificuldades vividas nessa viagem, tenho ainda boas lembranças dessa



jornada, principalmente do sentido de união que tínhamos, que nos ajudou a vencer as várias dificuldades enfrentadas pela família.

No dia 17 de fevereiro de 2017, meu pai, aos 84 anos, partiu dessa vida para outro plano. Ficaram para nós (família, amigos, ex-alunos, colegas de trabalho e outros) seus ensinamentos e as boas lembranças do seu convívio. O legado que nos deixou certamente ainda irá perdurar por muitos anos, quer seja no meio científico por meio dos conhecimentos gerados pelas suas pesquisas, quer seja no exemplo de ser humano para seus amigos e família.

## Os descendentes

Dos três filhos de Fernando de Albuquerque, dois formaram-se em Agronomia e um em Medicina. O mais velho, Fernando Antônio Bevilaqua de Albuquerque, tem mestrado em Nutrição de Plantas pela Ufra, onde também se formou em 1981. Desde os anos 1980 exerce a atividade de viveirista no município de Castanhal, produzindo principalmente mudas de pimenta-do-reino. Paulo Sérgio Bevilaqua de Albuquerque, formado também na Ufra em 1985, fez doutorado em fitopatologia (Esalq/USP) e desde 1986 integra o quadro de pesquisadores da Ceplac em Belém. Desenvolve pesquisas na área de genética de populações de plantas, melhoramento de plantas e controle das doenças do cacaueteiro, sendo as principais vassoura de bruxa e monilíase do cacaueteiro. Rui Guilherme B. de Albuquerque, o filho mais novo, é médico cirurgião vascular em Santo André, SP, onde reside e exerce sua profissão desde 1994.

Fernando Albuquerque teve seis netos, dos quais um agrônomo (Fernando Albuquerque) e uma bióloga (Camila Inagaki Albuquerque) que está realizando o curso de doutorado no Hospital do Coração em São Paulo, na área de Genética Humana. Três netos estão finalizando os cursos superiores, Lucas Albuquerque (Engenharia Mecânica), Felipe Inagaki Albuquerque (Engenharia Civil) e Guilherme Albuquerque (Administração de Empresas). Possui uma neta menor de idade, Sofia Albuquerque, que cursa o ensino médio.

## Prêmios

1998 – Placa distintiva pela homenagem recebida pela Comissão Organizadora do XXXI Congresso da Sociedade Brasileira de Fitopatologia, em Fortaleza, CE.

1997 – Título de Fitopatologista da Amazônia da Sociedade Brasileira de Fitopatologia.

1997 – Placa de prata comemorativa da Premiação por Excelência, na categoria Memória Técnica.

1989 – Diploma de Honra ao Mérito outorgado pela colônia japonesa radicada no município de Tomé-Açu, pelos relutantes serviços prestados a essa colônia.

1988 – Título de Pesquisador do Ano da Embrapa Amazônia Oriental.

1986 – Título de Fitopatologista da Amazônia da Sociedade Brasileira de Fitopatologia.

1983 – Título de Agrônomo do Ano na Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado do Pará

1965 – Homenagem do Dr. Chaves Batista, chefe do Instituto de Micologia do Recife, com a denominação de espécie de fungo parasita de erva-de-passarinho baseada em seu primeiro nome.

## Literatura recomendada

ALBUQUERQUE, F. C. de; CONDURU, J. M. P. **Cultura da pimenta do reino amazônica**. Belém, PA: IPEAN, 1971. 149 p. il. (IPEAN. Fitotecnia, v. 2, n. 3).

ALBUQUERQUE, F. C. de; FERRAZ, S. Características morfológicas e fisiológicas de *Nectria haematococca* f. sp. *piperis* e sua patogenicidade à pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.). **Experientiae**, v. 22, n. 6, p. 133-151, 1976.

ALBUQUERQUE, F. C. Doenças da cultura da castanheira-do-Brasil. In: DUARTE, M. de L. R. (Ed.). **Doenças de plantas no trópico úmido brasileiro**: I. Plantas Industriais. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 1999. Cap. 2, p. 25-31.

ALBUQUERQUE, F. C. **Podridão das raízes e do pé da pimenta-do-reino**. Belém, PA: IAN, 1961. 45 p. il. (IAN. Circular, 5).

ALBUQUERQUE, F. C.; DUARTE, M. L. R.; KATO, A. K. Duas *Phytophthora* patogênicas ao guaraná. In: SIMPÓSIO DO TRÓPICO ÚMIDO, 1., 1984, Belém, PA. **Anais**. Belém, PA: EMBRAPA-CPATU, 1984. v. 4, p. 333-338.

ALBUQUERQUE, F. C. de; DUARTE, M. L. R. **Propagação de diferentes cultivares de pimenta-do-reino através de estacas de um nó**. Belém, PA: EMBRAPA-CPATU, 1979. 14 p. (EMBRAPA-CPATU. Comunicado técnico, 23).



ALBUQUERQUE, F. C.; HAMADA, M.; DUARTE, M. L. R. *Piper aduncum* espécie nativa da Amazônia brasileira, hospedeira de *Nectria haematococca* f. sp. *piperis*. **Fitopatologia Brasileira**, v. 22, n. 2, p. 201-204, 1997.

COSTA, A. S.; ALBUQUERQUE, F. C. de; IKEDA, H.; CARDOSO, M. **Moléstia da pimenta do reino causada pelo vírus do mosaico do pepino**. Belém, PA: IPEAN, 1970. 18 p. il. (IPEAN. Fitotecnia, v. 1, n. 1).

DUARTE, M. de L. R.; ALBUQUERQUE, F. C. de. Pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.): controle de doenças. In: VALE, F. X. R. do; ZAMBOLIM, L. (Ed.). **Controle de doenças de plantas**: grandes culturas. Viçosa: UFV, 1997. v. 2, p. 879-923.

DUARTE, M. L. R.; ALBUQUERQUE, F. C.; HAMADA, M.; COSTA, A. P. Murcha causada por *Fusarium oxysporum*, uma nova doença da pimenta-do-reino no Estado do Pará. **Fitopatologia Brasileira**, v. 24, n. 2, p. 178-181, 1999.

PIMENTA-do-reino. **Novas cultivares**, n.9, p.32-36, 1982.



# ITALO CLAUDIO FALESI

(1932)

*Italo Claudio Falesi*



Foto: Arquivo Embrapa

Da esquerda para a direita: Italo Claudio Falesi; Almiro Blumenschein (1931–2019), diretor-executivo da Embrapa; José Irineu Cabral (1925–2007), primeiro diretor-presidente da Embrapa (1973–1978); e Carlos Hans Müller (1947–2016).

**N**asci em 28 de outubro de 1932, sendo o quinto filho do casal Francesco e Antonietta Calvosa Falesi, imigrantes italianos que, em Belém, PA, chegaram da distante Calábria, cidade de Castrovillari, na Itália, em 11 de junho de 1921.

Passsei minha infância, adolescência e juventude residindo no bairro do Comércio, em Belém. O curso primário foi feito no Instituto São José, colégio particular da mestra Beatriz Coutinho, e o ginásio e científico no Colégio Moderno, este último durante o período de 1945 a 1951.

Prestei Serviço Militar, cursando durante os anos de 1950 e 1951 o Centro Preparatório de Oficiais da Reserva (CPOR), do Exército Brasileiro, em Belém, sendo declarado aspirante. Em 1954, fiz estágio no 27º Batalhão de Caçadores, sediado em Manaus, AM, durante 3 meses, sendo promovido e obtendo a Carta Patente de Segundo Tenente R2 da Arma de Infantaria do Exército Brasileiro.

Em 1953, após ser aprovado no exame vestibular, ingressei na então recém-criada Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), atual Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra), que funcionava nas dependências do então Instituto Agrônômico do Norte (IAN), atual Embrapa Amazônia Oriental.

Em 8 de dezembro de 1956, conclui o curso de Agronomia e de imediato fui contratado pelo IAN, no dia 2 de janeiro de 1957, sendo lotado na Estação



Experimental de Pedreiras, no Maranhão, que pertencia à rede de Estações Experimentais do IAN. Durante 10 meses, exerci minhas primeiras atividades profissionais como pesquisador nessa Unidade.

Quando ingressei, em março de 1953, na EAA, estava com 21 anos de idade e o IAN se encontrava com apenas 14 anos. Mesmo com essa pouca idade, o IAN tinha produzido excelentes resultados de pesquisas, divulgando principalmente por meio de seus boletins técnicos a realidade da formação florestal da Amazônia, estudos em ascensão com a *Hevea* e pesquisas tecnológicas do látex, além das pesquisas com fitopatologia, entomologia, culturas alimentares anuais e têxteis como a juta e malva.

Em 5 de outubro de 1957, contrai matrimônio com Ruth Oliveira Dias, constituindo uma bela família com 4 filhas e 1 filho, posteriormente aumentada com a chegada de 8 netos, 7 netas e, mais ainda, 1 bisneto e 1 bisneta. Em 5 de outubro de 2018, completamos 61 anos de matrimônio, com as graças do Grande Arquiteto.

Em janeiro de 1958, fui transferido para a recém-criada Seção de Solos do IAN, para compor, juntamente com os pesquisadores Lúcio Salgado Vieira e Walmir Hugo P. dos Santos, a histórica primeira equipe de solos da Amazônia.

Neste mesmo ano, no período de janeiro à março fui matriculado no Primeiro Curso de Especialização em Gênese, Morfologia, Classificação e Mapeamento de Solo, realizado na então Escola Nacional de Agronomia, no Rio de Janeiro, atual Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, obtendo o título de especialização em Pedologia.

No período de 29 de julho a 28 de outubro de 1967, realizei o curso de Pedologia no National Institute of Agricultural Science, em Tokio, por meio do Technical Cooperation Programme of Government of Japan – Ministry of Agriculture and Forestry. Esse curso de especialização versou sobre Gênese, Morfologia e Classificação de Solos, complementado com várias visitas técnicas de campo, conhecendo os solos do Japão.

Em julho de 1958, com a criação da equipe de solo do IAN, executou-se o Levantamento Pedológico da Região Bragantina, Mesorregião Nordeste Paraense, e após as atividades de campo, escritório e laboratório, publicou-se historicamente o Boletim Técnico nº 47, editado pelo Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), constituindo a Separata da Revista Pesquisa Agropecuária Brasileira, vol. 2, 1967.

Em 1963, fui designado pelo então diretor do IAN José Maria Pinheiro Condurú, para chefiar a Seção de Solo, exercendo essa função durante 10 anos. Nesse tempo, a Unidade foi ampliada por meio da criação dos Setores de Fertilidade e de Microbiologia, além dos Setores de Pedologia e Química do Solo, que foram dinamizados, com a ampliação das equipes de pedólogos.

Fui professor da disciplina Geologia e Solos da EAA, no período de 1961 a 1980, preparando profissionais que se distribuíram pela Amazônia, e fui escolhido paraninfo da turma de 1970 de engenheiros-agrônomo da EAA.

Nas décadas de 1960 e 1970, sob minha supervisão e orientação, começaram a se desvendar os mistérios e suposições sobre o potencial agrícola da Amazônia e, a partir daí, os conhecimentos científicos dos solos dessa grande região tiveram substancial avanço, quer sob o ponto de vista da identificação das características morfológicas, físicas e químicas e a classificação das unidades pedológicas da Amazônia, quer pelo seu aproveitamento sustentável destinado aos fins agrossilvopastoris.

Foram realizados diversos levantamentos pedológicos nas diversas mesorregiões da Amazônia Brasileira, dando-se a conhecer a realidade das características dos solos desenvolvidos diageneticamente nessa grande região.

Em consequência, o ambiente edáfico passou a ser conhecido de forma científica, sendo definidas as suas verdadeiras características, quebrando-se alguns indesejáveis tabus, dentre os quais os dois extremos: o que dizia ser a Amazônia recoberta em sua maior extensão por uma carapaça laterítica estéril; e o outro que dizia ser a Amazônia recoberta por solos muito férteis, pois só assim seriam capazes de suportar a exuberante Floresta Amazônica (Falesi, 1986).

Destacam-se os estudos pedológicos pioneiros realizados em Roraima, identificando os solos dos extensos campos naturais, até então somente usados em extrativismo, bem como nas áreas de floresta a partir do limite com os campos até o marco BV 8, fronteira com a Venezuela. Em Rondônia, estudei os solos ao longo da Rodovia BR-364, que corta o estado de norte a sul até a fronteira com o Mato Grosso.

Ao iniciar a construção da Rodovia Transamazônica, acompanhando os engenheiros rodoviários, em um jipe equipado com tração traseira e dianteira, realizei durante 2 meses o levantamento dos solos dessa importante via de acesso, que proporcionou ao Brasil o melhor conhecimento do ecossistema



dessa extensa faixa da Amazônia, constituindo atualmente um dos polos de desenvolvimento agroeconômico mais destacados da região amazônica. Esse estudo foi relatado através do Boletim de Pesquisa nº 55 do Ipean, de 1972.

Nas décadas de 1960 e 1970, ocorreu um grande interesse por parte dos empresários pecuaristas, em virtude dos incentivos fiscais administrados pela Sudam para estabelecer, em grandes extensões de terras, pastagens cultivadas, notadamente nas regiões sul do Pará e norte do Mato Grosso. Entretanto, nem a pesquisa nem os investidores detinham os conhecimentos técnicos para a prática do cultivo dessa nova atividade na Amazônia. Como consequência, decorridos alguns anos, notou-se o declínio de produtividade das pastagens e a conseqüente infestação de plantas consideradas invasoras. Não se conhecia o que estava causando esse grave problema.

No decorrer de 5 anos, de 1971 a 1975, desenvolvi pesquisas nessas áreas citadas, em várias propriedades, o que resultou em 1976 no livro *Ecosistema de Pastagens Cultivadas na Amazônia Brasileira* divulgado através do Boletim de Pesquisa nº 1 publicado pelo Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido (CPATU), atual Embrapa Amazônia Oriental. Nesse estudo, comprovou-se as causas do declínio de produtividade das pastagens cultivadas. A partir de então, surgiram pesquisas científicas complementando o problema e as soluções para se manter as pastagens cultivadas em equilíbrio com o ecossistema.

Em consequência dos estudos de solo e do ambiente amazônico expostos em diversas publicações, fui indicado para representar o Brasil no Programa Homem e Biosfera, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em Paris, no período de 16 a 18 de maio de 1972, debatendo com outros 17 representantes de países o tema: Ecological effects of increasing human activities on tropical and sub-tropical forest ecosystems.

Na década de 1970, a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) criou um grupo de estudos constituído por oito pesquisadores, especialistas nas várias áreas das ciências da terra, denominado Grupo de Estudo e Assessoramento ao Meio Ambiente (Geaman), cujo objetivo era orientar a empresa sobre todos os aspectos relacionados ao ambiente do trinômio Mina-Ferrovia-Porto. Os membros do Geaman não tinham vínculo empregatício, para terem a liberdade de apresentar recomendações e críticas às atividades da CVRD, no relativo aos impactos ambientais. Paulo de Tarso Alvin, João Murça Pires, Estevam Warwick Kerr, Aziz Ab'Saber, além de outros, foram membros, que

normalmente eram substituídos a cada 2 anos. Permaneci durante 10 anos com essa função, tempo da vigência do grupo.

Um fato muito importante da atividade desse grupo foi a recomendação e efetivação da criação da Superintendência de Meio Ambiente, que passou a constar do organograma da CVRD.

Em 1973, lecionei a disciplina Solos da Amazônia, no curso de Botânica Tropical, em nível de pós-graduação, em parceria com Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em Manaus, AM. Lecionei também no curso de pós-graduação, em 1979, no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, da Universidade Federal do Pará (UFPA), a disciplina Gênese, Morfologia e Classificação de Solos da Amazônia.

Fui consultor do Inpa/Acta Amazônica, produzindo análise e parecer sobre artigos técnicos e científicos destinados à publicação. Participei como conferencista na *I Biota Amazônica* realizada em 1967 em Belém, apresentando *O estado atual dos conhecimentos sobre os solos da Amazônia*.

Sou profundo conhecedor da agricultura amazônica, empresário privado, com destaque para a introdução do mogno-africano (*Khaya ivorensis*) no estado do Pará. Em outubro de 1975, quando diretor do Ipean, recebi a visita de um técnico do Ministério de Agricultura da Costa do Marfim, que me presenteou com oito sementes de mogno-africano, das quais seis se desenvolveram, constituindo as progenitoras de cerca de 12 mil hectares plantados no País, do qual tem sido um grande incentivador.

Na iniciativa privada, sou produtor rural no município de Igarapé-Açu, com destaque para o cultivo de espécies florestais, principalmente com a cultura do mogno-africano em integração com a criação de ovinos.

Fala-se que o homem não pode passar pela vida sem escrever um livro, plantar uma árvore e ter um filho. Cumpri todas essas obrigações: escrevi livros, plantei mais de 20 mil árvores e tenho 5 filhos, 15 netos e 2 bisnetos.

## Cargos ocupados

Dentre os diversos cargos e funções que ocupei, destacam-se:

- Professor da disciplina Solos da Escola de Agronomia da Amazônia, durante 21 anos.
- Diretor do Ipean no período de 1972 a 1976.



- Chefe-geral do CPATU no período de 1990 a 1991.
- Coordenador do convênio Ipean – Instituto Evandro Chagas.
- Representante do Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária (DNPEA) na Comissão Coordenadora do Programa do Trópico Úmido junto ao CNPq.
- Membro do Conselho dos Curadores da Faculdade de Ciências Agrárias do Pará.
- Secretário de Estado de Agricultura, no segundo governo de Alacid da Silva Nunes, 1979 a 1983.
- Membro do Conselho Consultivo do CNPq para assuntos ligados ao Programa Grande Carajás.
- Coordenador do Projeto Agrícola do Programa Grande Carajás de 1983 a 1987.
- Diretor Honorário da Associação Rural de Pecuária do Pará (ARPP).
- Diretor da Federação de Agricultura do Estado do Pará.
- Membro efetivo do Geaman da Companhia Vale do Rio Doce.
- Diretor-Presidente da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (Emater-PA).

## Prêmios recebidos

- Medalha comemorativa do *VII Congresso de Tribunais de Contas do Brasil*, concedida em 1973.
- Medalha Comemorativa do Bi-Centenário (1771–1971) da Inauguração do Edifício Palácio Lauro Sodré, sede do governo do estado do Pará, instituída pelo Decreto Governamental nº 7.766, de 9 de dezembro de 1979
- Medalha Comemorativa ao Cinquentenário da Imigração Japonesa na Amazônia, instituída pelo Decreto Governamental nº 340 de 24 de outubro de 1979.
- Honra ao Mérito – Comemorativo ao 1º Centenário da Elevação de Alenquer à categoria de Cidade, concedido pelo governo do estado do Pará e Ordem Mérito Policial – Militar Coronel Fontoura, por meio do Decreto nº 1.803, de 31 de agosto de 1981.
- Medalha Comemorativa do Centenário das Experiências com Balão Dirigível praticados por Júlio Cesar Ribeiro de Souza, governo do estado do Pará, por meio do Decreto nº 1.925, de 29 de outubro de 1981.

- Medalha Comemorativa ao X Aniversário de Fundação da Faculdade Estadual de Medicina do Pará, pelo Conselho Departamental, em 14 de janeiro de 1981.
- Diploma de Reconhecimento e Medalha Comemorativa, pelos méritos e serviços especiais prestados ao Banco do Estado do Pará, em 1981.
- Diploma de Amigo da Educação, por haver contribuído para a agilização e desenvolvimento do progresso educacional paraense, concedido pelo governo do estado do Pará, em 1981.
- Diploma de Benemérito da Associação dos Engenheiros-Agrônomos do Pará (Aeapa).
- Diploma de Reconhecimento e Medalha Comemorativa pelos relevantes serviços prestados à saúde pública do estado do Pará, concedido pelo governo do estado do Pará.
- Medalha Comemorativa pelos 15 anos de criação da Fundação do Bem-Estar Social do Pará, pelos relevantes serviços prestados à comunidade paraense, por meio do Decreto nº 2.146, de 11 de março de 1982, pelo governo do estado do Pará.
- Ordem e Mérito Grão Pará – Grau de Comendador, concedido pelo governo do estado do Pará, em 1983.
- Plaqueta oferecida pela Federação da Agricultura do Estado do Pará, pelos relevantes serviços prestados à agricultura do estado do Pará como secretário de Estado de Agricultura (março de 1979 a março de 1983), em 1984.
- Sócio Honorário da Associação Rural da Pecuária do Pará (ARPP), em 1986.
- Engenheiro-Agrônomo do Ano, Rotary Clube do Pará, em 1986.

## Nota dos editores

Falesi constitui um tipo de agrônomo muito raro na atualidade, pois combina o conhecimento prático com a ciência. Durante a sua gestão à frente da Secretaria de Estado de Agricultura (Sagri) e da Emater-PA, foi responsável pelo desenvolvimento do cultivo de algodão, urucu, neen, *Acacia mangium* e mogno-africano. Implementou o polo de citricultura em Capitão Poço na gestão de secretário de agricultura, sendo atualmente o Pará um dos maiores produtores do Brasil.



Falesi publicou 85 trabalhos técnicos e científicos; coordenou e participou de 55 projetos de pesquisa; participou de mais de 80 congressos, conselhos, grupos de trabalho e cursos no Brasil e exterior.

O Laboratório de Análise de Solo e Planta Engenheiro-Agrônomo Italo Claudio Falesi, da Embrapa Amazônia Oriental, reformado e ampliado em fevereiro de 1995, constitui uma homenagem para este ilustre pesquisador.

## Referência

FALESI, I. C. Estado atual de conhecimento de solos da Amazônia brasileira. In: SIMPÓSIO DO TRÓPICO ÚMIDO, 1., 1984, Belém, PA. **Anais**. Belém, PA: EMBRAPA-CPATU, 1986. v. 1, p. 168-191. (EMBRAPA-CPATU. Documentos, 36). v. 1. Clima e solo.



# TARCÍSIO EWERTON RODRIGUES

(1937-2008)<sup>1</sup>

*Italo Claudio Falesi*

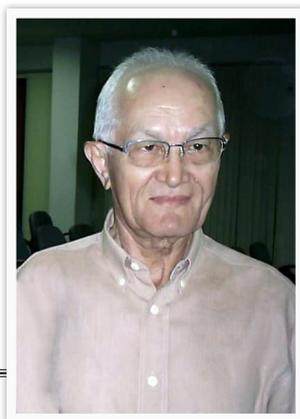


Foto: Thadeu Adriano Reis de Assis



**T**arcísio Ewerton Rodrigues nasceu em 13 de maio de 1937, na cidade de Anajatuba, estado do Maranhão. Formou-se engenheiro-agrônomo em 1967, pela Escola de Agronomia da Amazônia, atual Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra). Naquele mesmo ano, em 19 de maio, casou-se com Sílvia Galvão, com quem teve duas filhas, Sione e Patrícia, residentes em Minas Gerais.

Já no ano seguinte à graduação universitária, foi contratado como pesquisador de solos do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), atual Embrapa Amazônia Oriental, unidade da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária sediada em Belém, PA. Na instituição, dedicou-se ao ramo da pedologia em variadas temáticas, entre elas mineralogia de argilas, pedogênese, solos ácidos e solos tropicais.

Participou de vários levantamentos pedológicos em diferentes locais da região amazônica. Mestre em Ciência do Solo (1977) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutor em Solos e Nutrição de Plantas (1984) pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, vinculada à Universidade de São Paulo, produziu expressivos estudos sobre gênese, morfologia, classificação, correlação e cartografia de solos da Amazônia.

Publicou mais de 60 trabalhos sobre solos amazônicos. Participou de forma marcante na elaboração da primeira e da segunda edição do livro *Sistema Brasileiro de Classificação de Solos*, editado pela Embrapa Solos (Rio de Janeiro, RJ). Desempenhou com proficiência sua atividade de professor

<sup>1</sup> Com informações prestadas por José Raimundo Natividade Ferreira Gama, pesquisador aposentado da Embrapa Amazônia Oriental, em entrevista aos editores técnicos.



visitante do curso de pós-graduação da Ufra, no qual ministrou a disciplina de Gênese e Morfologia de Solos.

Colegas de trabalho e de profissão são unânimes em lembrar de Tarcísio como um profissional responsável, respeitador e muito aplicado às atividades de pesquisador na área da Pedologia, com destaque especial nas áreas de gênese e classificação de solos. Atencioso, calmo, gentil e prestativo, transparecia benevolência e humanidade no trato com as pessoas. Apreciador do futebol society, participava ativamente das partidas de final de tarde no campo da Embrapa Amazônia Oriental em Belém, tendo sido um dos sócios-fundadores da Associação Master de Futebol da Embrapa Amazônia Oriental.

Foi muito dedicado à família. As irmãs Patrícia e Sione compartilham suas lembranças: “Nosso pai era cuidadoso com as filhas, paciente, adorava assistir desenhos animados. Vascaíno doente, de até passar mal! Estudioso, comprometido com o trabalho, preocupado com o próximo, precavido. Somos o que somos por causa dele, um exemplo para nós”.

Tarcísio Ewerton Rodrigues faleceu prematuramente no dia 21 de dezembro de 2008, em Belo Horizonte, aos 71 anos de idade, deixando uma grande lacuna nos estudos da Ciência do Solo na Amazônia.

## Nota dos editores

Parte de suas cinzas foram aspergidas na árvore que plantou no bosque próximo ao Laboratório de Análise de Solo e Planta Engenheiro Agrônomo Italo Claudio Falesi e do Pavilhão Raimundo Silva Rego (1939–1999).



# VICENTE HAROLDO DE FIGUEIREDO MORAES

(1937-2008)

*Daniela Cardoso Moraes*

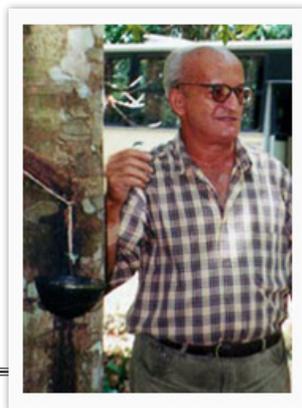


Foto: Arquivo Embrapa



**O**nze anos depois da passagem que encantou o meu pai em um farol ao qual recorro sempre que preciso de orientação, a escrita desse relato surge como uma tarefa extremamente significativa.

Vicente Haroldo de Figueiredo Moraes nasceu no dia 29 de outubro de 1937, na cidade de Soure, da fabulosa e imaginária Ilha do Marajó, e casou-se com Alexandra Maria da Silva Cardoso, em 20 de maio de 1961. Estava formado um casal que caminharia lado a lado durante toda a vida.

Dois anos depois recebiam, para compor a família, a sua primogênita, Débora Cristina. No ano seguinte viria Larissa Alexandra, filha que seguiu mais propriamente os caminhos profissionais e investigativos do pai, sendo igualmente pesquisadora da Embrapa. Em 1968, nascia o menino Luís Paulo. Eu permaneci em latência até 1981, sendo a filha temporã. Tive meus primeiros contatos com o pai de 44 anos, o que talvez tenha ajudado a forjar as particularidades de uma relação tão profunda e significativa para nós, filha e pai. Aprendemos juntos.

Desde muito cedo percebi a dedicação e o amor que meu pai tinha ao trabalho dele. Madrugava, preparava o café e partia. Retornava com a maleta e a camisa esburacada pelo trabalho de campo. Era um pesquisador que fazia questão de lidar diretamente com o trabalho de campo, incansável em suas avaliações. Aos finais de semana, eu o acompanhava em visita ao sítio que lhe fora concedido para explorar sua pesquisa com o plantio de seringueira. Eu, apesar desse exemplo, sempre fui muito mimada. Nada me faltou, nem materialmente nem espiritualmente, e em tudo o meu pai contribuía com



a minha educação. Seja no estímulo para ser mais disciplinada, seja nos valores morais, no amor ao próximo, no servir com amor, em ser útil ao outro.

Numa dessas idas ao sítio, lembro com nitidez desse aprendizado. Eu devia ter uns 6 anos e não me importava muito ainda com as consequências de atos egoístas. No sítio, morava um caseiro, Chica Preta, como o chamavam. Meu pai ainda estava com planos de comprar uma bomba de água para servir a casa e Chica Preta tinha que reservar a água da chuva se quisesse tomar banho, lavar a louça, etc. Eu tinha acabado de voltar das plantações de tangerina e vinha com minhas botinhas cheias de lama e barro. Lembro que ele, meu pai, havia me dito para entrar na casa com pés limpos porque o Chica Preta havia varrido a casa. Eu, sem pensar e muito contrariada, enfiei as botas no reservatório de água que iria nos servir a todos para o banho e para a feitura do jantar. Quando ele soube o que eu havia feito, chamou-me na cozinha e ralhou comigo na frente do Chica Preta, mas de uma forma que nunca mais me fez esquecer de valorizar e reconhecer o esforço do próximo.

Muito inteligente, aprendeu a falar e a escrever fluentemente várias línguas. Dizia sempre que, com esforço e dedicação, eu poderia conhecer o mundo e viajar como ele. Pelas manhãs, ele me recebia para o café falando inglês, ou francês, ou espanhol, ou alemão. Era quando ele assumia um lado esnobe com sorriso que era um fio de boca fina e pensamento afiado. Tinha amigos no mundo inteiro e adorávamos quando ele retornava dessas viagens, sempre com presentes ou chocolates.

Também adorava contar causos. Era um verdadeiro colecionador de lendas, histórias inventadas e crendices, muitas com um humor requintado atrás da superfície matuta das temáticas. Valorizava como poucos o conhecimento e o esforço do caboclo. Falava de Soure como um espaço mítico-lendário de onde surgiu sua família. Aliás, sempre quis que eu me interessasse pela árvore genealógica, nossos antepassados, seu pai, sua mãe. Eu, jovem, achava isso tão ultrapassado! Que bobagem! E hoje, quanto sentido faz! Mesmo assim, também valorizava a cultura erudita. Dava-me dinheiro e eu comprava livros e trocava com ele. Comigo ele leu Sartre, Dostoievski, Camus. Chegou a traduzir pra mim muitos poemas do chileno Pablo Neruda. Lembro de ter-me feito um haiku (ou haikai, poema tradicional da cultura japonesa que tem como característica a sua brevidade imagística) sobre o seringueiro que suava látex no meio da floresta.

Nós nos despedimos antes que ele pudesse me ver formada, mas dediquei meu trabalho de mestrado a ele, que foi minha espécie de Guimarães

Rosa (autor da literatura brasileira que se dedicou à representação do conhecimento do sertanejo com proporções universais) familiar, contador de causos e amante da cultura cabocla, orgulhoso de suas raízes. Há tanto dele em todos que o amamos!

No dia 25 de abril de 2008, numa sexta-feira, meu pai fez a passagem dele, em paz. Consciente e feliz de ter educado seus filhos e nos proporcionado os alicerces de uma família que honra a sua memória. Que seu nome seja lembrado sempre que quisermos nos inspirar em um pesquisador dedicado, um pai amoroso e um amigo rico em causos.

## Nota dos editores

O Laboratório de Análises de Sistemas Sustentáveis (Lass) “Vicente Haroldo de Figueiredo Moraes”, da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA, foi inaugurado em 12 de agosto de 2013.

A dedicação do homenageado à ciência e à pesquisa agropecuária na Amazônia contribuíram para ampliar a fronteira de conhecimento científico e tecnológico sobre a seringueira no mundo. Colaborou para entender a causa fisiológica do secamento de painel e propor clones mais adequados e manejo da sangria. Os cruzamentos e a seleção inicial de clones conduzidos por ele contribuíram para a atual tecnologia da seringueira tricomposta, mais produtiva e resistente ao mal das folhas.

Vicente Moraes formou-se na Escola de Agronomia da Amazônia em 1960, vindo a se tornar referência no trabalho com a seringueira. O pesquisador iniciou suas atividades profissionais em 1957, como laboratorista da Seção de Solos do Instituto Agrônomo do Norte (IAN), ainda como estudante de Agronomia. Em 1960, foi admitido na instituição como agrônomo e passou a trabalhar na Seção de Heveicultura e Tecnologia da Borracha, como assistente.

Em 1962, Vicente Moraes foi designado para chefiar a Estação Experimental de Porto Velho, no então Território Federal de Rondônia. Em 1975, foi o organizador do Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira (CNPS), atual Embrapa Amazônia Ocidental, Manaus, AM.





# HERMÍNIO MAIA ROCHA

(1937)

*Hermínio Maia Rocha*

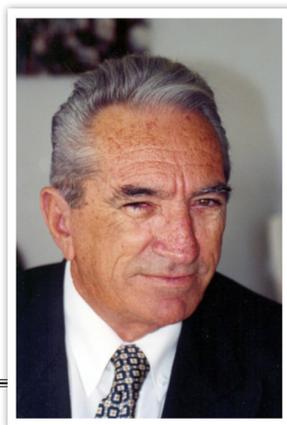


Foto: Arquivo Embrapa



Nasci no dia 7 de junho de 1937, no povoado Junco, município de Patú, estado do Rio Grande do Norte, filho de Seledon Dantas da Rocha e Virgínia Maia Rocha. Devo dizer que tenho também fortes raízes familiares no estado da Paraíba, pois minha mãe era natural da cidade de Catolé do Rocha, reduto da família Maia. É bom esclarecer que o Rocha do nome da cidade de Catolé, não tem nada a ver com a família de meu pai, de Patú. A família Maia sempre teve atuação nos dois estados, ocupando posições políticas relevantes em ambos, como de governador, senador, deputados federais e estaduais, além de prefeitos de cidades importantes. Foi no cartório de Catolé do Rocha que meus pais me registraram e, em razão dessa relação com a cidade, onde minha família residiu por vários anos, ganhei o apelido de Catolé, desde os tempos de estudante do Curso Agrotécnico realizado em Areia, na Paraíba.

Fui casado com Neyde Maria de Souza Rocha, com quem tive os filhos Hermínio Souza Rocha, que é pesquisador da Embrapa Mandioca Fruticultura, e Virgínia Maria de Souza Maia Rocha. Com a atual esposa Delma Peixoto de Oliveira, não tive filhos.

Iniciei os estudos primários na cidade de Umarizal e o curso ginásial na cidade de Mossoró, RN. Ao concluir o curso ginásial em 1954, fui admitido por meio de seleção no já mencionado Curso Agrotécnico, da Escola de Agronomia do Nordeste (EAN), em Areia, tendo concluído o curso em 1957 e prestado exame vestibular em 1958 na mesma escola, onde cursei o 1º ano de Agronomia, transferindo-me em 1959 para a Escola Nacional de Agronomia (ENA) (atualmente Universidade Federal Rural do Rio de



Janeiro), localizada no km 47 da antiga Rodovia Rio-São Paulo, onde concluí a graduação em Engenharia Agrônômica, em 1961.

Durante o curso de graduação, fui bolsista do Ministério da Agricultura, no Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária (DNPEA) no Programa de Melhoramento Genético do Milho, liderado pelo Professor Américo Grossmann.

Particpei da política estudantil na Paraíba e no Rio de Janeiro, entretanto, não ocupei cargos de destaque, mas fui responsável pela Fazenda dos Alunos da Universidade Rural (Faur), na Escola Nacional de Agronomia, onde se produziam algumas hortaliças e que era utilizada para aulas práticas das disciplinas de Agricultura Geral e Especial.

## Atividades profissionais

Iniciei minhas atividades profissionais na Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo (Acares), em 1962, quando fui encaminhado à Universidade Federal de Viçosa (UFV) para realizar o curso de Pré-Serviço em Extensão Rural. Em seguida, fui destacado para acompanhar, no Espírito Santo, os trabalhos de campo em Assistência Técnica e Extensão Rural nos municípios de Linhares e Itaguaçu.

Por considerar que estaria mais inclinado para pesquisa agrícola, na área de defesa vegetal, me desliguei da Acares e assumi o cargo de fitossanitarista no Instituto Biológico de São Paulo, ainda no ano de 1962, com sede de trabalho na cidade de Lins, onde trabalhei na campanha de erradicação do cancro cítrico, importante doença bacteriana dos citros.

Em julho de 1963, fui convidado para trabalhar na Bahia como pesquisador na área de Fitopatologia, por Paulo de Tarso Alvim (1919–2011), famoso fisiologista do Instituto Interamericano de Cooperação Agrícola (IICA), que estava deixando sua sede de trabalho no Peru para assumir a direção das pesquisas com cacau na Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), em Itabuna, BA.

Na época, a Ceplac não tinha estrutura de pesquisa, por isso fui lotado na Estação Experimental de Cacau, do antigo Instituto de Cacau da Bahia, localizada na cidade de Uruçuca. Tive como primeiro trabalho fazer um levantamento e diagnóstico da ocorrência da doença podridão-parda do cacau, causada pelo fungo *Phytophthora palmivora*, na região cacaueira da Bahia, na época considerada a doença mais importante do cacau naquele estado.

A partir do mapeamento da ocorrência da doença na região, foram elaborados diversos projetos de pesquisa nas áreas de controle químico, resistência genética e manejo integrado, ao tempo em que se preparava o projeto de construção do Centro de Pesquisa do Cacau (Cepec), no km 32 da Rodovia Ilhéus-Itabuna, que mais tarde se tornaria o maior centro de pesquisa do mundo dedicado ao cacau.

A Ceplac, reconhecendo a necessidade de levar aos produtores de cacau os novos conhecimentos e tecnologias gerados pela pesquisa, criou o Departamento de Extensão (Depex), hoje Centro de Extensão (Cenex), passando a ser a primeira instituição no País a atuar ao mesmo tempo nas áreas de pesquisa e extensão, com equipes de técnicos especializados.

Em outubro de 1964, ingressei no curso de pós-graduação no Centro Agronômico Tropical de Investigación y Enseñanza (IICA/Catie), em Turrialba, Costa Rica, onde permaneci até setembro de 1966, quando concluí o curso de mestrado em Fitopatologia, com tese sobre Mecanismo Fisiológico da Resistência de Clones de Cacau à *Phytophthora palmivora*.

Ao retornar à Bahia, desenvolvi vários trabalhos na área da Fitopatologia, não só com cacau, mas também com seringueira, especialmente em relação à resistência genética, epidemiologia, controle químico e cultural, tendo publicado vários trabalhos em periódicos nacionais e internacionais e, também, ocupei cargos de direção e coordenação na Ceplac.

Particpei das Conferências Internacionais de Cacau realizadas em Abidjan (Costa do Marfim), Salvador, Port of Spain (Trinidad e Tobago) e Cartagena (Colômbia), assim como visitei vários centros de pesquisa, principalmente de cacau e de seringueira, na Colômbia, Venezuela, Equador, Estados Unidos, Inglaterra, Escócia, Gana, Nigéria, Malásia e Japão.

Fui autor de um capítulo de livro editado na Inglaterra pelo Professor Phillip Gregory, sobre *Phytophthora* em cacau.

Como atividades fora da instituição, fui presidente da Sociedade dos Engenheiros-Agrônomos do Cacau e presidente do Lions Clube de Itabuna, BA.

Em 1974, deixei a Ceplac para ingressar na Embrapa, quando tive a oportunidade de participar ativamente da criação e estruturação das suas unidades de pesquisa (Centros Nacionais de Pesquisa por Produtos, Centros Regionais de Recursos e Unidades de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual – Uepaes), distribuídas no território nacional.



Na Embrapa, ocupei os cargos de assessor do Departamento Técnico Científico, em Brasília, chefe-geral do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido (CPATU) (1976–1978), em Belém, chefe do Departamento Técnico Científico, em Brasília, e chefe-adjunto técnico do Centro Nacional de Recursos Genéticos e Biotecnologia (Cenargen), em Brasília.

Quando ocupava o cargo de chefe-adjunto técnico do Cenargen, em 1985, fui eleito presidente da Sociedade Brasileira de Fitopatologia para o período 1985–1986, época em que organizei o seu congresso nacional, em Brasília.

Em 1980, iniciei meus estudos para obtenção do título de Doctor of Philosophy em Fitopatologia, no Imperial College of Science and Technology, Universidade de Londres, Inglaterra, tendo concluído o curso e obtido o título em maio de 1983, com tese sobre Biologia e Ecologia da Vassoura-de-Bruxa do Cacaueiro.

Como pesquisador da Embrapa, fui cedido em 1987 à Ceplac, para ocupar o cargo de coordenador técnico-científico, onde permaneci até 1988.

Em 1989, fui cedido ao governo do estado da Bahia para ocupar o cargo de diretor técnico da Empresa de Pesquisa Agropecuária da Bahia (Epaba) e, em 1990, fui novamente cedido à Ceplac para coordenar a formulação e execução do programa de pesquisa com a vassoura-de-bruxa do cacaueiro, introduzida na região em 1989.

Particpei como autor de um capítulo do livro *Disease Management in Cocoa – Comparative Epidemiology of Witches’ Broom*, editado na Inglaterra, em 1993.

Entre 1991 e 1994, ocupei o cargo de diretor do Departamento de Defesa e Inspeção Vegetal do Ministério da Agricultura, em Brasília.

Durante a implantação do Mercosul, participei ativamente do processo de harmonização das legislações e normas fitossanitárias dos países membros do bloco (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai), tendo ocupado a presidência do Comitê de Sanidade Vegetal do Cone Sul (Cosave), por um período de 2 anos.

Em 1995, fui novamente cedido ao governo da Bahia para ocupar o cargo de diretor-presidente da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), onde permaneci até 2001.

Desde 2002, já aposentado da Embrapa, estou ocupando o cargo de diretor de Desenvolvimento da Agricultura, na Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia.

## **Experiência no CPATU**

Foi sem dúvida um grande desafio aceitar em 1976 a responsabilidade de implantar e dirigir o CPATU nos seus primeiros momentos (1976 a 1978). Na verdade, foi praticamente uma imposição da diretoria da Embrapa, especialmente do diretor Almiro Blumenschein, com quem trabalhei mais diretamente desde meu ingresso na Empresa. Vários foram os motivos para justificar a condição de desafio. Gostaria de mencionar em primeiro lugar a notável trajetória das instituições que precederam o CPATU – o Instituto Agronômico do Norte (IAN) e o Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean). Outros motivos não menos relevantes podem ser mencionados, como a grandiosidade da Amazônia, com suas enormes potencialidades e seus problemas e desafios a serem encarados e enfrentados a fim de cumprir a missão institucional do CPATU e contribuir para o desenvolvimento econômico e social da região, na perspectiva de ocupar de forma sustentável as áreas com vocação agrícola, pecuária e florestal.

A responsabilidade de honrar e preservar a história e a memória da instituição, dos seus dirigentes e de renomados técnicos e cientistas que dedicaram parte ou quase toda sua vida ao estudo e à geração de valiosos conhecimentos sobre a Amazônia, deixando inestimável contribuição à ciência e ao desenvolvimento da pesquisa no âmbito do ecossistema do trópico úmido, também estava sempre presente nas preocupações de zelar pela imagem e pelo conceito da instituição, que passaria a ter a partir daquele momento uma nova cara e, sobretudo, um novo enfoque, de acordo com as diretrizes da Embrapa.

Ao assumir a direção do CPATU, o primeiro problema de ordem administrativa que tive de enfrentar foi a situação de vários servidores (creio que mais de 50) que não tinham contrato formal com a instituição e, portanto, não tinham carteira de trabalho assinada, com a recomendação de afastá-los, assegurando-lhes todos os direitos trabalhistas conferidos pela legislação. Não havia outra opção a não ser o desligamento desses servidores, alguns com vários anos de trabalho dedicados à instituição e gozando de excelente conceito entre os demais empregados efetivos. Sem causar grandes traumas, foram todos indenizados, de acordo com seus direitos trabalhistas



e, ao mesmo tempo, negociou-se com as empresas prestadoras de serviços (limpeza e vigilância) o aproveitamento daqueles cujo afastamento poderia causar problemas no desempenho normal do CPATU. Assim foi feito e resolvido o problema.

Houve outro problema ou dificuldade – cumprir as determinações da Assessoria de Segurança e Informação (ASI), dependência criada na estrutura da Embrapa e de toda a administração federal, por exigência do modelo institucional adotado no regime militar. De acordo com as ordens explícitas da Chefia da ASI, tínhamos que manter sob estrito sigilo as determinações e ordens emanadas daquela assessoria e investigar dentro da instituição, e até fora dela, pessoas que em seu conceito estariam praticando atos ou ações contrárias à política do governo.

Em visita ao CPATU, o chefe da ASI exigiu que o gabinete da Chefia do Centro fosse dotado de proteção à prova de som, o que acarretou, na época, uma despesa que me pareceu inútil, mas teve que ser feita. Na verdade, o chefe da ASI queria que denunciássemos companheiros de trabalho e até pessoas da sociedade que, em sua opinião, poderiam constituir ameaças ao regime militar vigente.

Uma particularidade que achei interessante no CPATU foi o intervalo de 3 horas para almoço, tradicionalmente adotado na instituição, em razão do intenso calor no período da tarde, mantendo, no entanto, as 8 horas diárias de trabalho. Para falar a verdade, eu adorava esse horário.

Graças ao grande acervo de conhecimentos sobre a Amazônia, muitos deles produzidos pelo IAN e pelo Ipean, hoje é do conhecimento geral que seu imenso território não é, como parecia ser no passado, uma grande área homogênea. As diversidades climáticas, geológicas, pedológicas e florísticas, além de outras variantes encontradas em seu perímetro geográfico, conferem à Amazônia o privilégio de abrigar em seu interior, além do grande bioma Amazônia, áreas com características de outros biomas, como o cerrado e as imensas áreas de várzeas, todas com extraordinária biodiversidade.

Em relação à nova programação de pesquisa, a primeira preocupação foi estruturar um programa de acordo com o modelo institucional delineado pela Embrapa, focado na geração de conhecimentos e tecnologias para construir Sistemas de Produção, direcionados à melhor utilização dos recursos naturais e socioeconômicos do trópico úmido brasileiro, de forma articulada com os centros nacionais de pesquisa de produtos e com as Uepaes, bem como com as universidades e centros de pesquisa existentes

na região, notadamente a Universidade Federal do Pará (UFPA), o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa) e a Ceplac.

Como um centro de estudos e pesquisas voltados para o desenvolvimento regional, a sua articulação com as instituições que também tinham esse objetivo, como a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e o Banco da Amazônia S.A. (Basa), foi importante para evitar duplicidades desnecessárias de ações e otimizar a utilização dos recursos materiais e humanos disponíveis. Da mesma forma, procurou-se manter intercâmbio e parcerias com instituições internacionais que já vinham atuando na Amazônia, como a Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), a Agência de Cooperação Alemã (GTZ), o Instituto Interamericano de Cooperação Agrícola (IICA), dentre outras.

Outra grande preocupação foi a de formar uma equipe multidisciplinar de pesquisadores e estruturar os projetos e programas de pesquisa voltados para o desenvolvimento sustentável do trópico úmido brasileiro. Felizmente já existiam pesquisadores com excelente formação acadêmica e com grande vivência e experiência na região. O programa de pós-graduação da Embrapa, considerado na época um dos mais arrojados do País, tinha contemplado a região, de modo que vários técnicos recém-graduados ou mesmo aqueles com experiência foram mobilizados e encaminhados para os melhores centros de capacitação do País e principalmente dos Estados Unidos, Europa e Austrália, para completar sua formação em nível de mestrado ou doutorado. Esse programa de capacitação foi mantido e até ampliado, na medida em que crescia a equipe do CPATU.

Além dos projetos de pesquisa específicos por disciplina, como genética/melhoramento, solos, fitopatologia, entomologia, silvicultura, pecuária bovina e bubalina, socioeconômica, climatologia, agroindústria, etc., a grande preocupação foi delinear projetos que enfocassem o complexo agroflorestal, adotando intensidades variáveis de uso dos recursos naturais, acompanhando no espaço e no tempo a dinâmica das transformações biológicas, físicas e químicas nas áreas trabalhadas, assim como os reflexos ou impactos ecológicos, econômicos e sociais que poderiam provocar no meio ambiente.

Foi implantado um projeto com esse enfoque, com repetição em duas áreas com características edáficas distintas, Altamira, na margem da Rodovia Transamazônica, em área de solos muito férteis e bem estruturados, e Capitão Poço, na microrregião Guamá, mais próximo de Belém, em área



de solos com baixa fertilidade natural e mais frágeis do ponto de vista da conservação, que receberam a denominação ou nome de fantasia de CPATU 1 e CPATU 2, respectivamente. Os dados acumulados ao longo de muitos anos, obtidos com esses experimentos, certamente têm sido de grande utilidade para uma melhor compreensão e orientação da ocupação das áreas agricultáveis da Amazônia e para a adoção de sistemas de manejo mais adequados às diferentes atividades direcionadas à manutenção ou ao aproveitamento dos recursos naturais da região.

Durante minha permanência no CPATU, participei da elaboração de um livro editado pelo Ciat, sobre pesquisas na Amazônia, escrevendo o capítulo *Genetic Resources and General Evaluation of Development Policies and Research in the Brazilian Amazon*.

A minha experiência no CPATU foi um agradável e permanente aprendizado, vivenciando e conhecendo a cada dia as riquezas naturais dessa imensa área de Floresta Tropical Úmida, tão difícil de ser entendida e utilizada sem devastá-la. Fiz muitas viagens pelo interior da Amazônia, conhecendo e acompanhando os trabalhos da Embrapa nas outras unidades localizadas nos demais estados, nas diversas Estações Experimentais do CPATU, especialmente as de Maicuru, no Baixo Amazonas, por sinal, uma área privilegiada pela sua grande extensão, creio que mais de 50 mil hectares, às margens do Rio Amazonas, com uma vista esplendorosa, dedicada às pesquisas com bubalinos. Nessa área, Felisberto Camargo, ex-diretor do IAN, como um cientista visionário, fez a ligação, através de extensos canais, construídos na época com máquinas de grande porte, da área da estação com o Rio Amazonas, com o propósito de carrear, no período normal das enchentes do rio, os sedimentos orgânicos para o interior da estação. A camada de sedimentos acumulada ao longo dos anos criou uma condição excepcional de elevada fertilidade da área, ensejando a obtenção de produtividades recordes de alguns cultivos, como o de arroz.

Na Estação Experimental de Marajó, na Ilha de Marajó, a Embrapa realiza excelente trabalho com diferentes raças de bubalinos. Altamira, na Transamazônica, e Capitão Poço e Tracuateua, na região Bragantina, são estações experimentais que frequentemente visitava, assim como acompanhei por várias vezes os pesquisadores nas suas viagens a trabalho, como, por exemplo, o Dr. Adilson Serrão, grande conhecedor dos recursos forrageiros da Amazônia, em especial das leguminosas, nas coletas de material genético para enriquecer os Bancos de Germoplasma e para apoiar os trabalhos de pesquisa.

Quanto à minha vida privada, tive a agradável oportunidade de ocupar uma das magníficas residências existentes na área da sede do CPATU, em Belém, onde encontrei um ambiente de muita paz e tranquilidade para trabalhar e compartilhar com os colegas de trabalho momentos de muita felicidade. Fiz muitos amigos e verdadeiros parceiros que muito me ajudaram a enfrentar o desafio assumido.

Quando julguei que minha missão estava cumprida, resolvi retornar a Brasília e recomendar à Diretoria da Embrapa passar a direção do CPATU a um dos técnicos que se destacaram pela sua experiência, dedicação e entusiasmo pelas causas da Amazônia – Cristo Nazaré do Nascimento (1942–1993), grande conhecedor e entusiasta da bubalinocultura.

Ao finalizar, quero cumprimentar e louvar a iniciativa da direção da Embrapa Amazônia Oriental, atual denominação da instituição, de registrar em livro, a memória institucional, quando o IAN completa 80 anos de fundação, incumbindo ao talentoso economista Alfredo Homma, a tarefa de editar esse livro, para que seja lembrada às gerações futuras a história dessa memorável instituição.

Finalmente, desejo agradecer e manifestar minha enorme satisfação e imensa honra de participar com minha modesta biografia, da memória da Instituição, ao lado de ilustres personalidades.

## **Nota dos editores**

Após 7 anos dirigindo a Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), atualmente extinta, Hermínio Maia Rocha passou o cargo de presidente a Fábio Veloso Viana Filho, no dia 28 de dezembro de 2001. As principais conquistas alcançadas em sua gestão se referem ao dinamismo da agropecuária baiana, particularizando o incremento na produção de grãos e na fruticultura, com a produção de uva, mamão e manga. Além do crédito agrícola concedido ao produtor rural, que teve um incremento substancial, graças aos programas articulados da Seagri com os agentes financeiros, sob a forma de protocolos de intenções.

A EBDA participou fortemente de vários programas de cunho social, como o Faz Cidadão, cuja coordenação, no interior do estado, foi-lhe atribuída pela Seplantec, o Prorenda Rural, em parceria com a Agência de Cooperação Internacional (GTZ), do governo da Alemanha, o Programa Feira Verde, concebido e implantado pela EBDA em 40 municípios, e o Pronaf, em



convênio com o Ministério da Agricultura e, mais recentemente, com o Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Ainda na sua gestão, foi implantado o Programa Estadual de Profissionalização de Produtores Rurais, com oito centros instalados no interior do estado; o complexo laboratorial de Ondina foi recuperado, voltando a prestar serviços aos produtores por meio de seus 11 laboratórios de pesquisa; e foi instalado o Laboratório de Solos em Teixeira de Freitas. Vale destacar a reativação e ampliação de convênios com mais de 150 prefeituras e com outras instituições estaduais, nacionais e internacionais. A reestruturação do Serviço de Classificação de Produtos de Origem Vegetal, em convênio com o Ministério da Agricultura, e o Programa de Acompanhamento de Fazendas, particularmente na pecuária de leite e de corte, foram também conquistas da EBDA.

Hermínio Maia Rocha foi o primeiro chefe-geral do CPATU na fase Embrapa e teve a colaboração na chefia-adjunta técnico-científica de Walmir Salles Couto e na chefia-adjunta administrativa de José Furlan Júnior (1949).



# CRISTO NAZARÉ BARBOSA DO NASCIMENTO

(1942–1993)

Alfredo Kingo Oyama Homma

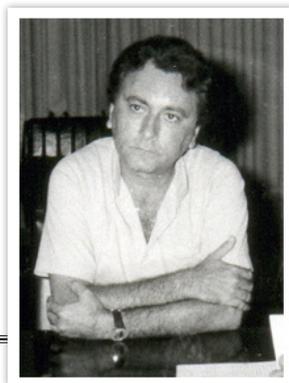


Foto: Arquivo Embrapa



**N**asceu em 6 de outubro de 1942, em Belém, filho de Mário Nascimento e de Amélia Barbosa Nascimento. Foi casado com Maria das Graças M. do Nascimento (1948), com quem teve dois filhos: Cristiano M. Nascimento (1977) e Márcio M. Nascimento (1978).

Engenheiro-agrônomo formado em 1965 pela atual Universidade Federal Rural da Amazônia, na época Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (Fcap), tendo sido colega de Emanuel Adilson Souza Serrão (1941) e Acilino do Carmo Canto (1941–2018). Em 1968, obteve o título de Master of Science em Zootecnia na Texas A & M University. Esses três pesquisadores eram os únicos que possuíam título de mestre em Agricultura na época, em toda a região Norte. Também fazia parte dessa turma o agrônomo Manoel Moura Melo, um dos pioneiros da extensão rural no estado do Pará.

Em 1966, iniciou suas atividades de pesquisa no Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean) até 1993, por ocasião da sua morte, quando já era pesquisador do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido (CPATU). Por ocasião da campanha à presidência, o candidato da Arena, o general Ernesto Geisel (1907–1996), em novembro de 1973, visitou as instalações da criação de búfalos, tendo recebido detalhada explicação de Cristo.

Durante o período como pesquisador, ocupou diversas funções de chefia e de coordenação, destacando-se a de dirigente geral do CPATU (1978–1985) e coordenador do programa nacional de pesquisa de bubalinos. É autor ou coautor de 126 publicações técnicas, na sua quase totalidade sobre búfalos. Em 1979, participou, como convidado, da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos, da elaboração do livro sobre búfalos intitulado *The Water Buffalo: New Prospects for an Underutilized Animal*, publicado em 1981.



Realizou viagens de informações técnicas sobre búfalos a diversos países, dentre os quais Peru, Venezuela, Trinidad-Tobago, Itália, Bulgária, Índia, Filipinas, Tailândia e Indonésia. Participou de várias reuniões técnicas sobre búfalos, bem como realizou diversas conferências sobre essa espécie no Brasil e no exterior. Foi sócio honorário da Associação Brasileira de Criadores de Búfalos, pelos relevantes serviços prestados à bubalinocultura nacional.

Foi membro da Comissão Nacional de Gado Leiteiro de 1971 a 1973; coordenador da Comissão de Elaboração do Anteprojeto de Implantação do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte, com sede em Campo Grande, MS, em 1974; membro da Comissão de Alto Nível Científico de Bubalinocultura, designado em 1975, e membro do Conselho Técnico Consultivo da Associação Brasileira de Criadores de Búfalos, de 1984 a 1985.

Possui o título de técnico de registro genealógico, da Associação Brasileira de Criadores de Búfalos, tendo sido criador de bubalinos em uma fazenda em Santa Izabel do Pará. Faleceu no dia 17 de julho de 1993, em trágico acidente, na esquina da Avenida Conselheiro Furtado com a Avenida Alcindo Cacela, quando seu carro Opala colidiu com um caminhão da Polícia Militar. No acidente faleceu, também, o seu irmão, residente em Fortaleza, que estava em visita a esta cidade.

Infelizmente não teve a sorte de ver concluída a publicação do seu livro escrito em parceria com Luiz Octávio Danin de Moura Carvalho (1940) *Criação de Búfalos: alimentação, manejo, melhoramento e instalações*, que foi lançado na sede da antiga Federação da Agricultura e Pecuária do Pará (Faepa), onde foi representado pela sua esposa Graça Nascimento. Foi autor principal do livro *Amazônia: meio ambiente e tecnologia agrícola*, publicado pela Embrapa e lançado em 1984, do qual fui coautor, que teve grande repercussão na época.

Durante as suas atividades no Ipean e depois Embrapa, residiu na casa ao lado do portão da entrada até o seu falecimento. Tive o privilégio de conviver com ele longamente durante o período da Chefia, sobretudo na preparação de documentos institucionais.

A Sala de Reuniões Cristo Nascimento recebeu essa denominação por iniciativa de Emanuel Adilson Souza Serrão, em 4 de maio de 2001, como homenagem por ocasião dos 62 anos da criação do Instituto Agrônomo do Norte.

Como chefe-geral do CPATU colaboraram Virgílio Ferreira Libonati na gestão técnico-científica até 1980, quando foi nomeado diretor da Fcap (1980–1984), José Furlan Júnior (1949) na chefia-adjunta administrativa e depois técnico-científica e José de Brito Lourenço Júnior (1948) na chefia-adjunta administrativa.



# THEREZINHA XAVIER BASTOS

(1942–2019)<sup>1</sup>

Ana Laura Lima



Foto: Arquivo Embrapa



**T**herezinha Xavier Bastos nasceu em 6 de janeiro de 1942, em Castanhal, nordeste do estado do Pará, sendo a mais jovem de oito irmãos. Graduiu-se em Engenharia Agrônômica pela Escola de Agronomia da Amazônia, atual Universidade Federal Rural da Amazônia, em 1966. No ano seguinte, em 1967, ingressou no Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), como assistente da seção de Climatologia Agrícola.

Desde então, Therezinha Bastos passou a publicar, em parceria com outros pesquisadores, os Boletins Agrometeorológicos de Belém e de municípios paraenses. O primeiro, em 1967, assinou juntamente com Francisco Barreira Pereira, o então chefe da Seção de Climatologia Agrícola do Ipean.

Em 2 de setembro de 1974, foi admitida como pesquisadora do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido (CPATU). O último boletim agrometeorológico assinado pela pesquisadora foi em 2010, quando já estava aposentada. Seu desligamento da Empresa aconteceu em março de 2008, como pesquisadora A.

Pioneira na sua área de atuação, Therezinha Bastos tornou-se mestra em Floresta, Recursos e Conservação pela Universidade da Flórida (EUA), em 1978, e doutora em Climatologia pela Universidade do Havaí (EUA), em 1990. Debruçou-se sobre o estudo do clima e seus impactos na agricultura e sobre o delineamento de zonas agroclimáticas em áreas desflorestadas na Amazônia.

<sup>1</sup> Publicado originalmente no CI Diário, informativo interno da Embrapa Amazônia Oriental, em 7 de janeiro de 2019.



O chefe-geral da Embrapa Amazônia Oriental, Adriano Venturieri, destaca o importante legado que a pesquisadora deixa para o conhecimento na Amazônia, como uma referência internacional sobre climatologia na Amazônia, tendo sido fundamental seu trabalho para a política de ordenamento e expansão do dendê na região.

Só na base de dados da Embrapa, a pesquisadora tem quase 200 publicações, entre livros, artigos e outros materiais, sobre zoneamentos agrícolas, impactos ambientais, clima e culturas agrícolas, desmatamento, entre outros.

Entre as publicações relevantes que têm a contribuição da pesquisadora está *Zoneamento Agrícola da Amazônia*, de 1972, no qual a especialista apresenta o estado da arte do conhecimento sobre as condições climáticas da Amazônia, sendo até hoje uma referência para a elaboração de zoneamentos agroclimáticos.

Outro trabalho que merece destaque é *Aspectos Climáticos de Belém nos Últimos Cem Anos*, publicado em 2002, pela Série Documentos. O material reúne a análise de dados climáticos de Belém relativos ao período de 1896 a 1996, obtidos, em sua maioria, da estação meteorológica da Embrapa Amazônia Oriental.

Therezinha Xavier Bastos faleceu aos 77 anos, na manhã do dia 7 de janeiro de 2019, em Belém, sendo sepultada no Cemitério Santa Izabel. Deixou esposo, dois filhos e três netos. Como pesquisadora, deixou as bases do conhecimento sobre o clima na Amazônia e seus impactos sobre culturas agrícolas e sobre a floresta.



# CARLOS HANS MÜLLER

(1947–2016)<sup>1</sup>

*José Edmar Urano de Carvalho*

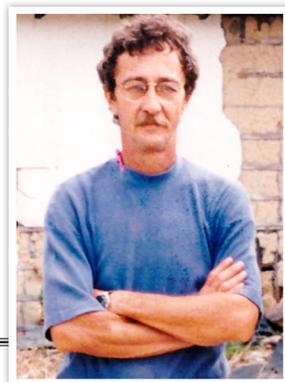


Foto: Arquivo Embrapa



**D**escendente de pai alemão e mãe portuguesa, Carlos Hans Müller graduou-se em Agronomia pela então Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, em 1972, e concluiu mestrado em Fitotecnia, com ênfase na área de Produção Vegetal, pela Universidade Federal de Viçosa, em 1977.

Hans, como era conhecido, teve sua vida profissional dedicada à pesquisa agropecuária, iniciando suas atividades como estagiário do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias (Ipean) e depois como pesquisador na Embrapa Amazônia Oriental, onde permaneceu por mais de 35 anos. No início da década de 1980, com pouco mais de 30 anos, já era a principal referência em fruticultura na Pan-Amazônia.

Na Embrapa Amazônia Oriental, desenvolveu trabalhos na área de Fitotecnia voltados para a germinação de sementes, propagação de plantas de espécies frutíferas, manejo, semente recalcitrante e dormência. Vários de seus estudos se destacam até o presente, como os dedicados à castanha-do-brasil, ao abricoteiro e ao mangostanzeiro, entre outras espécies nativas da Amazônia. Ele divide com José Edmar Urano de Carvalho e Ricardo Yassushi Inamasu o depósito de patente como inventor de um dispositivo para colheita de cacho de frutas.

Carlos Hans Müller desenvolveu importantes e pioneiros trabalhos sobre propagação, sistema reprodutivo e cultivo da castanha-do-brasil, que até hoje se constituem na principal fonte de consultas sobre esses assuntos. A

<sup>1</sup> Publicado originalmente no CI Diário, informativo interno da Embrapa Amazônia Oriental, em 20 de julho de 2016.



castanheira era uma de suas paixões. Prospectou os principais castanhais nativos do Pará, Amazonas e Amapá, em busca de tipos superiores de castanheira. Desenvolveu um tipo especial de alicate para descascar sementes de castanha-do-brasil, uma vara para colheita de frutos de pupunheira e açaí, além de um sistema de nebulização intermitente que independe de energia elétrica.

A cultura do mangostanzeiro na Amazônia e no Brasil deve muito a Carlos Hans Müller, pois, desenvolvendo e adaptando tecnologias, gerou um bom sistema de produção para essa espécie frutífera. Seus trabalhos sobre propagação e manejo do açaizeiro, cupuaçuzeiro, abricoteiro, pupunheira, biribazeiro, abieiro e muitas outras espécies frutíferas viabilizaram o cultivo dessas espécies. Durante sua vida profissional, publicou mais de cem trabalhos.

Foi um pesquisador de campo. Atendia pacientemente e com grande didática dezenas de produtores que o procuravam diariamente. Suas explicações eram sempre no campo. Sua credibilidade era grande entre os plantadores de fruta da Amazônia. Prova disso, nos últimos tempos, é o híbrido de bananeira PV-0376, que se disseminou em todo o estado do Pará, com simples recomendações verbais do pesquisador.

Mesmo após a aposentadoria, o pesquisador – um apaixonado por espécies amazônicas – continuou com os estudos em sua propriedade e nas de produtores rurais com quem atuava em parceria. Um dos maiores estudiosos da Amazônia, Carlos Hans Müller faleceu aos 67 anos de idade, na manhã do dia 20 de julho de 2016, em Belém, PA, sendo sepultado no Recanto da Saudade Parque Cemitério.



# ERMENSON PEÇANHA SALIMOS

(1948–1981)

*José Adérito Rodrigues Filho*



Foto: Moacyr Bernardino Dias-Filho



**G**raduou-se em Agronomia pela então Faculdade de Ciências Agrárias do Pará em 1972, durante o Sesquicentenário da Independência do Brasil. Da sua turma, 14 ingressaram no Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido (CPATU): os irmãos Antônio Agostinho e Carlos Hans Müller (1947–2016), Antônio Carlos Paula Neves da Rocha, Armando Kouzo Kato (1949–2000), Dinaldo Rodrigues Trindade, Eloisa Maria Cabral Ramos, Emir Palmeira Imbiriba (?–2016), Jefferson Filipe da Silva, Luiz Alberto Freitas Pereira, Lindaurea Alves de Souza, Olinto Gomes da Rocha Neto (1950–2013), Raimundo Freire de Oliveira e Raimunda Heliana Magalhães Pereira.

Obteve o grau de mestre em Ciências, pela Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal, SP, defendida em 3 de março de 1980. Faleceu tragicamente com a queda do avião da empresa Taxi Aéreo Kovacs, na Baía de Marajó, na manhã de 14 de abril de 1981 (terça-feira), aos 33 anos, em viagem a serviço para o campo experimental de Salvaterra, PA. Sobreviveu à queda, segundo testemunho do piloto na época, mas pereceu afogado, sendo enterrado no dia 19 de abril (domingo). Em sua homenagem, o núcleo da Embrapa em Salvaterra recebeu a denominação de Campo Experimental do Marajó ErmenSON Salimos (Cemes).

Durante a sua curta vida profissional, ocupou cargos de extensionista da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (Emater-PA) e pesquisador do CPATU.



Os agricultores do município do Brejo, MA, Transamazônica, Tracuateua, Salvaterra e Belém chegaram a receber os ensinamentos deste profissional, que fez da agronomia e da zootecnia dois instrumentos de educação a serviço do País.

Em autoria com outros pesquisadores do CPATU, publicou 19 trabalhos sobre temas relacionados com seus principais campos de ação: agronomia e zootecnia.

O seu último trabalho submetido à *Revista Agropecuária Brasileira*, em novembro de 1979, foi publicado como obra póstuma, constante no volume 16, número 4, de 1981, intitulado *Algumas Reações Fisiológicas de Vacas Holandesas ao Clima de Jaboticabal, São Paulo*.

## Literatura recomendada

SALIMOS, E. P.; ROSA, L. C. de A.; ANDRADE, A. T. de; MANGERONA, A. M.; PACHECO, M. R. Algumas reações fisiológicas de vacas holandesas ao clima de Jaboticabal, São Paulo. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, Brasília, v. 16, n. 4, p. 573-578, jul./ago. 1981.



# ROSEMARY MORAES FERREIRA VIÉGAS

(1949–1992)<sup>1</sup>

*Antônio Ribeiro Lopes Sobrinho*

*Ari Pinheiro Camarão*

*Augusto Rodrigues Filho*

*Eduardo Yassuhiro Ohashi*

*Joaquim Ivanir Gomes*

*Leopoldo Brito Teixeira*

*Mauro Farias Gato*

*Walter Cardoso*



Foto: Tatiana Sá



Rosemary nasceu na cidade de Belém, estado do Pará, em 16 de julho de 1949, primogênita de Américo dos Santos Ferreira e Maria de Nazaré Moraes Ferreira. Foi casada com o engenheiro-agrônomo Ismael de Jesus Matos Viégas, com quem teve os filhos: Ingrid Luzia Ferreira Viégas, formada em psicologia e administração escolar, hoje mãe de Júlia Viégas Ferreira; Ulisses Ferreira Viégas, formado em arquitetura; Pablo Ferreira Viégas, formado em informática.

Estudou desde o primário no Colégio Visconde de Souza Franco, onde concluiu o curso colegial industrial (agrimensura) em 1966, e o estágio supervisionado de quarta série em 1967. Colou grau de técnica em agrimensura em 1967. Passou no vestibular da Escola de Agronomia da Amazônia em 1968 e graduou-se em 1971.

Durante o curso de agronomia, realizou vários estágios, dentre os quais o realizado na Sessão de Climatologia Agrícola do então Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), e na sessão de Botânica do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus, no início de 1971.

Passou em concurso promovido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e obteve convites para outros órgãos, mas optou por iniciar suas atividades em fevereiro de 1971 como pesquisadora responsável pela Seção de Estatística do então Ipean. Nessa fase, recebeu vários treinamentos, destacando-se na Seção de Estatística do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Centro Sul (Ipeacs), em Itaguaí,

<sup>1</sup> Texto adaptado de Lopes Sobrinho et al. (2016).



Rio de Janeiro, e no Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do Pará (Idesp), onde escreveu uma monografia sobre o açai.

Com a criação da Embrapa, foi contratada pela nova empresa, atuando inicialmente em Belém. Em seguida, foi transferida para o Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê, recém-criado pela Embrapa em Manaus. Posteriormente voltou a Belém, em 1977, inicialmente desempenhando função de pesquisadora no convênio voltado à heveicultura, da Embrapa com a então Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (FCAP). Finalmente passou a integrar o quadro de pesquisadores da atual Embrapa Amazônia Oriental, como chefe ou chefe substituta da Seção de Estatística Experimental.

Em sua fase profissional, publicou numerosos artigos científicos e participou de inúmeros e relevantes grupos de trabalho. Em sua vida cidadã, participou de ações voltadas à melhoria das condições da mulher e dos direitos humanos. No campo artístico-literário, gostava muito de música, em particular da popular brasileira, e curti escrever poesias, algumas das quais reunidas no livro *De Poesia*, publicado em 1990.

Era uma pessoa sonhadora, imaginava sempre dispor, em um futuro tangível, de ferramentas que então pareciam ficção científica, na área da comunicação. Infelizmente não chegou a usufruir de algumas que se aproximavam de seus sonhos, como, por exemplo, o Google, que ficaram disponíveis logo após seu prematuro e brusco falecimento, no dia 28 de outubro de 1992, deixando um grande rastro de saudade e perplexidade na família e entre os amigos e colegas de trabalho.

O prédio onde se concentram os pesquisadores da área florestal da Embrapa Amazônia Oriental recebeu a designação de Pavilhão Rosemary Moraes Ferreira Viégas durante a gestão de Dilson Augusto Capucho Frazão (1991–1996).

## Referência

LOPES SOBRINHO, A. R.; CAMARÃO, A. P.; RODRIGUES FILHO, A.; OHASHI, E. Y.; GOMES, J. I.; TEIXEIRA, L. B.; MAURO GATO, M. F.; CARDOSO, W. **Engenheiros Agrônomos Turma 1971: 45 anos**: Escola de Agronomia da Amazônia. Belém, PA, 2016. 260 p.

## Literatura recomendada

SÁ, T. D. de A. RO-NI-TA. In: LOPES SOBRINHO, A. R.; CAMARÃO, A. P.; RODRIGUES FILHO, A.; OHASHI, E. Y.; GOMES, J. I.; TEIXEIRA, L. B.; MAURO GATO, M. F.; CARDOSO, W. **Engenheiros Agrônomos Turma 1971: 45 anos**: Escola de Agronomia da Amazônia. Belém, PA, 2016. p. 128-129.



# ARMANDO KOUZO KATO

(1949–2000)

*Karina Kato Carneiro*



Foto: Arquivo Embrapa



No dia 28 de julho de 1949, em Belém, PA, nascia Armando Kouzo Kato. Oscarina Chieko Kato (1927–1989), sua mãe, deu à luz por meio de parto normal, na Santa Casa de Misericórdia. Ainda com poucos dias de nascido, viajou com a família para Barcarena, PA, onde viviam do sustento da agricultura, juntamente com demais primos e tios, como pequenos produtores.

Filho de pais japoneses, oriundos da imigração após a Segunda Guerra Mundial, Oscarina e Paulo Yoshiro Kato (1927–2004), que chegaram ao Brasil ainda crianças, casaram-se em Belém e tiveram três filhos: Fátima, Armando e Celeste.

Quando criança, adorava andar de bicicleta e comer frutas, como laranja, manga e melancia. Aos 7 anos foi morar em Belém e lá permaneceu durante sua adolescência e juventude. Estudou na Escola Estadual Paes de Carvalho até o Ensino Médio, no qual gostava de estudar disciplinas como matemática e biologia. Em 1969, fez vestibular para agronomia na atual Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra), onde cursou toda a sua graduação até 1972.

Logo em seguida, ingressou na carreira de pesquisador na atual Embrapa Amazônia Oriental, onde atuava no setor de melhoramento de plantas em Belém, PA. Em 1974, conheceu Hilda Maria Bevilaqua Gama, com a qual se casou em 1975. Dessa união nasceram duas filhas: Carolina Gama Kato (1977) e Karina Gama Kato (1979).

Pessoalmente era muito tranquilo, no cotidiano do lar sempre estava lendo jornal ou revistas. Adorava viajar e relaxar na praia, pois o mar transmitia



tranquilidade e permitia apreciar suas comidas favoritas: peixe, caranguejo e camarão. Mostrava-se presente na educação das filhas e seu exemplo como profissional era um motivo de orgulho para a família. Hilda era dona de casa e encarregava-se das tarefas do lar, mas sempre buscava dar apoio ao esposo.

Cursou mestrado em Fitotecnia (1976–1978) na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Piracicaba, SP), tendo como linha de pesquisa melhoramentos no cultivo da pimenta-do-reino. Quando retornou para Belém, atuou em alguns setores da Embrapa, no estudo do cultivo de frutíferas, guaranazeiro, cafeeiro e outras. Na sequência, o doutorado em Ecologia (1989–1992) foi feito no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus, AM, onde desenvolveu a tese sobre a castanha-do-pará.

No retorno a Belém, continuou na referida função de pesquisador e acompanhou projetos como o cultivo da pimenta-do-reino sob sistema sombreado, desenvolvido por meio do convênio entre a Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica) e a Embrapa Amazônia Oriental. Foi por meio desse convênio que Armando, em viagem para a República Dominicana, trouxe as mudas de gliricídia que, pela falta de madeira naquele país, eram utilizadas como estacas para pimenta-do-reino, iniciando os primeiros plantios em 1995, em Belém e Tomé-Açu. Outra experiência de Armando foi a introdução do neen no Campo Experimental do Km 23 e com produtores, no município de Altamira, em 1999.

Para Armando, ser pesquisador era muito gratificante, pois permitia buscar novas alternativas de aprimorar o cultivo de espécies e transferir conhecimento à comunidade científica, fazia essa função com muita dedicação e satisfação em face dos resultados obtidos.

Pode-se dizer que, nas demais funções, também cumpriu o seu papel brilhantemente, foi um filho responsável, um pai amoroso e um esposo dedicado. Porém, em uma manhã de quinta-feira, no dia 24 de agosto de 2000, um AVC hemorrágico encerrou sua missão no planeta Terra e juntou-se ao lado do Pai.

Em 4 de maio de 2001, como parte das comemorações dos 62 anos da criação do Instituto Agrônomo do Norte, o chefe-geral da Embrapa Amazônia Oriental, Emanuel Adilson Souza Serrão, denominou o Auditório Armando Kouzo Kato, localizado no Pavilhão de Pesquisa.



# OLINTO GOMES DA ROCHA NETO

(1950–2013)

*Izabel Cristina Drulla Brandão*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=eDsU1SPQIvc>



O linto Gomes da Rocha Neto, nascido em 23 de fevereiro de 1950, iniciou sua carreira em 1973, no Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), um ano depois de graduado em Agronomia pela Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, a atual Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra).

Quando o Ipean foi encampado pela Embrapa, Olinto foi admitido na Empresa em 2 de janeiro de 1974. Na Embrapa Amazônia Oriental, exerceu os cargos de pesquisador e por duas vezes foi coordenador de Núcleo de Apoio a Pesquisa e Transferência de Tecnologia (Napt): a primeira no Napt Médio Amazonas, de junho de 2004 a abril de 2007, e a segunda no Napt Belém-Brasília, de abril de 2007 até aposentar-se em agosto de 2009, após 36 anos de trabalho na instituição.

Mestre em Ciências Agrárias (Fisiologia Vegetal) pela Universidade Federal de Viçosa (1979) e doutor em Ciências Biológicas (Fisiologia Vegetal) pela Universidade Estadual de Campinas (1989), após a aposentadoria Olinto passou a atuar como professor do Curso de Tecnologia do Agronegócio da Faculdade de Castanhal (FCAT), consultor técnico do Instituto de Assistência Técnica, Extensão e Desenvolvimento Rural Sustentável da Amazônia (Idam) e membro da Comissão Assessora de Avaliação da Área de Tecnologia em Agronegócio para o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) 2013. Sua última obra foi o capítulo Agricultura Familiar no Território do Nordeste Paraense no livro *Transferência de tecnologia e construção do conhecimento*, lançado pela Embrapa em 2013.



O projeto de domesticação da pimenta-longa (*Piper hispidinervium* C. DC), planta da biodiversidade amazônica, destaca-se entre os principais trabalhos de Olinto Rocha Neto, neste caso em cooperação com a Embrapa Acre (Rio Branco, AC) e o Museu Paraense Emílio Goeldi. O estudo valorizou a espécie como uma rica fonte sustentável de safrol, um óleo essencial que pode ser obtido a partir das folhas e ramos finos da pimenta-longa mediante destilação, com uso na indústria farmacêutica, de cosméticos e de inseticidas naturais. Se a biodiversidade amazônica é falada por muitos de forma abstrata, Olinto se preocupou em transformá-la em uma alternativa econômica concreta para os pequenos produtores, do plantio da pimenta-longa até o processo de beneficiamento, como ocorreu na comunidade Acorda Jabuti, no município de Igarapé-Açu, PA. Com o passar do tempo, infelizmente, a escassez de recursos, falta de pessoal de apoio e o desinteresse das indústrias levaram à descontinuidade da atividade.

O pesquisador também brilhou na área esportiva. Nas décadas de 1960–1970, foi atleta de futsal da Tuna Luso, Paysandu, São Domingos, Grêmio Santa Terezinha e Seleção Paraense.

Olinto faleceu em Belém, PA, na manhã do dia 11 de novembro de 2013, em decorrência de problemas cardíacos. Em sua homenagem, o restaurante da Embrapa Amazônia Oriental passou a se chamar “Olinto Gomes da Rocha Neto” em 14 de janeiro de 2015, na gestão de Adriano Venturieri. A cerimônia da inauguração do novo prédio contou com a presença dos filhos e inúmeros amigos do pesquisador – sempre lembrado por sua competência e dedicação à profissão, em especial no campo da agricultura familiar, além de reconhecido como um anfitrião de primeira, sempre simpático, hospitaleiro e prestativo.



# SILVIO LEOPOLDO LIMA COSTA

(1953–2007)

*Izabel Cristina Drulla Brandão*



Foto: Jean Kleber



**S**ilvio Leopoldo Lima Costa dedicou-se com paixão e competência aos livros, à literatura e à música. Poeta e compositor, bacharel em Biblioteconomia (1975) e Direito (1981) pela Universidade Federal do Pará, aos 23 anos de idade começou a trabalhar na Embrapa, onde atuou por três décadas.

Como bibliotecário da Embrapa Amazônia Oriental, em Belém, PA, uma de suas contribuições mais valiosas para a instituição foi definir quais publicações do acervo se enquadravam na classificação de obras raras – algo que ainda não tinha sido feito no Sistema Embrapa de Bibliotecas.

Foram identificadas 325 raridades que tornam mais rico o estudo da história das ciências e da pesquisa científica. O trabalho resultou na publicação *O Acervo Raro da Biblioteca Milton de Albuquerque, da Embrapa Amazônia Oriental*, lançada em 2004, escrita por Silvio Leopoldo em coautoria com a bibliotecária Isanira Coutinho Vaz Pereira, também da Embrapa.

O dom artístico de Silvio Leopoldo rendeu-lhe reconhecimento e inúmeros prêmios em festivais e concursos musicais e literários, especialmente no Pará, estado natal, e no Amapá, onde passou a infância e juventude. Era comum que chegasse à fase final desses eventos, classificando-se em primeiro lugar inúmeras vezes.

Destacou-se no movimento cultural e artístico que, do final dos anos 1990 até meados dos 2000, de forma memorável, aproximava os empregados da Embrapa de todo o Brasil por meio do *Festival Arte & Cidadania*. Silvio Leopoldo teve poemas, músicas e contos vencedores nacionalmente nesse evento bienal.

Em 2001, no segundo festival, ganhou o primeiro lugar na categoria Poesia com o poema *Mãe*. Na quarta edição, em 2005, venceu com o poema *O quarto* (que sugeria ser lido ao som de *Rachelita*, do compositor santareno Wilson Fonseca, o Maestro Isoca), além de ter chegado à final com *Lua de Ajuruteua* (música) e *O leitor* (conto).



O primeiro livro publicado foi *Primeiras Poesias* (1968), escrito aos 14 anos, seguido de *Velas do meu Mar* (1970); *Lira Ligeira* (1977); *Era uma Vez num Fundo de Gaveta* (1990); *Cantares do Bordel* (1999), *Cruz Gamada* (2002), sobre a tragédia do Holocausto, e o último, *Evocação de Ajuruteua* (2007).

Participou das antologias *Poetas Brasileiros de Hoje* (1982); *Escritores Brasileiros – Volume 2* (1984); *Antologia Poética de Cidades Brasileiras* (1985); *Coletânea Amapaense* (1988); *Penumbra y Amanecer*, editado pelo Centro de Estudos Poéticos de Madrid, Espanha (2002); *Macapá, Recortes Poéticos* (2002) e *Antologia Poética – Embrapa Amazônia Oriental* (2003). Foi finalista do *I Festival Universitário de Música e Poesia do Pará* (1974) e conquistou primeiro e segundo lugares no *V Festival da Canção Amapaense* (1975). Além disso, algumas composições de sua autoria (muitas das quais sambas) foram gravadas em disco.

Destacou-se também como sindicalista. Foi presidente da seção paraense do Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Pesquisa e Desenvolvimento Agropecuário (Sinpaf), em cuja sede, na Embrapa, em Belém, há uma biblioteca com seu nome, inaugurada na gestão de Adalberto Neri.

Durante a presidência de Sidney Itauran Ribeiro no Sinpaf/PA concretizou-se a homenagem a Silvío Leopoldo, a pedido do sindicato e chancelada pelo chefe-geral da Embrapa Amazônia Oriental da época, Claudio José Reis de Carvalho: em 16 de janeiro de 2006, a Casa de Trânsito “Presidente Silvío Leopoldo” foi inaugurada, com a missão de alojar empregados dos Núcleos de Apoio a Pesquisa e Transferência de Tecnologia (Napts) instalados no interior do Pará quando de passagem por Belém.

Filho de Hermógenes Costa e Wanda Lima Costa, nascido em 25 de janeiro de 1953, Silvío Leopoldo viria a falecer no dia 12 de outubro de 2007, exatamente três dias depois do lançamento do livro *Evocação de Ajuruteua* – evento literário que simbolizou a tenacidade de sua luta pela vida e, mais ainda, seu último ato de amor, reverência e entrega à poesia, a dimensão onde sempre se sentiu em casa.

## Literatura recomendada

BARROS, P. T. **Homenagem a Silvío Leopoldo**. 17 out. 2007. Disponível em: <http://escritoresap.blogspot.com.br/2007/10/homenagem-slvio-leopoldo.html>. Acesso em: 28 maio 2018.

LEOPOLDO, S. **Evocação de Ajuruteua**. Belém, PA: [s.n.], 2006. 88 p.

COSTA, S. L. L. **Cantares do bordel**. Belém, PA: [s.n.], 1999. 88 p.



# BIOGRAFIAS DE OUTROS PERSONAGENS DISPONÍVEIS EM PUBLICAÇÕES

---

---



**P**ersonagens que contribuíram para o Instituto Agrônômico do Norte (IAN), o Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), o Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido (CPATU) e a Embrapa Amazônia Oriental.

## **Enéas Calandrini Pinheiro (1880–1945)**

Foi o construtor das instalações do IAN e presidiu a inauguração por ocasião da visita do presidente Getúlio Vargas em 7 de outubro de 1940.

HOMMA, A. K. O. **Enéas Calandrini Pinheiro**: Biografia. 2. ed. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2007. 54 p.

## **Carlos Estevão de Oliveira (1880–1946)**

A Estação de Piscicultura Carlos Estevão de Oliveira, da Embrapa Amazônia Oriental, recebeu essa denominação em homenagem a este pesquisador pioneiro na piscicultura na Amazônia. Na gestão de Carlos Estevão de Oliveira no Museu Paraense, iniciou-se a construção de lagos e canais para a criação de várias espécies de tartarugas fluviais, pirarucu e outras espécies de peixes amazônicos.

BORGES, R. **Vultos notáveis do Pará**. 2. ed. Belém, PA: CEJUP, 1986. 449 p.

CUNHA, O. R. **Talento e atitude**: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi. Belém, PA: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989. 159 p. (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira).

LEITE, R. A. O. **Difusão da ciência moderna em instituições de ciência e tecnologia**: um estudo de caso – o Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, PA: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993. 103p. (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira).

ROCQUE, C. **Grande enciclopédia da Amazônia**. Belém, PA: Amazônia Editora, 1967. 6v.



## Adolpho Ducke (1876–1959)

Adolpho Ducke foi um botânico mundialmente conhecido, trabalhou no IAN a partir de 1941, tendo colaborado até a data do seu falecimento, em 5 de fevereiro de 1959. Há diversas pequenas biografias que estão necessitando de uma síntese da sua contribuição.

EGLER, W. Adolpho Ducke: traços biográficos, viagens e trabalhos. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Botânica, n. 18, p. 5-129, maio 1963.

FLOREZ, L. M. S.; SCHEINER, T. C. Adolpho Ducke e a coleção viva da representação da região amazônica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL CULTURA MATERIAL E PATRIMÔNIO DE C&T, 4., 2016, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia, 2016. p. 538-555. Disponível em: [http://site.mast.br/hotsite\\_anais\\_ivspct\\_2/pdf\\_03/30%20%2021%20texto%20completo%20REVISTO.pdf](http://site.mast.br/hotsite_anais_ivspct_2/pdf_03/30%20%2021%20texto%20completo%20REVISTO.pdf). Acesso em: 23 jan. 2018.

MIRANDA, I. P. de A. Adolpho Ducke: uma visão de conservação da Amazônia. **Acta Amazonica**, v. 29, n. 3, p. 501, set. 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0044-59671999000300501&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0044-59671999000300501&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 18 jan. 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1809-43921999293501>.

PIRES, J. M. Dr. Adolfo Ducke (1876–1959). **Boletim Técnico. IAN**, n. 36, p. 161-162, dez. 1959.

## Paulo Plínio Baker de Abreu (1921–1959)

Foi admitido em 1941 pelo IAN, onde exerceu funções de bibliotecário-chefe, tradutor e secretário de Diretoria. Formou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Pará em 1944 e dirigiu a Biblioteca do IAN por cerca de 18 anos. Os seus poemas publicados em jornais e revistas locais tornaram-se, postumamente, motivo de dissertações de mestrado.

ABREU, P. P. B. de. **Poesia**. Belém, PA: UFPA, 1978. Prefácio e notas de Francisco Paulo Mendes.

ABREU, P. P. B. de. **Poesia**. 2. ed. Belém, PA: EDUFPA, 2008.

BASSALO, C. C. **Três sentidos fundamentais na obra de Paulo Plínio Abreu**. Belém, PA: Edufpa, 2008.

FENSKE, E. K. **Paulo Plínio Abreu - o navegante sem porto**. 3 set. 2013. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2013/09/paulo-plinio-abreu-o-navegante-sem-porto.html>. Acesso em: 13 out. 2018.

GOUVEIA, W. S. **O caos e natureza no lirismo de Paulo Plínio Abreu**. 2012. 92 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Universidade da Amazônia, Belém, PA.

## Álvaro Adolfo da Silveira (1882–1959)

Cearense, advogado, deputado estadual (1912–1916), senador (1924–1930; 1946–1959) e criador de gado zebu no Marajó, apoiava e acompanhava as pesquisas do IAN. O local onde estão localizadas as pesquisas com o rebanho bubalino recebeu a denominação de Fazenda Álvaro Adolpho em homenagem a este ilustre político.

Destacou-se na defesa do desenvolvimento econômico da Amazônia, tendo sido o autor do anteprojeto do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, proposta que tramitou por mais de 3 anos na Câmara dos Deputados e que viria a se transformar na Lei nº 1.806, promulgada em janeiro de 1953. Elaborou o projeto do Fundo de Valorização da Amazônia, que visava a atender à execução do Plano de Valorização por meio de contribuições constitucionais de 3% da renda tributária da União relativa aos estados, territórios e municípios da região amazônica. É de sua autoria o projeto de criação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA). Instalado em Belém no mês de julho de 1953, o órgão estava diretamente subordinado ao presidente da República e seu objetivo era executar o Plano de Valorização.

ALVARO Adolfo da Silveira. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alvaro-adolfo-da-silveira>. Acesso em: 27 dez. 2018.

BORGES, R. **Vultos notáveis do Pará**. 2. ed. Belém, PA: CEJUP, 1986. 449 p.

BRASIL. Congresso. Senado Federal. **Dados biográficos dos senadores do Pará 1826-2001**. Brasília, DF, 2001. 136 p. (Série dados biográficos dos senadores por estado, v. 9).

## Felisberto Cardoso de Camargo (1896–1977)

Foi o primeiro diretor do IAN. A vida de Felisberto Cardoso de Camargo está bem documentada no livro escrito por Ferreira e Quadros (Andrade, 2006), que torna uma leitura recomendável para todos que querem entender a Amazônia.

ANDRADE, E. B. (Ed.). **O homem que tentou domar o Amazonas**: biografia do cientista Felisberto Camargo, polêmico, ousado e futurista. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2006. 229 p.

## João Murça Pires (1917–1994)

Botânico conhecido mundialmente, trabalhou no IAN no período de 1945 a 1975. Vale a pena ler a biografia escrita por Pedro Luiz Braga Lisboa e Samuel



Soares de Almeida (1958–2011), ambos do Museu Paraense Emílio Goeldi. O Laboratório de Botânica João Murça Pires foi inaugurado em 3 de junho de 1996, durante a gestão de Dilson Augusto Capucho Frazão, e abriga o Herbário IAN, terceiro maior da região amazônica.

LISBOA, P. L. B.; ALMEIDA, S. S. João Murça Pires (1917–1994), um pioneiro da botânica amazônica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Botânica, v.10, n. 2, p. 129-166, 1994.

### Waldemar Saffioti (1922–1999)

Trabalhou como químico no IAN no período de abril de 1944 a dezembro de 1945. Quando deixou o IAN, foi convidado pela Companhia Editora Nacional para escrever, em colaboração com o Prof. Geraldo Camargo de Carvalho, três livros de Química para os três anos do curso científico, os quais foram extensivamente adotados por cerca de 20 anos no País, durante as décadas de 1950 e 1970. Foram vendidos mais de 600 mil exemplares. Inclusive o editor técnico desta obra estudou nos três livros durante o curso científico e somente descobriu que trabalhou no IAN quando iniciou suas atividades no Instituto de Pesquisa Agropecuária da Amazônia Ocidental, em 1971, hoje, Embrapa Amazônia Ocidental.

MASSANI, A. C.; MELIOS, C. B.; FRANCO, D. W. In memoriam. **Química Nova**, v. 22, n. 4, p. 630-631, July 1999. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-40421999000400024&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-40421999000400024&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 16 jan. 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-40421999000400024>.

### Harald Felix Ludwig Sioli (1910–2004)

Trabalhou no IAN no período de setembro de 1945 a novembro de 1953, onde desenvolveu pesquisa sobre a sedimentação do Rio Amazonas, a qual se tornou clássica e iria dar apoio ao projeto de colmatagem das várzeas do Baixo Amazonas por Felisberto Cardoso de Camargo. Há pequenas biografias que constam em publicações diversas, necessitando ser ampliadas, pelo grande trabalho desenvolvido, sobretudo em colaboração com o Inpa.

JUNK, W.; MELLO, J. A. S. N. de; PIEDEDE, M. T. F. Memória: Dr. Harald Felix Ludwig Sioli. **Acta Amazonica**, v. 34, n. 4, 2004. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0044-59672004000400002>.

SIOLI, H. 50 anos de pesquisas em limnologia na Amazônia. **Acta Amazonica**, v. 36, n. 3, p. 287-298, 2006. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0044-59672006000300001>.

## Walter Baptist Mors (1920–2008)

Trabalhou como químico no IAN, no período de 1943 a 1947. Havia um núcleo muito forte em química orgânica para atender aos trabalhos com a seringueira.

LEITÃO, S. G. In memoriam - Walter Baptist Mors - 1920 - 2008. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, n. 4, 2008. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-695X2008000400001>.

## Guilherme Pantoja Calandrini de Azevedo (1943–2014)

Graduou-se em agronomia na Faculdade de Ciências Agrárias do Pará em 1974, ingressando na Embrapa em 1976. Concluiu o mestrado em zootecnia na Escola Superior de Agricultura de Lavras em 1985.

Há uma excelente autobiografia publicada em 2013, no qual descreve a sua vida, provavelmente prevendo a sua morte, devido a um câncer. A sua leitura é aconselhável para servir de modelo para outros registrarem os acontecimentos da pesquisa agrícola na Amazônia.

AZEVEDO, G. P. C. de. **Memórias de um Calandrini**. Belém, PA, 2013. 74 p.





## **BIOGRAFIAS QUE SERÃO PUBLICADAS NO SEGUNDO VOLUME DESTA OBRA**

---

---



### **Natalina Tuma da Ponte (1931–2015)**

Criadora da variedade de feijão-caupi Ipean V-64 (popularmente conhecida como Quebra-Cadeira), que foi muito utilizado no Nordeste Paraense. Trabalhou no IAN e posteriormente na Faculdade de Ciências Agrárias do Pará.

### **Heriberto Antônio Marques Batista (1935)**

Agrônomo formado na Escola de Agronomia da Amazônia em 1961, iniciou suas atividades no Ipean em 1962, incorporando-se à Embrapa em 1975. cursou mestrado em Zootecnia na Escola Superior de Agricultura de Lavras, concluindo em 1979, tendo dedicado longo tempo na Estação Experimental do Baixo Amazonas (Maicuru).

### **Nazira Leite Nassar (1936–198?)**

Formada em Biblioteconomia na Universidade Federal do Pará em 1967. Uma escola maternal já extinta que era sediada na Embrapa Amazônia Oriental recebeu nome de Escola Nazira Leite Nassar.

### **Milton Paulino da Costa (1936)**

Formado em Química Industrial em 1972 na Universidade Federal do Pará.

### **Wilson Carvalho Barbosa (1938)**

Paraense, formado em Química Industrial na Universidade Federal do Pará em 1972, dedicou-se na área de tecnologia de alimentos do CPATU.



### **Raimundo Silva Rego (1939–1999)**

Maranhense. O prédio anexo ao laboratório de solos recebeu a designação de Pavilhão Silva Rego. Recebeu homenagem póstuma da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, em 1999.

### **Maria Regina Freire Moller (1945–2000)**

Ingressou na Embrapa em 1975. Nasceu em Hamburgo, Alemanha, em 1º de janeiro de 1945. Possui graduação em Química Industrial pelo Departamento de Química da Universidade Federal do Pará (1966), mestrado em Agronomia (Fitotecnia) pelo Departamento de Horticultura e Silvicultura, defendido em junho de 1981 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e doutorado pela Universidade Federal do Pará (1991). Trabalhou inicialmente no Instituto de Desenvolvimento Econômico Social do Pará (Idesp), posteriormente no então Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Ocidental, em Manaus, e na atual Embrapa Amazônia Oriental, na área de solos.

### **Maria do Socorro Andrade Kato (?–2006)**

Foi admitida na Embrapa em 1979, iniciando suas atividades na Uepae Altamira. Agrônoma formada na Faculdade de Ciências Agrárias do Pará em 1978, cursou mestrado em Fitotecnia na Escola Superior de Agricultura de Lavras, concluindo em 1987, e doutorado em Agronomia na Georg-August-Universität Göttingen, no Institut of Agriculture in the Tropics, em Goettingen, Alemanha, concluindo em 1998.

### **Paulo Choji Kitamura (1953–2007)**

Graduou-se em Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal do Paraná (1975), fez mestrado em Economia Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1981) e doutorado em Economia pela Universidade Estadual de Campinas (1994). Foi pesquisador da Embrapa desde 1981, atuando inicialmente na Embrapa Amazônia Oriental e desde 1994 na Embrapa Meio Ambiente, tendo experiências acumuladas em pesquisas ambientais das áreas rurais e em gestão do sistema de pesquisa agropecuária. Teve como temas de interesse as políticas públicas para o desenvolvimento sustentável da agricultura, a agricultura familiar e gestão ambiental territorial e, temas emergentes tais como a bioenergias e a agroecologia. Em 2006, atuou como professor e orientador no curso de mestrado em Agroecologia e

Desenvolvimento Rural, um programa conjunto da Universidade Federal de São Carlos/Campus de Araras e da Embrapa Meio Ambiente.

### **Damásio Coutinho Filho (?–2007)**

Formado em Agronomia na Escola de Agronomia da Amazônia em 1968, ingressou na Embrapa em 1982. cursou mestrado em Extensão Rural na Universidade Federal de Viçosa, concluindo em 1981.

### **Permínio Pascoal Costa Filho (194?–2010)**

Maranhense, ingressou na Embrapa em 1978, graduado em engenharia florestal na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em 1970, concluiu o mestrado em Economia Florestal em 1983, no Instituto Agronômico de Montpellier, Montpellier, França.

### **José Paulo Chaves da Costa (1958–2011)**

Ingressou na Embrapa em 1979. Formou-se em agronomia pela Universidade Federal Rural da Amazônia (1987) e fez mestrado em Agronomia (Genética e Melhoramento de Plantas) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1996).

### **Emir Palmeira Imbiriba (?–2016)**

Pelos trabalhos desenvolvidos e publicados têm experiência na área de piscicultura tropical, com ênfase no cultivo do pirarucu em cativeiro. Foi inscrito no Livro do Mérito do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Pará (Crea-PA), em 2016, pelos seus relevantes trabalhos com a piscicultura na Amazônia. Formou-se em agronomia pela então Faculdade de Ciência Agrárias do Pará, em 1972, e concluiu o mestrado em Ciência Animal pela Universidade Federal do Pará, em 2001. Atuou como pesquisador em recursos pesqueiro da Amazônia e professor colaborador na Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, durante o período de 1974 a 1981, ingressando no CPATU em 1983 durante a gestão de Cristo Nascimento (1982–2007).

### **Maria de Nazaré Magalhães Santos**

Eficiente revisora gramatical da Embrapa Amazônia Oriental, faleceu vitimada de câncer após longo tratamento.



## **Edson José Artiaga de Santiago**

Iniciou suas atividades na Embrapa em 1974, como desenhista, graduando em Agronomia na Faculdade de Ciências Agrárias do Pará em 1985. Concluiu o mestrado em Agronomia na Universidade Federal de Lavras em 1999.



# REGISTRO FOTOGRÁFICO



**Figura 1.** O local escolhido por Enéas Pinheiro para a sede do Instituto Agronômico do Norte, pertencente na época ao senador Álvaro Adolfo da Silveira, remonta a 1711 e fazia parte do Engenho Murutucu.

Foto: Grimoaldo Bandeira de Matos



**Figura 2.** Portão de entrada nos tempos do Instituto Agronômico do Norte.

Foto: Arquivo Embrapa



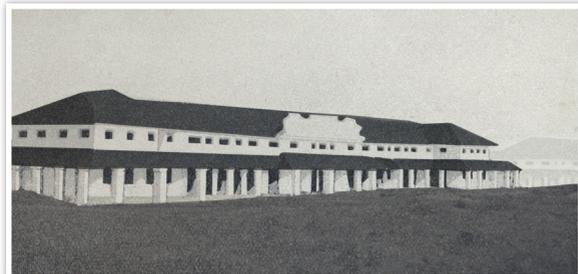
**Figura 3.** Portão de entrada antes da reforma, vindo-se o mastro principal em frente ao prédio principal.

Foto: Arquivo Embrapa



**Figura 4.** Aparência atual do portão principal antes da troca do nome para Embrapa Amazônia Oriental.

Foto: Arquivo Embrapa



**Figura 5.** Fachada do prédio principal em 1940, por ocasião da inauguração pelo presidente Getúlio Vargas.

Fonte: Adaptado de Brasil (1940).



**Figura 6.** Prédio principal já na fase Embrapa, ainda sem o mastro principal e a arborização no círculo.

Foto: Arquivo Embrapa



**Figura 7.** Prédio principal atual, vendo-se o busto de Felisberto Cardoso de Camargo e o mastro principal.

Foto: Grimoaldo Bandeira de Matos



**Figura 8.** Residência do diretor, vista de frente, por ocasião da inauguração pelo presidente Getúlio Vargas (1940).

Fonte: Adaptado de Brasil (1940).



**Figura 9.** Moderna casa destinada à residência do diretor, vista dos fundos, por ocasião da visita do presidente Getúlio Vargas, em 1940. Ver detalhe do cata-vento para bombear água.

Fonte: Adaptado de Brasil (1940).



**Figura 10.** Moderna casa destinada à residência do auxiliar, por ocasião da visita do presidente Getúlio Vargas, em 1940.

Fonte: Adaptado de Brasil (1940).



**Figura 11.** Vista de conjunto de casas de operários, por ocasião da inauguração pelo presidente Getúlio Vargas, em 1940, disponibilizadas em face da distância em que ficavam as dependências do Instituto Agronômico do Norte.

Fonte: Adaptado de Brasil (1940).



**Figura 12.** Vista das dependências da garagem, por ocasião da inauguração pelo presidente Getúlio Vargas, em 1940.

Fonte: Adaptado de Brasil (1940).



**Figura 13.** Vista geral do laboratório, por ocasião da inauguração pelo presidente Getúlio Vargas, em 1940.

Fonte: Adaptado de Brasil (1940).



**Figura 14.** Vista geral do laboratório, por ocasião da inauguração pelo presidente Getúlio Vargas, em 1940.

Fonte: Adaptado de Brasil (1940).



Foto: Arquivo  
Embrapa

**Figura 15.** Para rebater a internacionalização da Amazônia, criticada por Arthur César Ferreira Reis (1906–1993), por meio de Centros de Formação de Pessoal sugeridos por missão estrangeira americana, o presidente Humberto de Alencar Castello Branco (1900–1967) reafirmou a soberania nacional dessa região no dia 13 de junho de 1965, quando visitou o Ipean (antigo IAN e atual Embrapa Amazônia Oriental) acompanhado do governador Jarbas Gonçalves Passarinho (1920–2016), do prefeito de Belém Alacid da Silva Nunes (1924–2015) e do chefe da Casa Militar general Ernesto Geisel (1907–1996).



**Figura 16.** O presidente Getúlio Vargas planta um pé de seringueira nas dependências do Instituto Agronômico do Norte, por ocasião da inauguração, no dia 7 de outubro de 1940.

Fonte: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/Fundação Getúlio Vargas



## Referência

BRASIL. Ministério da Agricultura. Secretaria Geral. Serviço de Informação Agrícola. **As atividades agrícolas do Brasil em 1939**. Rio de Janeiro, 1940. 338p.









Amazônia Oriental



*Do Instituto Agrônômico do Norte à Embrapa Amazônia Oriental: personagens ilustres, tempo e memória (1939–2019)*

Este livro faz parte das comemorações dos 80 anos do Instituto Agrônômico do Norte (IAN), criado em 1939. A instituição e suas sucessoras foram precursoras de todas as Unidades da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) no Norte do País (exceto Tocantins). Contém relatos biográficos que servem de fio condutor para entender os avanços da pesquisa agrícola na Amazônia e na busca de uma utopia plausível de desenvolvimento para a região.



MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA, PECUÁRIA  
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA  
**BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL



CGPE 16081